



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA Escola Superior de Educação

Contributo da Animação Artística no desenvolvimento da literacia e na promoção da leitura

David Manuel Duro Afonso

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do
Grau de Mestre em Animação Artística

Orientado por
Professor Doutor João Lopes Marques Gomes

Bragança 2011

**Contributo da Animação Artística no desenvolvimento da literacia e
na promoção da leitura**

David Manuel Duro Afonso

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do
Grau de Mestre em Animação Artística**

**Orientado por
Professor Doutor João Lopes Marques Gomes**

Bragança 2011

DEDICATÓRIA

*À memória de meus pais:
David e Palmira*

*e irmão:
Francisco*

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Politécnico de Bragança, pela oportunidade de formação que me deu através do mestrado em Animação Artística. Uma palavra igualmente de agradecimento a todos os docentes deste mestrado.

Ao meu orientador de dissertação de mestrado, Prof. Doutor João Gomes, pela forma eficiente com que em minha opinião nos soube orientar nos bons e maus momentos, e ainda pelo seu incentivo constante à concretização deste objectivo.

À Direcção do Agrupamento de Escolas de Vidago, pela disponibilidade e apoio concedido na preparação e realização deste projecto.

À Câmara Municipal de Chaves pelo apoio prestado ao proporcionarem a apresentação do concerto “Quebra Nozes” aos alunos do 1º Ciclo.

Aos colegas da Escola Paulo Magalhães, Francisco Carreiro e particularmente à professora Cristina Martins, pelo apoio prestado no desenvolvimento do Projecto.

Aos alunos, deixo também aqui uma palavra de reconhecimento e agradecimento pela receptividade empenhamento com que aderiram às actividades do Projecto.

Aos Encarregados de Educação pelo incentivo e disponibilidade dos seus educandos no decorrer do Projecto.

Por fim, à Dona Lucinda Prazeres, pela sua disponibilidade com que efectuou a narrativa do conto oral com a qual presenteou os alunos.

RESUMO

A inclusão das expressões artísticas no currículo do ensino básico, tem vindo a contribuir para uma melhoria da expressão e comunicação no interior da comunidade escolar, favorecendo o desenvolvimento individual e colectivo dos seus destinatários, num ambiente propício ao ensino e aprendizagem.

O presente trabalho tem por base as experiências realizadas no âmbito do programa nacional de desenvolvimento da literacia e promoção da leitura, que decorreram sob a nossa responsabilidade na Biblioteca Escolar do Agrupamento de Vidago, através das actividades integradas no espaço «A hora do conto».

Esta investigação não foi estanque à nossa cultura popular, académica e pedagógica, o que influenciou o nosso itinerário, a nossa reflexão crítica, ajudada por diferentes perspectivas e vivências, como fonte permanente de indagação, de investigação e de acção.

ABSTRACT

Inclusion of artistic expressions in the basic education curriculum, has been contributing towards an improvement of expression and communication within the school community, promoting the individual and collective fulfillment of its recipients, in an environment favorable to teaching and learning.

This work is based on experiments carried out in the national development program of literacy and reading promotion which took place under our responsibility in the school library of Agrupamento de Vidago, through integrated activities in space called the "Story Time".

This investigation was not tight to our popular culture, academic and pedagogical, which influenced our itinerary, our critical reflection, aided by different perspectives and experiences, as a permanent source of inquiry, investigation and action.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
Lista de tabelas	X
Lista de gráficos.....	XIII
Lista das Figuras.....	XV
Lista dos Anexos.....	XVI
Lista de Abreviaturas, Siglas ou Símbolos Usados.....	XVII
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I	20
1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	21
1.1. Caracterização do Meio.....	21
1.2. Caracterização Demográfica.....	21
1.2.1. Actividades Económicas.....	21
1.2.2. Actividades Culturais.....	21
1.2.3. Caracterização do Agrupamento.....	22
1.2.4. Aspectos Humanos.....	23
1.2.4.1. Alunos.....	23
1.2.4.2. Pessoal Docente.....	24
1.3. Apresentação do Problema.....	25
1.3.1. Problema.....	25
1.3.2. Objectivos de Estudo.....	25
1.3.3. Questões de Investigação.....	26
CAPÍTULO II	27
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	28
2.1. Educação Artística.....	28
2.2. Objectivos da Educação Artística.....	29
2.3. As Artes no Currículo do ensino Básico.....	30
2.4. Promoção da Educação Artística.....	31
2.5. Conferência Nacional de Educação Artística.....	32
2.6. O Papel da Música na Educação Artística.....	33
2.7. Expressão Dramática/Teatro.....	36
2.8. Contextos de Literacia.....	37

2.9. O Que Significa Ler?.....	39
2.10. A Compreensão da Leitura.....	41
2.11. Plano Nacional da Leitura.....	45
CAPÍTULO III	47
3.METODOLOGIA	48
3.1. Investigação-Ação.....	49
3.2. Questionário.....	52
3.3. Registo Fotográfico.....	54
4. Projecto: “A hora do conto”.....	56
4.1. Actividades Desenvolvidas.....	58
4.1.1. 1ª Actividade: “A História de Pedrito Coelho” de Beatrix Potter e “Os Dois Coelhos” De Osopo.....	58
4.1.2. 2ª Actividade: “Não Acredito no Pai Natal” Adaptação de David Afonso.....	59
4.1.3. 3ª Actividade: “Ninguém dá prendas ao Pai Natal” de Ana Saldanha.....	60
4.1.4. 4ª Actividade: “Histórias de um Lápis Branco – O que é um Amigo” de Maria do Carmo e Mónica Dias.....	60
4.1.5. 5ª Actividade: “O Sapo Apaixonado” de Max Velthuijs.....	61
4.1.6. 6ª Actividade: “A Gata Borracheira/Cinderela”.....	61
4.1.7. 7ª Actividade: Feira do Livro.....	62
4.1.8. 8ª Actividade: Encontro com a escritora Ana Saldanha.....	63
4.1.9. 9ª Actividade: Viagem pela vida e obra de Beethoven.....	63
4.1.10. 10ª Actividade: “Quebra Nozes” de Tchaikovski.....	63
CAPÍTULO V	65
5. Caracterização da População.....	66
5.1. Questionário Inicial.....	66
5.2. 2º Questionário.....	71
5.3. Questionário aos Professores.....	71
CAPÍTULO VI	74
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	75
6.1. 1º Questionário aos Alunos.....	76
6.2. 2º Questionário aos Alunos.....	92
6.3. Questionário aos Professores.....	106
CONCLUSÃO E LINHAS DE ACTUAÇÃO	127
BIBLIOGRAFIA	130

ANEXOS..... 135

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 Principais características dos Jardins de Infância.....	22
Tabela 2 Principais características das EB 1.....	22
Tabela 3 População da EB 2;3 Vidago Chaves.....	23
Tabela 4 Qualificação Profissional dos docentes.....	24
Tabela 5 Distribuição da frequência da variável da idade dos alunos em estudo.....	66
Tabela 6 Género dos alunos.....	67
Tabela 7 Residência/localidade dos alunos.....	68
Tabela 8 Número de alunos por residência/localidade.....	70
Tabela 9 Distribuição de frequência da variável idade dos professores.....	71
Tabela 10 Género dos professores.....	72
Tabela 11 Residência/localidade dos professores.....	73
Tabela 12 Leitura preferida.....	76
Tabela 13 Leitura em casa.....	77
Tabela 14 Altura do dia em que os alunos costumam ler em tempo de aulas.....	78
Tabela 15 Altura do dia que os alunos costumam ler em tempo de férias	79
Tabela 16 Contar histórias a alguém.....	80
Tabela 17 De que forma os alunos gostam de ouvir histórias.....	81
Tabela 18 Utilização da BE.....	82
Tabela 19 Utilização dos recursos da BE das actividades escolares dos alunos.....	83
Tabela 20 O que mais gostam de fazer na BE.....	84
Tabela 21 Requisição de livros para ler.....	85
Tabela 22 Frequência de “A hora do conto”.....	87
Tabela 23 O que os alunos mais gostam de fazer nas sessões de “A hora do conto”.....	87
Tabela 24 Preferência da apresentação de "A hora do Conto" em outro local.....	88
Tabela 25 Local em que os alunos gostariam de ver apresentadas as actividades de “A hora do conto”.....	89
Tabela 26 O que os alunos mais gostam de fazer nas sessões de "A hora do conto".....	90
Tabela 27 Actividade que despertou mais atenção aos alunos	92
Tabela 28 Descrição da actividade pelos alunos.....	93
Tabela 29 Opinião dos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no despertar do gosto pela leitura.....	94

Tabela 30 Razões apontadas pelos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no despertar do gosto pela leitura.....	95
Tabela 31 Opinião dos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no melhoramento da leitura.....	96
Tabela 32 Opinião dos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no melhoramento da leitura.....	97
Tabela 33 Razões apontadas pelos alunos acerca do calendário e duração das sessões de “A hora do conto”.....	98
Tabela 34 Opinião dos alunos acerca da continuidade do projecto no próximo ano lectivo...	100
Tabela 35 Razões apontadas pelos alunos acerca da continuidade do projecto “A hora do conto” no próximo ano lectivo.....	100
Tabela 36 Sugestão de um livro.....	102
Tabela 37 Adjectivos que traduzem o gosto pela “A hora do conto”.....	103
Tabela 38 Razões apontadas pelos professores da integração das actividades de “A hora do conto” nas suas planificações para o desenvolvimento de competências de leitura	106
Tabela 39 Envolvimento dos professores nas histórias ou contos ao nível das competências da leitura e das literacias.....	108
Tabela 40 Colaboração dos professores em eventos culturais para o desenvolvimento de competências de leitura/literacias.....	109
Tabela 41 Colaboração dos professores em actividades relacionadas com o PNL.....	110
Tabela 42 Colaboração dos professores com as famílias no melhoramento das competências da leitura.....	111
Tabela 43 Classificação dada pelos professores ao trabalho realizado na “A hora do conto” no âmbito da leitura e literacia.....	112
Tabela 44 Parecer dos professores sobre os seus trabalhos no âmbito da promoção da Leitura.....	114
Tabela 45 Parecer dos professores na promoção da leitura literária e discussão sobre temas, autores e livros.....	115
Tabela 46 Parecer dos professores sobre realização de actividades diversificadas de	

leitura associadas a diferentes formas de comunicação e expressão.....	116
Tabela 47 Alvitre dado pelos professores quanto ao desenvolvimento de actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura.....	117
Tabela 48 Parecer dos professores sobre a sua mobilização para o desenvolvimento do PNL.....	118
Tabela 49 Parecer dos professores sobre o seu trabalho com recursos digitais.....	119
Tabela 50 Apreciação dos professores relativamente ao contributo de “A hora do conto” no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares dos alunos.....	120
Tabela 51 Opinião dos professores relativa ao impacto de “A hora do conto” nas competências dos alunos.....	121
Tabela 52 Actividades desenvolvidas na “A hora do conto” destacadas pelos professores.	123
Tabela 53 Sugestões dos professores acerca da continuação do projecto “A hora do conto”.	124
Tabela 54 Adjectivos atribuídos pelos professores à “A hora do conto”.....	125

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico Nº 1 - Género dos alunos.....	68
Gráfico Nº 2 - Género dos professores.....	73
Gráfico Nº3 - Leitura preferida.....	77
Gráfico Nº 4 - Leitura em casa.....	78
Gráfico Nº 5 - Altura do dia em que os alunos costumam ler no tempo de aulas.....	79
Gráfico Nº 6 - Altura do dia em que os alunos costumam ler no tempo de férias.....	80
Gráfico Nº 7 - Forma como gostam de ouvir histórias.....	82
Gráfico Nº 8 - Utilização da Biblioteca Escolar.....	83
Gráfico Nº 9 - Utilização dos recursos da Biblioteca nas actividades escolares.....	84
Gráfico 10 - O que mais gostam de fazer os alunos na Biblioteca.....	85
Gráfico 11 - Requisição de livros para ler.....	86
Gráfico 12 - O que mais gostam de fazer os alunos na "A hora do conto".....	88
Gráfico 13 - Local em que os alunos gostariam de ver apresentadas as sessões de "A hora do conto".....	90
Gráfico 14 - Actividades que os alunos gostariam de ver desenvolvidas na "A hora do conto".....	91
Gráfico 15 - Actividades que despertaram mais atenção.....	93
Gráfico 16 – Descrição das actividades dos alunos.....	94
Gráfico 17 - Razões apontadas pelos alunos acerca do projecto "A hora do conto no despertar do gosto pela leitura.....	96
Gráfico 18 - Opinião dos alunos acerca de "A hora do conto" no melhoramento da leitura...	98
Gráfico 19 - Razões apontadas pelos alunos acerca do calendário e as sessões de "A hora do conto".....	99
Gráfico 20 - Razões apontadas pelos alunos dos acerca da continuidade do projecto "A hora do conto".....	102
Gráfico 21 - Sugestão de um livro.....	103
Gráfico 22 - Adjectivo que traduzem o gosto pela "A hora do conto".....	105
Gráfico 23 - Razões apontadas pelos professores da integração das actividades de "A hora do conto" nas planificações para o desenvolvimento das competências de leitura.	107
Gráfico 24 - Envolvimento dos professores nas histórias ou contos ao nível das competências de leitura/literacias.....	108

Gráfico N° 25 - Colaboração dos professores em eventos culturais para o desenvolvimento de competências de leitura /literacias.....	110
Gráfico 26 - Colaboração dos professores em actividades relacionadas com o PNL.....	111
Gráfico 27 - Colaboração das famílias com os professores no sentido de melhoramento das competências da leitura.....	112
Gráfico 28 - Classificação dada pelos professores ao trabalho realizado na "A hora do conto" no âmbito da leitura e literacia.....	113
Gráfico 29 - Parecer dos professores sobre os seus trabalhos no âmbito da promoção da Leitura.....	114
Gráfico 30 - Parecer dos professores sobre os seus trabalhos no âmbito da promoção da Leitura.....	115
Gráfico 31 - Parecer dos professores sobre realização de actividades diversificadas de leitura associadas de diferentes formas de comunicação e expressão.....	116
Gráfico 32 - Alvitre dado pelos professores quanto ao desenvolvimento de actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura.....	117
Gráfico 33 - Parecer dos professores sobre o sua mobilização para o desenvolvimento do PNL.....	118
Gráfico 34 - Parecer dos professores sobre o seu trabalho com recursos digitais.....	119
Gráfico 35 - Apreciação do professores relativamente ao contributo da "A hora do conto" no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares dos alunos.....	121
Gráfico 36 - Opinião dos professores relativa ao impacto de "A hora do conto" nas competências dos alunos.....	122
Gráfico 37 - Actividades desenvolvidas na "A hora do conto" destacadas pelos professores.....	124
Gráfico 38 - Sugestões dos professores acerca da continuação do projecto "A hora do conto".....	125
Gráfico 39 - Adjectivos atribuídos pelos professores à "A hora do conto".....	126

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1 - Modelo contemporâneo da compreensão na leitura (Giasson, 1993).....	41
Figura 2 - Os momentos da Investigação-Ação (Kemmis, 1989).....	51

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Autorização dos Encarregados de Educação.....	136
Anexo 2	Calendarização de “A hora do Conto”.....	137
Anexo 3	Canção: “Pedrito Coelho”.....	139
Anexo 4	Canção: “Os Abraços”.....	140
Anexo 5	“Hino da Alegria”.....	141
Anexo 6	Questionário Inicial dos Alunos.....	142
Anexo 7	2º Questionário dos Alunos de Avaliação do Projecto.....	145
Anexo 8	Questionário aos Professores.....	147
Anexo 9	Autorização do Director para a aplicação dos questionários.....	150

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS OU SÍMBOLOS USADOS

BE	Biblioteca escolar
EA	Educação Artística
LBSE	Lei de Bases dos Sistema Educativo
PISA	Programme for International Student Assesment
PNL	Plano Nacional da Leitura
PPEB	Programa do Português do Ensino Básico
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

Numa sociedade em constante mutação, alicerçada na impossibilidade de prever o amanhã, os educadores não podem dar como terminado o seu processo formativo, alicerçando a sua acção numa perspectiva de formação permanente ou de uma formação «à roda da vida», como diria Nogueira (1990), nesse horizonte que torna inevitável viver num mundo globalizado.

Esta realidade tem-nos confrontado progressivamente com uma maior diversidade cultural, influenciada pelo aumento do fenómeno migratório, o que, para além de acrescentar novas possibilidades à sociedade também tem contribuído para a diluição dos problemas particulares. Apesar da rapidez vertiginosa das notícias a todo o momento do país e do mundo como sinal do progresso, as diferenças económicas, culturais, educacionais e sociais, entre países, são por demais evidentes. Não são esbatidas as assimetrias, inclusivamente, dentro do próprio país.

Neste mundo complexo e plural, marcado também de forma crescente por atitudes de intolerância, de marginalização, de criação de estereótipos de vária ordem, onde proliferam as manifestações de racismo e de xenofobia, torna-se necessário aprender a viver e a conviver numa sociedade multicultural em que a diversidade étnica, linguística, religiosa, cultural e social é uma realidade incontornável. Daí que tenhamos de aprender, de aprender a aprender e de aprender a ser, ou seja, a ver no outro, não um objecto de educação mas um sujeito, parceiro de negociação e de convivência e interlocutor no processo comunicacional.

O presente trabalho estimulou a nossa reflexão ao longo da experiência singular em que nos envolvemos, o que gerou um permanente questionamento sobre a nossa acção e pretende ser um modesto contributo, um projecto inacabado, que se baseia no modo como temos combinado os nossos conhecimentos, as nossas crenças e os nossos valores, com os procedimentos e as atitudes do dia-a-dia.

Este projecto, intitulado «Contributo da Animação Artística no desenvolvimento da literacia e na promoção da leitura», pretende contribuir para o conhecimento da temática em questão e a sua apresentação está dividida em seis capítulos.

O primeiro capítulo aborda a contextualização do estudo, tecendo considerações de forma sucinta sobre o meio, apresentando-se o problema e os objectivos que norteiam a presente investigação.

O segundo capítulo corresponde ao enquadramento teórico, no âmbito da Animação Artística, como área que contribui, de acordo com a sua especificidade, para o desenvolvimento harmonioso dos intervenientes nesse domínio, sendo tecidas também considerações sobre a área da literacia.

No terceiro capítulo são tratadas as questões metodológicas do estudo, o objecto de estudo e as técnicas de recolha de informação tentando fazer a síntese entre os modelos quantitativos e os modelos qualitativos pela investigação-acção, concebida como metodologia dinâmica. A técnica privilegiada para a recolha de dados foi o inquérito por questionário.

No quarto capítulo são descritas as actividades realizadas com os alunos do Agrupamento escolar de Vidago, no espaço «A hora do conto», projecto desenvolvido na Biblioteca da instituição e junto da comunidade local.

No quinto capítulo é feita a caracterização da população.

No sexto capítulo são apresentados e analisados os dados recolhidos recorrendo à análise qualitativa e quantitativa.

A sequência dos dados, e a sua análise hermenêutica, segue a ordem das questões apresentadas no questionário.

Na conclusão, são apresentadas algumas reflexões sobre o estudo e as implicações que as mesmas poderão ter noutras iniciativas com finalidades análogas.

CAPÍTULO I

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO

A Vila de Vidago é sede de freguesia desde 1925. Está situada na margem direita da Ribeira de Oura, 15 km da sede de Concelho (Chaves), ligada pela Estrada Nacional Nº 2.

O Agrupamento tem uma população distribuída pelas seguintes localidades: Adães; Agrações; Anelhe; Arcossó; Dorna; Fernandinho; Fornos; Loivos; Matosinhos; Oura; Pereiro de Agrações; Pereira de Selão; Santa Ovaia; Seixo; Selhariz; Souto Velho; Vale do Galo; Valoura; Valverde; Vidago; Vilarinho das Paranhos; Vila Verde; Vila do Conde e Vilas Boas.

1.2. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA

1.2.1. Actividades Económicas

A maior parte da população vive essencialmente da agricultura de subsistência, caracterizada pelo cultivo de pequenas terras.

É uma zona que evidencia algumas carências nos domínios da habitação, comunicação, saúde, agricultura e emprego. Apenas um pequeno número de pessoas vive da indústria da água, turismo e pequeno comércio.

1.2.2. Actividades Culturais

Como património cultural esta vila transmontana tem a igreja Matriz, capelas de S. Simão e do Cabo, Solar dos Machados (com brasão e capela), hotéis (Hotel Vidago e Vidago Palace Hotel), torre Miradouro com a capela do Couto, fontes romanas de mergulho e fontes públicas de águas termais.

As colectividades existentes na vila são: Vidago Futebol Clube, Clube de Golfe de Vidago, Clube de Caça e Pesca de Vidago, Associação Humanitária dos Bombeiros de Vidago, Casa de Cultura de Vidago e Grupo Desportivo da Ribeira d’Oura – Veteranos.

A Associação Cultural de Selhariz – freguesia próxima – procura desenvolver a sua acção no concelho com danças e cantares; a Banda Musical de Loivos dedica-se a concertos

filarmónicos a nível nacional e internacional sendo de salientar a participação de alguns alunos deste agrupamento nesta filarmónica.

1.2.3. Caracterização do Agrupamento

Cada Escola possui um edifício onde se encontram as salas de aulas e um espaço ao ar livre. Por vezes existem também átrios, abertos ou fechados, alpendres e outras dependências.

Na Educação Pré-Escolar existem três salas em funcionamento, no Agrupamento.

Tabela 1 – Principais características dos Jardins de Infância

Jardim de Infância	Espaço Envolvente	Número de Turmas	Número de alunos	Número de Educadores	Número de Auxiliares de Acção Educativa
Arcossó	100m ²	1	4	1	1
Vidago	2400m ²	2	36	3	1

Fonte: Escola EB 2;3 de Vidago Chaves

No primeiro ciclo existem 9 salas em funcionamento.

Tabela 2 – Principais características das EB 1

Escolas 1º Ciclo	Número de salas em funcionamento	Espaço envolvente	Número Turmas	Número de alunos	Número de professores	
					Titulares	Apoio
Adães	1	600 m ²	1	11	1	1
Anelhe	1	55 m ²	1	8	1	-
Loivos	2	348 m ²	2	17	2	1
Vidago	5	2420 m ²	5	93	4	2
Vila Verde Oura	1	250 m ²	1	11	2	-

Fonte: Escola EB 2;3 Vidago Chaves

Na Escola EB 2,3 de Vidago, sede de Agrupamento, encontram-se, além das dez salas de aula normais, as seguintes salas: duas de Educação Visual, duas de Educação Visual e Tecnológica, uma de Educação Tecnológica, um Laboratório de Ciências/Físico-Química, uma de Tecnologias de Informação e Comunicação, uma de Educação Musical, uma de CEF, duas de Ciências da Natureza, uma de Ciências Naturais, uma de Matemática, uma de Directores de Turma, uma de Novas Oportunidades, um gabinete Médico/Departamentos, um gabinete/sala de Educação Especial, um gabinete para o Pessoal Não Docente, um gabinete de Psicologia, um anfiteatro, um pavilhão gimnodesportivo, uma biblioteca, uma cantina, uma reprografia, uma papelaria, uma sala de professores, uma de Conselho Executivo, uma secretaria e um bufete.

1.2.4. Aspectos Humanos

1.2.4.1. Alunos

Tabela 3 – População da EB 2;3 Vidago Chaves

Turma	Número de Alunos
5° A	18
5° B	19
6° A	15
6° B	16
6° C	16
7° A	16
7° B	17
8° A	14
8° B	15
9° A	21
9°B	28
CEF- Operador de Informática	10
CEF- Carpintaria	11
EFA B2	10

EFA B3	11
EFA Secundário	27
Total	264

Fonte: Escola EB 2;3 Vidago

1.2.4.2. – Pessoal Docente

Os dados constantes na tabela que se segue, foram recolhidos a partir da constituição do Agrupamento Vertical de Escolas de Vidago e discrimina a qualificação profissional dos docentes do referido agrupamento neste ano lectivo.

Tabela 4 – Qualificação Profissional dos docentes

Ano Lectivo	Professor Quadro Nomeação Definitiva	Professor Quadro Zona Pedagógica	Professor Contratado
2009/2010	41	11	10

Fonte: Escola EB 2;3 Vidago Chaves

1.3. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

[...] Saiu o semeador para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, foi pisada e as aves do céu comeram-na. Outra saiu sobre a rocha e, depois de ter terminado, secou por falta de humidade. Outra caiu no meio de espinhos, e os espinhos, crescendo com ela, sufocaram-na. Uma outra caiu em boa terra, e uma vez nascida, deu fruto centuplicado. [...] (São Lucas 8, 5-8)

Uma das inquietações dos professores, é criar situações de aprendizagem nas suas múltiplas vertentes de saberes culturais, para deste modo garantir aos alunos um crescimento harmonioso. A velocidade das mudanças do mundo de hoje é sufocante, sendo necessário descobrir como lidar com toda esta evolução.

No nosso caso, sendo professor, é com grande preocupação conhecer os anseios e gosto dos alunos.

Posto isto, o problema foi colocado da seguinte forma:

1.3.1. Problema

Em que medida a Animação Artística, sob o ponto de vista musical e dramático, poderá contribuir para a promoção da leitura, e consecutivamente aumentar os índices de literacia dos alunos do 1º Ciclo?

1.3.2. Objectivos de Estudo

- Promover a auto-confiança e auto-estima no aluno;
- Inculcar sentido de responsabilidade;
- Aumentar os níveis de atenção e concentração;
- Fomentar o trabalho individual e em grupo;
- Despertar a criatividade e a imaginação no campo artístico;
- Melhorar a capacidade comunicativa nos vários tipos de linguagem;
- Desenvolver os níveis de sensibilidade estética;
- Dinamizar o grupo, turma e escola;

- Estabelecer relações de proximidade com a comunidade escolar através de apresentações públicas;
- Estimular nas crianças o gosto pela leitura ;
- Incentivar a utilização regular da Biblioteca Escolar (BE), nomeadamente no que se refere a criação de hábitos de leitura e consulta de informação, apoio ao estudo e à realização de trabalhos de pesquisa, apoio a projectos específicos apresentados por alunos;
- Desenvolver nos alunos o gosto pelas artes (dramática, musical e plástica);
- Aumentar o índice de literacia.

1.3.3. Questões de Investigação

- De que modo a Animação Artística contribui para o aumento dos índices de literacia dos alunos do 1º Ciclo promovendo o sucesso escolar?
- A Animação Artística promove o gosto pela prática da leitura?
- As actividades de Animação Artística estimulam os alunos a frequentarem a BE?
- Que importância é atribuída às artes musical e dramática?

CAPÍTULO II

2.ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Nos últimos anos, sobretudo com a publicação Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), em 1986, temos vindo a assistir a uma progressiva integração da Educação Artística no sistema educativo, com uma finalidade expressa no desenvolvimento harmonioso da criança. Sousa (2003: 63-64), refere que:

[...] Ao longo dos últimos anos, vários têm sido os governos que procuram fazer reformas educativas educacionais, com maior ou menor êxito assinalável, num ou noutro ponto. A abertura, porém, na Lei de Bases do Sistema Educativo, para a efectivação de uma Educação Artística e o Decreto que a vem regulamentar, deram origem, sem dúvida alguma, à maior revolução (no bom sentido) da Educação em Portugal. [...]

Com a promulgação da referida Lei, aparecem pela primeira vez referenciados os valores estéticos que marcam o ensino artístico, desempenhando um papel importante no desenvolvimento da criança.

O art.º 3 b, tem define o seguinte:

[...] Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente, sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento. [...]

O art.º 7 c, do mesmo Decreto-Lei tem como objectivo:

[...] Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios. [...]

Na sequência da legislação anterior o Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de Novembro, passa a estabelecer as orientações gerais da educação artística desenvolvendo os princípios contidos

na lei nº 46/86, de 14 de Outubro, da Lei de Bases do Sistema Educativo, podendo ler-se no seu preâmbulo que a “(...) Educação Artística tem-se processado em Portugal há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na maioria dos países europeus (...)” acrescentando que ela “(...) é parte integrante e imprescindível da formação, independentemente do destino profissional que venha a ter. A formação estética e a educação como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano.”

Com a progressiva, democratização do ensino houve necessidade de formar artistas e investigadores no campo das artes, como contributo indispensável para o seu desenvolvimento, como se pode constatar no preâmbulo do mesmo Decreto-Lei, quando se refere que:

[...] Criaram-se responsabilidades governativas prementes num vasto domínio que abarca desde a formação geral de artistas como investigadores, implicando a concepção e a concepção e a execução de uma política sistematizada de enquadramento, apoio, estímulo e inovação, bem como o desenvolvimento da investigação no domínio das ciências e das artes e do estudo científico das diversas actividades artísticas. [...]

2.2. OBJECTIVOS DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

De acordo com o Decreto-Lei nº 344/90 de 2 de Novembro, são determinados os objectivos da EA, de acordo com o art.º 2º, com a finalidade de:

- Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado;
- Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a entender o âmbito da formação global;
- Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;
- Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com actividades de natureza artística;
- Detectar aptidões específicas em alguma área artística;

- Proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional, destinada, designadamente, a executantes criadores e profissionais dos ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural;
- Desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes;
- Formar docentes para os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos.

No art.º 1, ponto 2, entende-se por educação artística, as seguintes áreas:

- Música
- Dança;
- Teatro,
- Cinema e audiovisual;
- Artes plásticas.

A educação para todos regulamentada no Decreto-Lei nº 6/2001, considera a EA como componente curricular das actividades de enriquecimento do currículo.

O Currículo Nacional do Ensino Básico (2002), prevê que os alunos tenham experiências artísticas para desenvolverem a literacia em artes.

O Decreto-Lei nº 74/2004 de 26 de Março, traça linhas orientadoras relativamente aos cursos tecnológicos, artísticos especializados e cursos profissionais.

Com o Despacho 12591/2006, de 16 de Junho, iniciou-se no 1º Ciclo do Ensino Básico, actividades de enriquecimento curricular no domínio das artes.

2.3. AS ARTES NO CURRÍCULO DO ENSINO BÁSICO

[...] As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno (...) A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano.
[...] (Ministério da Educação, 2001: 149)

De acordo com Ministério da Educação (2001), as artes permitem uma maior participação em desafios que contribuem para a construção de identidade pessoal e social. A vivência artística influencia a aprendizagem, comunicação, e interpretação, reflectindo-se no modo como se pensa e no que se produz com o pensamento.

As competências artísticas, contribuem para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais, consideradas essenciais e estruturantes. De acordo com as indicações das novas abordagens do ensino artístico do Ministério da Educação, o aluno ao longo do ensino básico deverá desenvolver competências artísticas, para deste modo fortalecer a sua identidade pessoal e social, como vem referido no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001: 149), que passamos a citar:

[...] As vivências artísticas influenciam o modo como se aprende, se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento. [...]

Acrescenta ainda:

[...] As artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida. [...]

2.4. PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) criada em 1945, tem desenvolvido desde essa data um trabalho intenso de promoção da EA assente na defesa de valores, de culturas e de pessoas, construído na base do diálogo entre civilizações.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o art.º 31, consagra que os “(...) estados partes, respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente

na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.”¹

No âmbito da EA, a UNESCO tem vindo a desenvolver e a promover conferências sobre este domínio.

2.5. CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A Conferência Nacional de Educação Artística, realizada no Porto em 2007, foi organizada na sequência da Conferência Mundial sobre EA, que decorreu no ano anterior, em Lisboa, por iniciativa da UNESCO. Estiveram presentes organizações governamentais e não governamentais, com a finalidade de debater o papel e o espaço da arte no sistema educativo. Tendo a Ministra de Educação referido na altura que:

[...] A complexidade dos problemas em análise obriga o poder político a convocar especialistas para discutir e apresentar as múltiplas faces das questões em discussão estou convicta que este fórum de ideias e experiências vai enriquecer o conhecimento de todos os participantes e permitir a produção de um conjunto de recomendações relevantes para uma configuração conceptual e institucional da educação artística em Portugal.² [...]

Esta conferência teve como objectivo principal produzir recomendações sobre o desenvolvimento da EA na escola e as suas modalidades de integração, sendo os temas a debate tratados os seguintes:

- A Educação Artística em Portugal;
- Educação Artística. Redes e parcerias;
- Agentes para a Educação Artística: Perfis e Formação.

¹ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil foi retirado de (<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>)

² Conferência Nacional de Educação Artística foi retirado de (<http://www.educacao-artistica.gov.pt>)

2.6. O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

[...] A vida é som. Vivemos cercados de sons, mas eles ocupam também espaços ainda não captados pelo ouvido humano e épocas distantes, anteriores do surgimento do primeiro ser vivo sobre a Terra. (...) O som já existia quando explodiram os primeiros corpos celestes; quando os vulcões abriram os seus abismos de fogo nos planetas e massas de chuva fluíram das nuvens”. [...] (Pahlen, 1991: 9)

A música sempre teve um lugar muito importante na vida do Homem. Os habitantes da Mesopotâmia acreditavam que a música era o espelho da harmonia do Universo. Os gregos consideravam-na uma cultural intelectual, um dos principais ramos da educação.

“A música é mais velha que a humanidade. Ela poderia ser mais velha que a estrela que habitamos. Ela não necessita de ser humano para nascer, para ser”. (Pahlen, 1991: 10)

A criança necessita de ser sensibilizada para os sons. É pela audição que estabelece ligação com fenómenos sonoros. É muito importante treinar a audição desde muito cedo para desenvolver a sua memória e atenção.

O desenvolvimento auditivo tem como objectivo educar sensorialmente, a sensibilidade afectiva e a consciência mental.

Numa primeira etapa, o importante é fazer ouvir, reconhecer e reproduzir sons diversos.

A aprendizagem da música é muito importante pois o aluno convive com ela desde muito pequena. De acordo com Faria (2001), a música é um importante factor na aprendizagem, pois, a criança pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como cantiga de ninar.

Na opinião de Willems (1970: 18): “Algumas crianças são mesmo capazes de cantar numerosas canções antes da idade de dois anos, por mesmo antes de saber falar.”

Nestas perspectivas, a música é uma linguagem como aprendizagem de uma língua materna, necessitando de uma impregnação para as pessoas mergulharem nessa língua.

Quando observamos uma criança a aprender uma língua existe uma aprendizagem natural dessa língua. Inicialmente a criança começa por aprender os primeiros sons e as

primeiras palavras, existindo assim um jogo entre elas, que vão adquirindo sentido através da repetição dando origem às frases.

Grande parte das crianças, têm o primeiro contacto musical na escola primária. No entanto, a Educação Musical pode começar a partir dos três ou quatro anos. A mãe pode desempenhar um papel muito importante no despertar da criança, no sentido auditivo e rítmico, ensinando as primeiras canções, sob a forma de canções de embalar e de divertimento.

Faria (2001) citado por Ongaro, Silva e Ricci (s.d), acrescenta: “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recriação.”³

A escola deve-se preocupar, enquanto instituição, na promoção de uma relação próxima com a música. Uma relação de cumplicidade.

Indo ao encontro com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001: 167), verificamos que:

[...] Ao longo da educação básica todas as crianças e jovens devem ter oportunidade de experienciar aprendizagens diversificadas, em contextos formais e não formais que visam contribuir para o desenvolvimento da literacia musical e para o pleno desenvolvimento das suas identidades pessoais e sociais. [...]

No nosso caso, preocupamo-nos sempre em criar situações de aprendizagem nas suas múltiplas vertentes e saberes, científicos e tecnológicos.

Continuando com as orientações do Ministério de Educação, no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001: 167):

[...] As práticas vocais e instrumentais de naturezas culturais diversificadas, são formas de percepção e consciencialização do corpo, numa perspectiva da sua relação com o espaço e o tempo e os outros, com um enfoque especial no respeito pela partilha de contextos comuns. Por outro lado, o envolvimento em práticas artísticas diferenciadas propicia mecanismos de bem-estar e de qualidade de vida. [...]

³ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil foi retirado de (<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>)

A prática vocal e instrumental é um importante contributo para a formação estética e global do aluno. A respiração, colocação de voz, entoação, expressividade, ritmo, “pode contribuir para um melhor entendimento da estrutura da língua portuguesa.” (Ministério da Educação 2001: 166)

“O objectivo específico de Educação Musical é socializar, (...) tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenómeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo respostas de índole musical”. (Gainza 1988: 101)

Os professores de música devem-se reconhecer como mediadores do processo educativo, criando condições às crianças de estas próprias construírem conhecimentos e práticas musicais.

Como nos diz Willems (1970: 205):

[...] Esperamos ter conseguido mostrar que os elementos fundamentais da música não são apenas elementos formais, materiais, mas também e acima de tudo, elementos de vida, elementos que são o próprio de todo o ser humano e que, embora tendo a raiz num domínio que nem sempre cai directamente sob os nossos sentidos apresentam aspectos perceptíveis, cujo conhecimento é necessário ao professor de música. [...]

Os educadores não se devem preocupar unicamente em transmitir conhecimentos e saberes. Tem-se verificado, que o ensino da música tem sofrido muitas inovações. A preocupação pedagógica passou a ter mais importância do que propriamente executar uma partitura, valorizando a Educação Musical na escola. Muitos pedagogos defendem esta teoria, utilizando métodos pedagógicos, onde esta ideia está presente. Assim:

- Zoltan Kodaly – Chegou a recolher 3500 melodias folclóricas, a partir das quais desenvolveu vários estudos nas suas composições e na sua obra pedagógica.

- Emile Jaques-Dalcroze – Nos seus trabalhos atribuía importância no equilíbrio do sistema nervoso na execução dos movimentos rítmicos.

- Maurice Martenot – Desenvolveu um método baseado em estudos de psicologia infantil e nas técnicas de concentração e relaxamento.

- Carl Orff – Procurou abordar a música e a literatura infantil nas suas investigações.

- Edgar Willems – Estabelece uma relação entre a natureza da música e a natureza humana. O ponto de partida metodológica de Willems, foi a música como linguagem, e aprendizagem de uma língua materna.

“A música tem uma significação geral e profunda, em relação com a essência do Mundo e com a nossa própria essência”. (Schonpenhaur, citado por Willems (1970: 207).

O homem está em constante evolução. A par disso, a música estará ao lado da sua evolução, colocando assim aos educadores problemas sempre novos e desafiantes.

2.7. EXPRESSÃO DRAMÁTICA/TEATRO

A Expressão Dramática e o Teatro desempenham um papel no crescimento intelectual das crianças, o que é corroborado no Currículo do Ensino Básico (2001: 177), relativamente a esta área quando afirma que a “actividade dramática fortemente globalizadora, contemplando as dimensões plástica, sonora, da palavra e do movimento em acção torna-se uma área privilegiada na educação artística.”

Assim, a prática de actividades dramáticas podem proporcionar a aquisição de novas aprendizagens através de exploração de conteúdos dramáticos. Sousa (2003: 33), diz-nos:

[...] A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua acção, abrangendo quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas a que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objectivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de actividade educativa. (...) O objectivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos desejos e tensões interiores. [...]

As actividades, livres e espontâneas dos contos, desenvolvem nas crianças poder de decisão e escolha. Aumentam, também, capacidades criativas e estéticas, visto que as “práticas dramáticas desenvolvem competências criativas, estéticas, físicas técnicas, relacionais, culturais e cognitivas, não só ao nível dos seus saberes específicos, mas também ao nível da mobilização e sistematização de saberes oriundos de outras áreas do conhecimento.” (Ministério da Educação, 2001: 177)

Ao falarmos de expressão dramática não podemos confundir com teatro, na medida em que o jogo dramático não implica partir obrigatoriamente de um texto, pois trata-se de um

jogo é de fantasia e imaginação em que a criança faz de conta, simulando o real, não distinguindo a realidade da ficção, como refere Borges (1964), citado por Sousa (2003: 22-23):

[...] Jogos dramáticos não são teatro. Quando se trata de desempenhar um papel, o actor, deve fazer a abstracção da sua personalidade e emprestar o seu ser, a sua vida à personagem a criar. Isto exige da sua parte uma análise psicológica que já é difícil para um adulto e que é impossível para a criança, mesmo numa peça dita “infantil”. (...) As crianças não devem subir a um palco e representar em público. Elas jogam para o seu prazer da comunidade a que pertencem, grupo unidade de escuteiros, (...) [...]

Também encontramos nos documentos oficiais a constatação de que esta prática artística se revela de particular importância para a criança na compreensão do mundo quando se refere que:

[...] O carácter lúdico do jogo dramático responde a necessidades primordiais do ser humano – a da exteriorização de si no contexto de comunicação e a da busca do prazer na construção da aprendizagem. O jogo permite ainda assimilar mais experiências e dessa forma alargar a compreensão do mundo. Assim, o jogo desempenha um papel importante, mas por vezes desvalorizado, ao longo de todo o processo de crescimento. [...]Ministério da Educação (2001: 177)

O papel do actor/animador é muito importante para assim levar a cabo o projecto da melhor forma. para Reis (2005: 31) “não há teatro sem participação do actor. Qualquer que seja o grau de imaginação do espectador, esta não poderia satisfazer toda a emoção particular e insubstituível que lhe é oferecida pela interpretação.”

2.8. CONTEXTOS DE LITERACIA

É nos países anglo-saxónicos que surge pela primeira vez o termo literacia. Em Portugal tínhamos o termo “litrato” e “letrado”, mas ambos estão associados ao conhecimento literário (Lemos, 2009).

Existem muitas definições para o conceito literacia⁴ que nem sempre são consensuais. Literacia, torna-se assim, um conceito complexo e abrangente.

A literacia está expressa na vida das pessoas visto estar relacionada com “a capacidade de utilizar informações a partir de suportes impressos para resolver problemas.” Lima e Brum (2009: 18). O conceito de literacia aparece muitas vezes associado à literacia: económica, informativa, científica, matemática e de leitura.

Vários sentidos têm sido dados à literacia. Azevedo e Sardinha (2009: 1), dizem-nos que o “termo literacia designa não apenas a capacidade para ler e escrever, utilizando a informação escrita de forma contextualmente apropriada, em contextos diversificados de uso, como igualmente a motivação para fazer.”

“Os indivíduos devem ser capazes de obter e perceber a informação de acordo com as ideias de Benavente, Rosa, Costa e Ávila (1996:22), citado por Azevedo e Sardinha (2009:4) ao considerarem que:

[...] literacia designa as capacidades de processamento da informação escrita na vida quotidiana, sendo concebida como uma chave para o sucesso escolar e para uma efectiva participação no mercado de trabalho, na comunidade e no exercício da cidadania. [...]

Segundo o *Programme for International Student Assessment* (PISA), literacia está definida como a capacidade do indivíduo para compreender, usar, reflectir sobre e apropriar-se de textos escritos, de forma a alcançar os seus objectivos, desenvolver o próprio conhecimento e potencial e participar na sociedade. (OCDE 2001)

Todo o meio envolvente do indivíduo tem um papel relevante na valorização e promoção das práticas de literacia, como referem Azevedo e Sardinha (2009: 3) quando afirmam que

[...] (...) a aceitação colectiva de um projecto educativo baseado na literacia, com uma efectiva participação de todos os actores envolvidos (pais, bibliotecários, empresários, responsáveis pelos mass media, decisores e agentes políticos), constitui uma mais-valia quando se trata de promover e de garantir a consecução de práticas efectivas e significativas. [...]

⁴ Literacia s.f. (sXX) PED 1 qualidade ou condição de quem é letrado 1.1 m.q. ALFABETIZAÇÃO (“processo”) (...) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Passando para uma abordagem de literacia no contexto educacional, surge a necessidade, de acordo com Mata (2006) de denominar um conceito decorrente de uma nova forma de encarar e valorizar a vertente funcional e utilitária da linguagem escrita.

Os baixos níveis de literacia poderão ser responsáveis pelas desigualdades, provocando constrangimentos e resistências à inovação e mudança, limitando a eficácia ao acesso do mercado de trabalho. Como afirma Lima e Brum (2009:18) “a procura e o custo de oferta dos bens e serviços públicos, incluindo os serviços de saúde, e de educação, seriam muito mais reduzidos se os níveis de literacia fossem mais elevados”.

Neste ponto de vista as famílias têm um papel importante no desenvolvimento da literacia, as práticas ligadas à leitura deveriam ser mais intensificadas pois, de acordo com Benavente (1996), o nível de instruções dos pais, mais empobrecidos se revelam os perfis de ensino dos filhos.

Deste modo Sim-Sim (2006: 98), acrescenta:

[...] Ser mau leitor não é um estado irreversível, mas apenas o resultado de um conjunto de condições que a escola tem a obrigação de alterar através da promoção da leitura extensiva e do ensino explícito e sistematizado de estratégias de leitura. A construção de bons leitores não é fruto apenas do trabalho de aprendiz de leitor embora se não faça sem ele, mas implica o envolvimento de toda a comunidade educativa, especificamente dos professores, e certamente do meio familiar dos alunos. [...]

2.9. O QUE SIGNIFICA LER?

[...] A leitura pode ser comparada com o desempenho de uma orquestra sinfónica; com efeito, para interpretar uma sinfonia, não basta que cada músico conheça a sua partitura, é preciso ainda que todas as partituras sejam tocadas de forma harmoniosa pelo conjunto dos músicos. [...] (Simão 2002: 103)

Muitas definições têm surgido para o conceito de leitura, assistindo-se assim, a uma grande evolução desde o início dos anos setenta. Niza (1998: 176-177), apresenta-nos várias definições de investigadores no campo da semiologia, psicologia e psicolinguística a saber:

- “Ler, é antes de tudo compreender” (Exequiel T. da Silva 1992)

- “Ler não é somente decifrar uma série de letras encadeadas numa certa ordem para formar palavras e frases, ler é compreender o funcionamento da linguagem e do pensamento. Ora, a aprendizagem da leitura não passa muitas vezes dum afinamento mecânico sem ligação funcional com a língua.” (René Latife 1978)

- “Ler bem não significa somente identificar palavras e aprender ideias, mas também meditar sobre elas, discernir as relações e o sentido implícito. Para ser capaz de servir-se das ideias, o leitor deve reflectir sobre aquilo que lê, pesar o seu real valor, apreciar a validade de opiniões ou conclusões expressas.” (William S, Gray sd)

De acordo com as definições apresentadas, denota-se que todos os autores têm uma tónica em comum: a leitura ligada à compreensão.

Compreensão não é uma competência adquirida natural, tem de ser ensinada utilizando diversas estratégias de aprendizagem para desenvolver a compreensão e o gosto pela leitura.

Segundo Sim-Sim (2009: 9), “Ler é compreender o que está escrito. A leitura é acima de tudo um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidades e de conhecimentos.” O acto de ler exige compreensão.

Sobrino (2000: 31), refere-se ao acto de ler como não é sendo processo mecânico, mas sim um envolvimento total da pessoa: “inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente.”

É através da leitura compreensiva que a criança terá condições para se apropriar do conhecimento. A leitura não pode ser vista como uma obrigação, deverá dar prazer à criança para que ele goste de ler. Precisa de compreender e entender o que lê. É uma competência linguística.

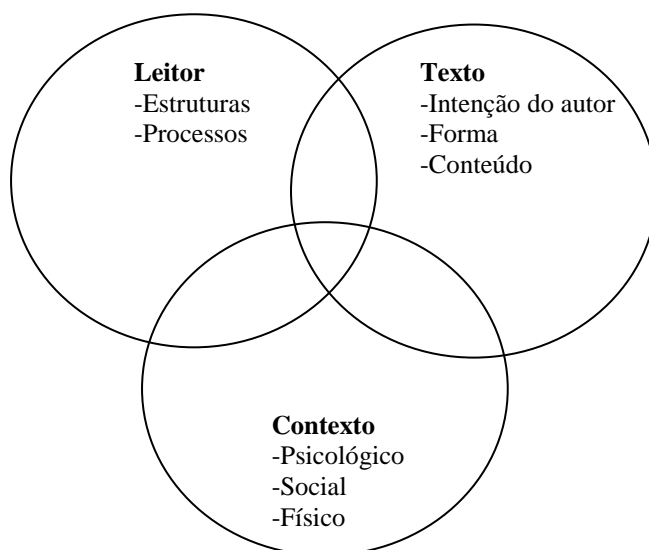
“Tudo o que pode ser dito pode ser escrito e tudo o que for escrito pode ser dito.” (Sim-Sim 2009:9), acrescentando ainda que “ler é compreender obter informação, aceder ao significado do texto. Por compreensão entende-se a atribuição do significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto (...) resultando o nível de compreensão da interacção que o leitor estabelece com o texto.”

2.10. A COMPREENSÃO DA LEITURA

Segundo Giasson (1993) a leitura é um processo interativo. Na opinião do autor, muitos investigadores estão de acordo com esta ideia, referindo Pagé (1985) e Mosenthal (1989).

De acordo com o Programa de Português do Ensino Básico (PPEB) (2008:16) “entende-se por leitura o processo interativo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro aprende e reconstrói o significado ou os significados do segundo.” Esta definição de leitura, vai ao encontro de Giasson (1993), onde a compreensão da leitura envolve três variáveis: leitor, texto e contexto, dependendo assim da interacção entre as três variáveis. Opinião unânime segundo Giasson (1993), de muitos autores, a saber, Irwin (1986), Deschênes (1986) e Langer (1986).

Figura 1 – Modelo Contemporâneo da compreensão na leitura (Giasson 1993)



Fonte - Giasson (1993: 21)

Giasson (1993:27) citando Adams e Pruce (1982), refere que a compreensão é utilizada a partir de conhecimentos anteriores, para criar um novo conhecimento, visto que, “sem conhecimentos anteriores, um objecto complexo, como um texto, não é apenas difícil de interpretar, para falar com rigor, ele não tem significação.”

Verifica-se, que compreender implica que o leitor relacione e reflecta sobre a informação do texto com os conhecimentos adquiridos sobre o mundo o que leva o leitor a estabelecer relações entre o que é novo (texto) e os seus conhecimentos anteriores, de acordo com Giasson (1993).

Poslaniec (2005) ao referir-se a ler para compreender, acrescenta que num colóquio sobre leitura em 1970 organizado pelo Ministério, o único aspecto em relação ao qual diferentes intervenientes estavam de acordo era sobre o facto de que “ler é compreender.” (48)

O mesmo autor (Poslaniec 2005: 48), acrescenta ainda que: “Para alguns, ler é, pois compreender-se a si próprio; para outros, é exclusivamente compreender aquilo que está no texto (...) Para muitos, no entanto, ler é compreender o mundo.”

Poslaniec (2005) refere ainda que encontramos diferentes interpretações, referenciando que a Associação Francesa para a leitura, explica “que ler é, principalmente, uma busca de resposta para questões explícitas que colocamos para poder agir, e que compreender é conseguir responder a essas perguntas lendo.”

No mesmo sentido vão observações de Sim-Sim (2006:42), a compreensão da leitura quando afirma que ela é “um produto variável que depende da experiência do leitor, do conhecimento que possui sobre o assunto que está a ler, do conhecimento linguístico da língua que está a ler, da capacidade e rapidez da descodificação e da eficácia de mobilização de estratégias que activam a compreensão.”

Durante a leitura o indivíduo serve-se das suas capacidades através de órgãos sensoriais. Na concepção de leitura existem variados modelos de leitura. Rebelo (1993) ao fazer referência a esses modelos mostra, que eles reflectem concepções de leitura diversas e servem de orientação a diferentes métodos de aprender a ler.

Neste sentido passamos a citar os três modelos, que segundo Rebelo (1993:53) indica para o processo de leitura:

- Ascendentes (botton-up)- este modelo concebe o processo de leitura como uma série de estádios discretos e lineares em que a informação passa de um para outro segundo um sistema de adição e recodificação.
- Descendentes (top-down) – ler é aprender.
- Interactivos – combinação dos dois modelos anteriores. Pressupõem que, durante a leitura, todas as fontes de informação actuam simultaneamente.

No modelo ascendente (botton-up), o leitor deve considerar todas as letras do campo visual para assinalar o significado de cada uma. Neste sentido, Pinto (s.d) citando Gough, explicita o que acontece durante a leitura:

[...] A leitura começa com a fixação dos olhos. Os olhos do leitor focalizam um ponto levemente recuado do começo da linha, e eles permanecem naquela fixação por alguns segundos. Então eles varrerão graus de ângulo visual em um movimento rápido dos olhos, e uma nova fixação começará. Exceptuando as regressões e ignorando as varreduras de retorno, esta sequência será repetida, contando que a leitura continue. Quando a fixação inicial é alcançada, um modelo visual é reflectido na retina. Isso estabelece em movimento uma sequência intrincada de actividades no sistema visual culminando na formação do ícone. [...]

No modelo descendente (top-down), o leitor deve considerar todas as letras do campo visual para assinalar o significado de cada uma. Nesta perspectiva Pinto (s.d) citando Goodman (1988) diz que:

[...] A leitura é um processo receptivo da linguagem. É um processo psicolinguístico no qual começa com uma representação da superfície linguística codificada por um escritor e termina com o significado que o leitor constrói. Há, dessa maneira uma interacção essencial entre a linguagem e pensamento na leitura. O escritor codifica pensamento em linguagem e o leitor codifica linguagem em pensamento. [...]

No modelo interactivo, o leitor durante a leitura utiliza o seu conhecimento prévio para interpretar o texto. Assim, Pinto (s.d), ao citar os autores Eskey e Grabe (1988), afirma que:

[...] Este modelo incorpora implicações de leitura como um processo interactivo – isto é, o uso de conhecimento prévio, expectativas, contexto, entre outros. Ao mesmo tempo, incorpora noções de reconhecimento de características rápida e acurada de letras e palavras, estendendo a activação de formas lexicais, e o conceito de automaticidade no processamento dessas formas – isto é um processamento que não depende do texto para o primeiro reconhecimento de unidades linguísticas. [...]

Para Rebelo (1993) todos estes modelos são um valioso atributo para desenvolver uma leitura fluente e exacta, facilitando a compreensão.

No seguimento desta ideia, Rebelo (1993) cita Ramalho, (sd) apontando outros modelos apresentados em diferentes alturas por outros autores a saber:

- La Berg e Samuels (1974), apresentam um modelo de leitura de inspiração cognitiva. (55);
- Kintsch e van Dijk (1978), apresentam um modelo onde expõe os passos que levam à compreensão do texto (57);
- Stanovich (1980), apresenta o modelo interactivo – compensatório, inspirado no modelo de Rumelhart (55);
- Just e Carpenter (1981-82), desenvolveram um modelo para a compreensão da leitura, baseado no movimento dos olhos para explicarem a fluência de leitura;
- Taylor e Taylor (1984), apresentam o “Modelo Cooperativo – Bilateral de Leitura” que concebe a leitura como um resultado do processamento cognitivo em que os mecanismos de interacção entre os hemisférios direito e esquerdo determinam o processo de leitura.

Podemos dizer que existem muitos modelos e princípios que explicitam o processo de leitura.

De acordo com o desenvolvimento da competência de leitura PPEB (2008: 84), o aluno deve tomar consciência e por em prática três etapas fundamentais do acto de ler: pré-leitura, leitura e pós-leitura.

- Na pré-leitura, "o professor deve privilegiar a mobilização de conhecimentos prévios dos alunos que se possam articular com o texto, antecipando o seu sentido”;
- A leitura, “consiste na configuração e na construção dos sentidos do texto. Deverão ser ensinadas de forma explícita e sistematizada técnicas (...) de acordo com o objectivo”;
- A pós-leitura, “engloba actividades que pretendem integrar e sistematizar conhecimentos.”

Para finalizar, citamos Sim-Sim (2007:13), que diz o seguinte:

[...] (...) no ensino de compreensão da leitura deve-se contemplar intervenções pedagógicas que visem estratégias específicas para a aprendizagem da leitura, a promoção para o desenvolvimento linguístico dos alunos (...) O ensino da compreensão da leitura de textos começa quando antes de a criança saber decifrar, exploramos com ela o conteúdo e um texto, isto é, a deixamos ler histórias através da nossa própria voz. [...]

2.11. PLANO NACIONAL DA LEITURA

O Plano Nacional da Leitura (PNL), foi implementado em Junho de 2006 pelo Despacho conjunto nº 1081/2005, de 22 de Dezembro de 2005, assinado pela ministra da Educação e da Cultura e pelo o ministro dos Assuntos Parlamentares, com a finalidade de por em prática uma política, de promoção de hábitos, práticas e competências de leitura e de escrita, através do desenvolvimento de um programa específico para o efeito.

O PNL tem como grande objectivo elevar os níveis de literacia dos portugueses, constituindo uma resposta institucional aos níveis de literacia da população em geral, e particularmente dos jovens. Destina-se a criar condições para que os portugueses possam alcançar níveis de leitura em que se sintam plenamente aptos a lidar com a palavra escrita.

São objectivos do PNL:

- Promover a leitura, a todos os níveis assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e de progresso nacional;
- Criar um ambiente social favorável à leitura;
- Valorizar práticas pedagógicas e outras actividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos
- Enriquecer competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção de professores e de medidores de leitura;
- Consolidar e amplificar o papel da Rede de Bibliotecas Públicas e da Rede de Bibliotecas Escolares (BE) no desenvolvimento de hábitos de leitura dos portugueses;
- Atingir resultados gradualmente mais favoráveis em estudos nacionais e internacionais de avaliação de literacia.

Sendo um plano nacional, tem em conta várias linhas estratégicas a saber: alargar e diversificar as acções promotoras de leitura; contribuir para criar um ambiente social favorável à leitura; assegurar formação e instrumentos de apoio; inventariar e otimizar recursos e competências; criar e manter um sistema de informação e avaliação.

Segundo o PNL, considera-se que para além dos educadores de infância, professores, pais e encarregados de educação, bibliotecários e mediadores, os animadores de leitura são um público privilegiado das iniciativas.

O Incentivo à Promoção da leitura encontra-se inserido numa 1ª fase do PNL visto serem programas dirigidos ao público-alvo e às áreas de intervenção consideradas prioritárias (Jardins de Infância, escolas do 1º e 2º Ciclos, bibliotecas escolares e públicas) possibilitando o envolvimento de educadores, professores, bibliotecários e animadores.

De várias acções de incentivo e apoio à leitura sugeridas em contextos escolares, de crianças do 1º Ciclo, a decorrer nas Bibliotecas destacamos as seguintes:

- Ateliers que proporcionem a interligação entre diferentes linguagens (plástica, musical e teatral, entre outras);
- Actividades lúdicas, em torno da animação do livro e da leitura que promovam a escrita a partir de histórias e imagens.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

Qualquer que seja a investigação, ela deverá ser sempre concebida como um processo que tende para a objectividade. No presente trabalho, para além de pretendermos revelar uma determinada realidade, procurámos não nos afastar da objectividade necessária à sua realização.

Como nos diz, Sousa (2005: 28)

[...] A condição do processo investigação tendente à apresentação de conclusões, para poder alcançar credibilidade científica, exige ser orientada por um conjunto de normas que lhe forneçam a coerência interna e a inteligibilidade necessárias à formação de um todo com sentido, cumprindo os fins que o investigador se havia inicialmente proposto. [...]

Neste capítulo justificam-se as metodologias de investigação, o objecto do estudo e técnicas de recolha de informação. Para isso, recorreu-se à investigação quantitativa e qualitativa, utilizando-se o método da investigação-acção, através da recolha de dados com a realização de inquéritos por questionários, que servem como base à análise e interpretação dos dados.

O método quantitativo permite-nos atingir os objectivos de medição, dando-nos resultados válidos e fiéis dado que a “ validade de uma medida ou um instrumento de medida é uma qualidade muito importante na investigação.” (Freixo, 2010: 144)

Este método permite-nos medir resultados com uma maior precisão e objectividade dos dados observáveis e quantificáveis.

Freixo (2010: 145) acrescenta ainda que o “ método de investigação quantitativo tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento e validação dos conhecimentos, oferece também a possibilidade de generalizar os resultados, de predizer e de controlar os conhecimentos.”

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos não são “obtidos” através de números, mas através de palavras.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994: 49),

[...] A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo de dados como para a disseminação dos resultados (...) Ao recolher dados escritos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa (...) Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. [...]

Este método tem como objectivo descrever e interpretar, e não avaliar para compreender o fenómeno em estudo.

“Os dois métodos de investigação propõem etapas e abordagens da realidade que são diferentes, ambos requerem todavia que a investigação seja tão rigorosa e sistemática quanto possível.” (Freixo, 2010: 147)

3.1. INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO

Para se compreender o significado da metodologia de investigação-acção teremos que conhecer o sentido de cada um dos seus termos:

Investigar: (...) seguir vestígios de; indagar; pesquisar; (...) ⁵

Acção: (...) maneira de actuar; tudo o que se faz, acto; (...) ⁶

De acordo com as suas características considerámos a ser a investigação-acção a metodologia mais apropriada para o desenvolvimento desta investigação.

Na pesquisa efectuada aparecem-nos várias definições para a investigação-acção. “Trata-se de uma expressão ambígua, que se aplica a contextos de investigação tão diversificada que se torna quase impossível, tal como consideram Gómez (1996) ou ainda McTaggart (1997), chegar a uma concetualização unívoca.” (Coutinho 2005: 219)

Tratando-se de um método de pesquisa associado à acção, o investigador está envolvido na sua pesquisa. Bogdan e Bicklen (1994:293) referem que a “investigação-acção é um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente na causa da investigação.”

Com esta investigação, o investigador averigua o seu trabalho, evidencia o problema e tenta superá-lo através de melhorias, de estratégias e práticas, para obter melhores resultados naquilo que faz.

⁵ Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (1995: 1046)

⁶ Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (1995: 30)

O investigador inicialmente define princípios hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram detectados. Posteriormente são formuladas hipóteses quanto à acção, para obter melhores resultados. De seguida as informações serão utilizadas para rever as hipóteses prévias e para identificar uma acção mais apropriada que já reflectia uma modificação dos princípios gerais.

Para Cohen e Manion (1989), citado por Bell (1997: 20-21) definem-na como:

[...] (...) sendo um procedimento essencialmente in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos de tempos variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevistas e estudos de caso, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações e ajustamentos. [...]

Na investigação acção, não podemos dar o projecto como terminado sendo esta uma característica da pesquisa acção. Após uma análise do problema, será necessário que o investigador tenha como propósito a compreensão desse problema.

Brown e McIntyre (1981: 245) acrescentam:

[...]O investigador/actor formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram identificados; a partir destes princípios, podem ser depois produzidas hipóteses quanto à acção que deverá mais provavelmente conduzir, na prática aos melhoramentos desejados. (...) Isto implica um processo contínuo de pesquisa e o valor do trabalho é julgado pelo que se tiver conseguido em termos de compreensão, bem como das alterações desejáveis na nossa forma de agir. [...]

Também Kemmis e Metagart (1992: 16) explicitam que:

[...]A investigação acção significa planificar, actuar, observar e reflectir mais cuidadosamente, mais sistematicamente e mais rigorosamente do que é geralmente feito na vida quotidiana; significa utilizar as relações entre esses diferentes momentos do processo como fonte tanto de melhora como de conhecimento. [...]

De entre vários autores baseados no modelo lewiniano como Babier (1977) e ainda Werdelin (1979), segue-se a tipologia lewiniana em que a investigação acção se baseia em quatro modalidades. Assim, Latorre (1996) passa a descrever:

- Investigação-acção diagnóstica. Os investigadores reconhecem os dados, interpreta-os, estabelecem um diagnóstico e recomendam as medidas de acção.
- Investigação-acção participativa. Implica que os membros da comunidade no projecto da investigação, sejam considerados como agentes do processo de investigação
- Investigação-acção empírica. Estuda um problema social que representa uma mudança e avalia os efeitos produzidos.
- Investigação-acção experimental. A evolução dos efeitos das mudanças são feitas a partir de um projecto experimental ou quase experimental.

A investigação-acção é uma metodologia dinâmica. O processo da investigação-acção desenvolve-se em espiral. Os passos são cíclicos, planificar, actuar, observar e reflectir. Quando se chega ao último ciclo volta-se ao primeiro ciclo, facilitando assim, uma maior capacidade de resposta e de rigor na investigação-acção.

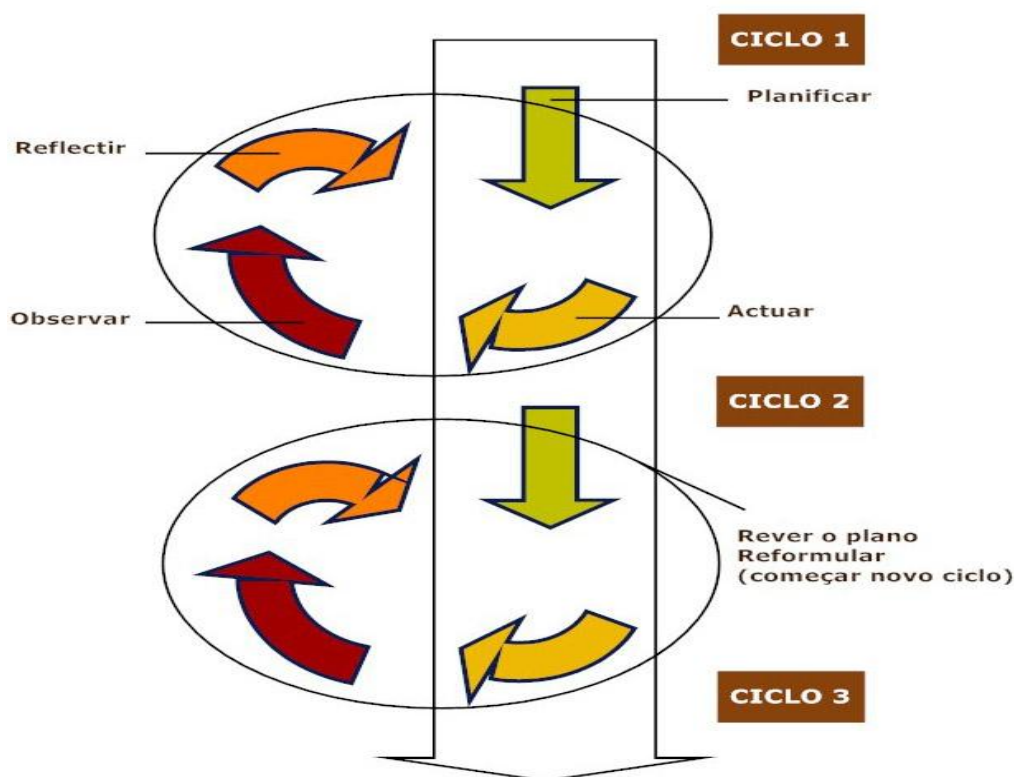


Figura 2 -Os momentos da Investigação-Ação (Kemmis, 1989).

De acordo com a revisão bibliográfica efectuada sobre este tema, verificou-se que praticamente todos os autores são unânimes nas principais características desta investigação. Latorre (1996) apresenta vários modelos da investigação-acção de diferentes autores a saber: Modelo Lewiniano, Modelo de Kemmis, Modelo de Ebbutt e Modelo de Elliot.

3.2. QUESTIONÁRIO

Tratando-se de um estudo que se situa no campo da investigação-acção, utilizámos o questionário como instrumento para recolha de dados. Considerámos como mais indicado a utilização do inquérito por questionário, uma vez que nos forneceu informações que queríamos estudar, pois necessita de respostas escritas por parte dos inqueridos, para assim, se avaliar as opiniões e recolher informações dos sujeitos.

Carmo e Ferreira (2007: 167) afirmam que:

[...] O inquérito apesar de todas as limitações apontadas ao seu valor intrínseco enquanto técnica de investigação empírica, a sua natureza quantitativa e a sua capacidade de “objectivar” informação conferem-lhe o estatuto máximo de excelência e autoridade científica. [...]

Na formulação das questões, teve-se sempre em conta a sua clareza e não a sua ambiguidade, assim como a concordância com os objectivos propostos, de forma que os inqueridos as entendessem e que estes dessem sempre uma resposta.

Freixo (2010: 198) acrescenta esta questão que:

[...] A partir dos indicadores, o investigador deve elaborar as questões ou escolher entre as questões já elaboradas por outros investigadores. Deve assegurar-se que os sujeitos compreendem bem a questão, e que são capazes de dar uma resposta, que aceitem dá-la e que a resposta seja autêntica. [...]

Os questionários elaborados para o efeito tiveram como destinatários: os alunos e os professores titulares de turma. Na sua construção teve-se como base os questionários dos alunos e dos docentes de apoio e desenvolvimento curricular do Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar.

Os questionários dirigidos aos alunos foram submetidos a uma pequena amostra de 12 sujeitos (4 alunos do 2º Ano, 4 alunos do 3º Ano e 4 alunos do 4º Ano), para assim aferir o questionário, funcionando como pré-teste, permitindo a sua validação.

Os questionários foram distribuídos personalizadasmente e o seu preenchimento foi feito no próprio momento, dado que, desse modo era possível esclarecer os inquiridos quanto aos objectivos do estudo.

Concordamos com Freixo (2010: 180) quando nos diz que “para garantir esse anonimato e independentemente do procedimento usado pelo investigador, os sujeitos devem ser identificados por um número e não por um nome, mesmo que fictício.”

Os códigos identificativos a cada um dos inquiridos são formados por uma letra maiúscula e um algarismo (A1, A2, A112 por ex.). O questionário para além de se constituir um instrumento que nos permitiu obter um grande número de dados num relativo curto espaço de tempo, e numa amostra que consideramos minimamente representativa, permitiu-nos manter o anonimato dos inquiridos e não exercer qualquer tipo de influência sobre eles.

Ao optarmos por este método de recolha de dados como instrumento de trabalho exploratório, não pretendemos por de parte a possibilidade de as pessoas inquiridas nos dizerem apenas o que podem e o que pretendem dizer-nos. Muitas vezes o que pretendem não corresponde àquilo que pretende o investigador, como defendem Ghiglione e Matalon (1992).

A fonte directa dos dados foi o ambiente natural dos alunos (sala de aula). Como nos diz Bogdan e Biklen (1994: 48-51):

[...] Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (...) Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o seu significado (...) Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível par o observador exterior (...) O processo de condução de investigação reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes serem abordados por aqueles de uma forma neutra. [...]

3.3. REGISTO FOTOGRÁFICO

A fotografia interessou-nos especialmente devido ao facto de se tratar de uma forma relativamente acessível e exacta de registar acontecimentos. “A importância fundamental reside no próprio objecto, pelo qual pretendemos mostrar objectivamente o que ele representa, ou o que se passa ou ocorre.” (Langford, 2002: 20)

Pensamos que existe uma relação muito próxima do investigador com a câmara fotográfica. Neste sentido, Bogdan e Biklen (1994: 189), aditam que “as fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspecção intensa posterior que procura pistas sobre relações e actividades.”

O rigor no processo da realização da fotografia é recompensado pela técnica e qualidade da matéria final que se produz visto que os seus “resultados podem ser avaliados e apreciados pelas suas intrínsecas «qualidades» fotográficas.” (Langford (2002: 19)

Optou-se assim, pelo registo fotográfico, com a devida autorização dos Encarregados de Educação dos alunos, (Anexo 1), a que seguiu um processo de selecção do mesmo, dando origem à elaboração de um vídeo com o programa informático “*Corel VideoStudio Pro X4*” sobre as actividades desenvolvidas neste projecto.

CAPÍTULO IV

4. PROJECTO: “A HORA DO CONTO”

O desenvolvimento das actividades de “A hora do conto” tiveram como espaço privilegiado a BE, às Quartas-feiras, das 14 às 15.30 horas, e destinaram-se a todos os alunos do 1º Ciclo do Agrupamento. Os professores titulares de turma programaram antecipadamente as suas actividades para poderem participar com os seus alunos neste evento. (Anexo 2)

Neste espaço, as histórias são lidas em voz alta dando expressividade à leitura, para entusiasmar os mais novos, lhes despertar a imaginação, curiosidade, activar a memória e estimular a concentração, procurando sempre estabelecer-se uma relação de proximidade com os livros.

Como referem Jean (1999: 65) a “leitura em voz alta foi e continua a ser, uma maneira de partilhar prazer, conhecimentos e informação (...) uma boa parte da arte e dos bons imitadores situa-se, sem dúvida, mais na voz alta do que na aparência física.” (99)

Ler em voz alta torna-se não só nesse «prazer partilhado do texto», como também numa iniciação à leitura silenciosa, como forma de fazer perceber pelo corpo, os sentidos e o espírito, o imaginário, que os transporta.

Foi nossa intenção dar prioridade à leitura lúdica e recreativa considerando desta forma que deve existir uma relação de descoberta e de prazer entre os mais novos, como futuros leitores, e os livros.

Sandroni (1991: 11) afirma que se a “leitura deve ser hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma actividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.”

Procurámos que estas actividades fossem um momento divertido, estimulante e educativo, pois o desígnio principal é promover o livro e a leitura, não nos esquecendo das questões levantadas nesta investigação, quanto ao que concerne o despertar do gosto pela leitura, neste caso, a partir da BE, como forma de inculcar hábitos de leitura.

Para incentivar as crianças nesse sentido devem-se criar condições para se estabelecer uma relação com o livro. Uma das possibilidades é, segundo Poslaniec (2006), a animação desenvolvida sob a forma de ateliês, onde a actividade deve ser inserida numa estratégia pedagógica que leve as crianças a gostar da leitura.

Isto permite, como refere Poslaniec (2006: 14) estabelecer um percurso que permita “encadear vários ateliês de animação que têm aspectos comuns visíveis, partindo de uma actividade de animação de informação lúdica, continuar a aproximação aos livros propostos de modo a chegar a uma actividade de animação responsabilizante ou de aprofundamento.”

O mesmo autor refere ainda, que o modo de apresentação das actividades de animação de leitura são agrupadas em quatro categorias, de acordo com os seus objectivo:

- Animações de informação;
- Animações lúdicas;
- Animações responsabilizantes;
- Animações de aprofundamento.

Deste modo procedemos à organização de um espaço designado pelo “Cantinho da Hora do Conto”, na BE, tendo sido tomado em conta vários factores, nomeadamente o espaço e a imagem visual como elemento catalisador da relação com a história.

Desde sempre que o homem teve nas imagens um meio de comunicação, de registo e de representação e apreensão da realidade pois a “mente é um verdadeiro instrumento de visão e da observação, os olhos funcionam como uma espécie de veículo, que recebe e transmite a porção visível da consciência.” Gombrich (2007: 12-13)

Ao pensarmos em espaços de leitura, considerámos que a BE, de acordo com Azevedo e Sardinha (2009) deve ser lugar de informação colocando ao alcance do público informações necessárias, facultando a circulação de conhecimentos entre as áreas diversas.

De acordo com o programa da rede de BE (PNL) considera-se que as mesmas constituem recursos básicos do sistema educativo, sendo-lhes reconhecido um papel central nos domínios da leitura e da literacia, constituindo núcleos fundamentais na organização pedagógica das escolas e instrumentos essenciais do desenvolvimento curricular, afectos às actividades de ensino e actividades curriculares não lectivas, e também à ocupação dos tempos livres e lazer.

As escolas e as bibliotecas têm procurado intervir na promoção da leitura desenvolvendo actividades que incentivam o interesse pelo livro e pelo prazer de ler criando espaços que estimulam essa relação sendo agradável, encantador, mas também que estimule nas crianças a imaginação.

Lobato (1964: 38) refere, relativamente às características do espaço que:

[...] O prazer das crianças é ali intenso, porque podem mexer à vontade. O “não faça isso, não bula nisso” não existe. Podem tirar das estantes os livros que desejarem, dois, três, quatro ao mesmo tempo, e vê-los, lê-los, cheirá-los quanto quiserem, onde e como quiserem – no chão, com os nossos dois futuros aviadores, nas mesinhas, nas cadeirinhas de balanços, e nem sequer necessitam repô-los no lugar. Nenhuma obrigação ali, além da se regalarem com a livralhada deliciosa. [...]

No decorrer da nossa intervenção tivemos em consideração as ideias de Lobato (1964), pois desta forma, e mediante a mensagem da história, foram escolhidos vários livros que se aproximavam da mesma temática para que as crianças os pudessem consultar. O espaço criado para a «A hora do conto», estava intencionalmente desprovido de mobiliário, as crianças podiam sentar-se em almofadas e tapetes, permitindo-lhes assim um maior conforto num ambiente mais acolhedor.

Para além destes aspectos já referidos, relativamente às condições que podem influenciar positivamente as crianças leitoras, devemos ter em consideração, na sequência das ideias de Jolibert (1994), que a leitura deve conduzir à escrita, passando os mais novos a serem também produtores e difusores.

A leitura das histórias/obras seleccionadas, esteve sempre presente a preocupação de uma leitura como fonte de prazer, suscitando a imaginação, criatividade e encantamento, para que deste modo se desenvolva nas crianças o gosto pela leitura na tentativa de formar leitores.

4.1. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1.1. – 1ª Actividade: «A História de Pedrito Coelho» de Beatrix Potter e «Os Dois Coelhos» de Osopo

A apresentação da história do «A História de Pedrito Coelho» foi realizada de diferentes formas e utilizadas técnicas e recursos diversificados.

O espaço foi decorado com elementos que faziam parte da história. Criou-se uma horta com um cenário apelativo à mensagem do enunciado.

Iniciou-se com um momento musical servindo de introdução. O animador caracterizado da personagem principal, Pedrito Coelho, entoou a seguinte melodia:

“Vou contar a história do coelhinho engraçado
Que vivia no bosque e tinha muitos amigos,
Flopsy e Mopsy que nomes tão catitas,
Rabinho de Algodão e o Pedrito” (Anexo 3)

Toda a história foi projectada com recurso multimédia. Enquanto a narradora fazia uma leitura criativa, o animador caracterizado de personagem principal, mimava e recriava os vários momentos da história. (Anexo: DVD – Actividade 1)

Dando continuidade à actividade anterior e no mesmo ambiente, contou-se a fábula «Os Dois Coelhos», recorrendo à projecção de imagens.

A leitura da história foi dialogada entre os dois animadores.

Fez-se um trabalho onde as crianças são questionadas de forma a reflectirem sobre as ideias emanadas do conto possibilitando o sentido crítico sobre as questões levantadas. As crianças sensibilizadas para o significado da noção de Fábula, da sua importância na formação para os valores e atitudes cívicas.

Actividade Artística desenvolvida:

- Jogo dos Provérbios e o seu significado no nosso quotidiano.
- Montagem e ilustração de um Puzzle gigante da personagem principal.
- Ficha de leitura com ilustração da história.

Propôs-se às crianças actividades relacionadas com histórias trabalhadas, onde elas expressaram o seu entendimento e de forma particular a sua reflexão.(Anexo: DVD – Actividade 1)

4.1.2. – 2ª Actividade: «Não Acredito no Pai Natal», adaptação de David Afonso

Esta história retrata um menino que não acredita no Pai Natal, porque ele nunca lhe satisfaz o seu pedido, que era uma estrela. Desenvolve-se um diálogo entre o Pai Natal e o menino.

A adaptação desta história pretendeu alertar os participantes para a importância dos valores.

Foram feitas recolhas de imagens para ilustração do texto dando origem a uma apresentação em «Power Point», que acompanhava a narração da história. (Anexo: DVD - Actividade 2 e Power Point)

4.1.3. – 3ª Actividade: «Ninguém dá prendas ao Pai Natal» de Ana Saldanha

Através da técnica do teatro de sombras, foi apresentada a história, um dos animadores incorporou o personagem de Pai Natal, sempre presente ao longo da representação, enquanto o outro representou as restantes personagens apenas lhe dando voz.

Os alunos acompanharam a história com muito entusiasmo devido à interacção dinâmica entre as personagens e as imagens projectadas. (Ver: <http://blogspot.com/> em a hora do conto)

No desenrolar da história surgiram as personagens conhecidas dos contos populares e das fadas que despertaram o interesse dos ouvintes. (Anexo DVD - Actividade 3 e Power Point)

Um dos aspectos que sobressai destas práticas, como refere Oliveira, é a importância do maravilhoso na literatura infantil pois constata-se que:

[...] (...) É nesse sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. Facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.⁷[...]

4.1.4. – 4ª Actividade: «História de um Lápis Branco – O que é um Amigo?» de Maria Cardoso e Mónica Dias

⁷ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil foi retirado de (<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>)

Num ambiente mais intimista e com a ajuda do quadro interactivo, a história foi apresentada mediante as suas características e peculiaridades. Desenrolando-se de forma interactiva, a explanação dos animadores foi realizada com auxílio do quadro interactivo com todas as possibilidades que este dispositivo oferece .

Segundo Perrenoud (2000: 139) “as novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didácticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas”. Ainda segundo o mesmo autor, a grande questão é se as tecnologias serão utilizadas pelos professores como um recurso de apoio, ilustração e motivação da aula, ou para “ mudar o paradigma e concentrar-se na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem.”

Os alunos participaram activamente intervindo e experimentando as várias ferramentas. (Anexo: DVD - Actividade 4 e Power Point: O que é um Amigo - História)

4.1.5. – 5ª Actividade: “O Sapo Apaixonado” Max Velthuijs

Tendo como temática os valores do amor, amizade e afeição, a história foi projectada no quadro interactivo e narrada pelos animadores.

Esta actividade teve a completá-la a projecção de um «Power Point» interactivo, que possibilitou às crianças cantar e dramatizar a canção «Cinderela» de Carlos Paião. (Anexo: DVD - Power Point: Cinderela Carlos Paião)

Através da projecção de um Power Point interactivo, ouviu-se, cantou-se e dramatizou-se a canção “Cinderela” de Carlos Paião. (Anexo: DVD – Actividade 5)

No final desta primeira parte as crianças puderam expressar-se relativamente aos sentimentos e emoções relacionados com este tema.

Na segunda parte a actividade reiniciou com a canção «Os Abraços de Sérgio Godinho, interpretada pelo animador, tendo as crianças acompanhado este momento cantando e acompanhando com gestos o poema da canção. (Anexo 4)

4.1.6. – 6ª Actividade: “A Gata Borracheira/Cinderela”

Por forma a encontrar o exterior do espaço escolar locais que constituíssem um estímulo adicional para este projecto, os alunos, acompanhados pelos professores, foram visitar uma cozinha tradicional. O fumo, a cinza os potes e as alheiras, todo este ambiente

transportou os participantes para outros tempos. Segundo Niza (1998) torna-se necessário convidar outras pessoas exteriores à escola para dinamizar estas actividades. Esta saída correspondeu também à necessidade de desenvolver contactos pouco habituais que alterem a rotina escolar.

Sobrinho (2000: 83-84) refere que “os avós contavam antigamente contos à lareira, mas os seus ecos perderam-se na noite do tempo. Pode, no entanto, recuperar-se parte dessa magia... valorizar o saber dos mais velhos, tantas vezes votados ao abandono e à solidão, nas nossas sociedades.” Deste modo, fomos recebidos pela D. Lucinda trajada a rigor, imitando a forma de vestir dos nossos antepassados, condizendo com todo o cenário envolvente.

Presenteou-nos com a história: “A Gata Borracheira Cinderela”, segundo a versão que ouvia na sua infância, bem diferente daquela que hoje em dia é mais conhecida.

Os alunos mostraram-se muito interessados nesta actividade, não parando de questionar e interromper a «contadora de histórias» devido à curiosidade que a mesma despertava. (Anexo: DVD: Actividade – 6)

4.1.7. – 7ª Actividade: Feira do Livro

Para comemorar a Semana da Leitura e dos Departamentos a turma do 6º A em articulação com as disciplinas de Língua Portuguesa, Área de Projecto e Educação Musical elaborou um texto intitulado: “Ler ... Para quê? Temos mais é que fazer!”

Este texto foi concebido de molde a formar um conjunto do qual faziam parte as histórias tradicionais, os heróis da banda desenhada e alguns artistas mais famosos do nosso tempo, utilizando de forma interactiva o de teatro de sombras.

Pretendeu-se com esta peça alertar e sensibilizar os alunos para a importância da leitura e do livro, colocados geralmente em segundo plano, dado o poder de atracção das ofertas tecnológicas, que continuam a dominar as preferências dos jovens. Esta actividade contou com a participação da escritora Ana Macedo tendo a mesma proferido uma palestra sobre estas questões.

Um momento musical completou o conjunto de actividades tendo sido apresentado pela turma do 7ºA. (Anexo: DVD - Actividade 7)

4.1.8. – 8ª Actividade: Encontro com a escritora Ana Saldanha

Esta actividade contou com a presença da escritora Ana Saldanha, de acordo com o Plano Anual de Actividades do Agrupamento em articulação com a BE, Departamento de Língua e Educação Musical, no âmbito do PNL e da Semana da Leitura.

No Auditório, teve lugar uma dramatização de um excerto do livro «Ninguém dá Prendas ao Pai Natal», actividade que foi complementada com a apresentação de vários temas musicais poemas, leitura de poemas e danças. Fez parte também do programa o visionamento de um vídeo editado no programa (Movie Maker), baseado no livro «Uma Questão de Cor.» (Anexo: DVD – Actividade 8)

4.1.9. – 9ª Actividade: “Viagem pela vida e obra de Beethoven”

Ao som da melodia «Für Elisa», desenvolveu-se um viagem pela vida e obra de um dos maiores e influentes compositores de música clássica, Ludwig van Beethoven.

Trajados a rigor, imitando assim o século e todo o ambiente de então, os animadores deram voz às respectivas personagens, tendo narrado, de forma musicada e apelativa, aspectos significativos da obra deste compositor. (Anexo: DVD - Actividade 9)

Fez parte também desta actividade a interpretação de excertos da 5ª Sinfonia e do «Hino da Alegria» entoado pelos presentes. (Anexo 5)

A 5ª Sinfonia também não foi esquecida e serviu de suporte ao jogo das cadeiras que animou todos os alunos.

4.1.10. – 10ª Actividade: «Quebra Nozes» de Tchaikovsky

Desde o início dos tempos que o homem prece sentir a necessidade de contar histórias acompanhadas por melodias. Os trovadores, cantavam versos poéticos nas côrtes e os contadores de contos acompanhavam as suas histórias com instrumentos musicais, percorrendo as praças e as aldeias. “Está presente a poesia, está presente a pintura, estão presentes o canto e a música, estão presentes a arte e o actor e tudo o mais! Quando todas essas artes actuam em conjunto, então resulta uma festa não comparável com qualquer outra.” (Goethe, citado por Pahlen, 1991: 61)

Nesta actividade todas as crianças e professores do 1º Ciclo do Agrupamento, deslocaram-se ao Centro Cultural de Chaves, para assistirem ao concerto «Quebra Nozes», interpretado pela Orquestra do Norte que contou também com a narração de Jorge Castro

Ribeiro. Este evento foi o culminar das actividades desenvolvidas neste projecto. (Anexo: DVD – Actividade 10)

CAPÍTULO V

5. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Na elaboração do questionário inicial, traçámos o plano de investigação com base e definimos os seguintes objectivos:

- Conhecer os hábitos de leitura dos alunos;
- Conhecer as suas preferências de leitura;
- Saber se alguns alunos gostam de histórias;
- Saber de que forma os alunos gostam de ouvir histórias;
- Saber se os alunos frequentam a BE;
- Conhecer a forma como os alunos gostariam que as actividades de «A hora do conto» fossem desenvolvidas;

De seguida foram elaboradas as questões que fizeram parte do questionário inicial.

5.1. QUESTIONÁRIO INICIAL

A amostra deste estudo foram os alunos dos 2º, 3º e 4º Anos, com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos. 59 do sexo feminino e 53 do sexo masculino. Os questionários foram aplicados durante a última semana de aulas do 1º Período, após a finalização da primeira actividade de “A hora do conto”. (Anexo 6)

Questão 1.1 - Idade

Tabela 5 – Distribuição da frequência da variável da idade dos alunos em estudo

Idades	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta Acumulada	Frequência Relativa	Frequência Relativa Acumulada
7	32	32	32/112	32/112
8	41	73	41/112	73/112
9	32	105	32/112	105/112
10	5	110	5/112	110/112
11	1	111	1/112	111/112
12	1	112	1/112	112/112
Total	112	112	112/112	112/112

Fonte: *Dados recolhidos por questionário*

Medidas de Tendência Central

Com estes indicadores podemos ter uma primeira ideia ou um resumo do modo como estão distribuídos os dados deste estudo sobre os valores da variável – Idade – e que passamos a citar:

Moda - 8 anos

Média Aritmética - 8,15 anos

Mediana - 8 anos

Medidas de Dispersão

Desvio Absoluto Médio - 0,76

Variância - 1,27

Desvio de Padrão - 1,13

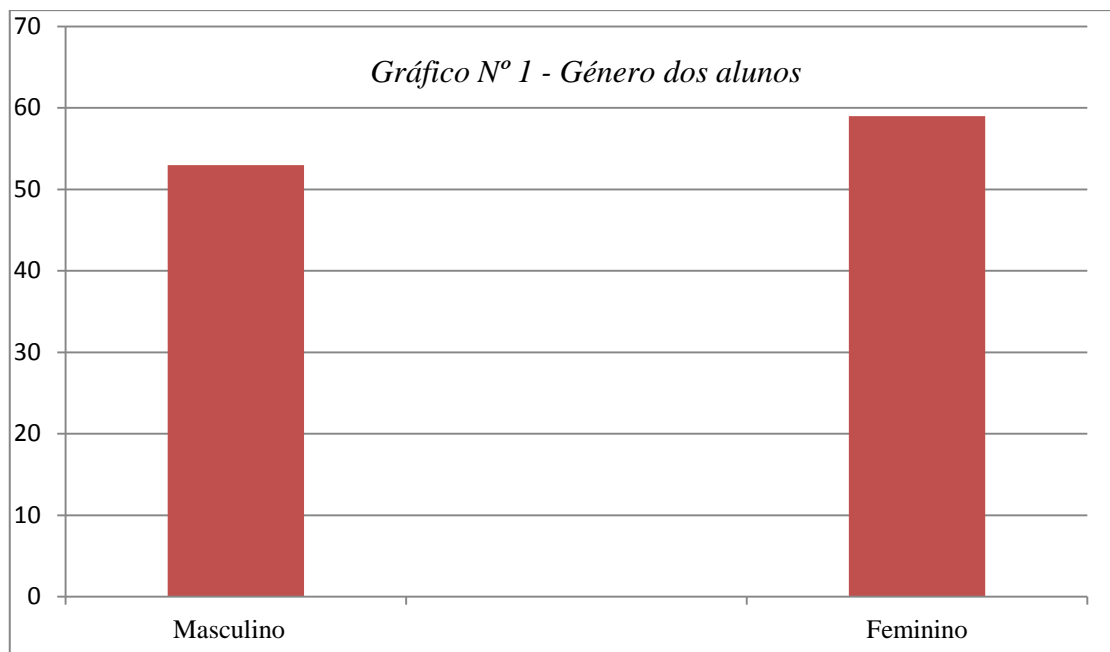
Questão: 1.2 - Sexo

Tabela 6 – Género dos alunos

	Nº	%
Masculino	53	47,32
Feminino	59	52,67
TOTAL	112	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Dos 112 alunos inquiridos 59 são do sexo Feminino com (52,67%) e 53 do sexo Masculino com (47,32%).



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 1.3 - Residência/Localidade

Tabela 7- Residência/localidade dos alunos

Código	Localidade/ Residência	Código	Localidade/ Residência
VV1	Vila Verde de Oura	VC13	Arcossó
VV2	Vila Verde de Oura	VC14	Vilarinho das Paranheiras
VV3	Selhariz	VC15	Vidago
VV4	Vila Verde de Oura	VC16	Arcossó
VV5	Vila Verde de Oura	VC17	Vila Verde de Oura
VV6	Selhariz	VC18	Pinho
VV7	Selhariz	VC19	Vidago
VV8	Vila Verde de Oura	VC20	Vidago
VV9	Selhariz	VC21	Vila Verde de Oura
LA1	Loivos	VC22	Vidago
LA2	Loivos	VC23	Vidago
LA3	Loivos	VC24	Vilarinho das Paranheiras
LA4	Loivos	A1	Anelhe

LA5	Loivos	A2	Anelhe
LA6	Loivos	A3	Souto Velho
LB1	Loivos	A4	Souto Velho
LB2	Vila Verde de Oura	A5	Anelhe
LB3	Loivos	A6	Anelhe
LB4	Seixo	A7	Anelhe
LB5	Loivos	A8	Anelhe
LB6	Loivos	A9	Anelhe
LB7	Loivos	VD1	Vidago
LB8	Loivos	VD2	Vidago
LB9	Loivos	VD3	Vidago
VB1	Vilas Boas	VD4	Vidago
VB2	Vidago	VD5	Vidago
VB3	Oura	VD6	Vidago
VB4	Vidago	VD7	Vidago
VB5	Arcossó	VD8	Vidago
VB6	Oura	VD9	Vidago
VB7	Arcossó	VD10	Vidago
VB8	Vilarinho das Paranheiras	VD11	Vidago
VB9	Vidago	VD12	Vidago
VB10	Vidago	VD13	Vidago
VB11	Vidago	VD14	Vidago
VB12	Vidago	VE1	Vidago
VB13	Vidago	VE2	Vidago
VB14	Vidago	VE3	Vidago
VB15	Vidago	VE4	Vidago
VB16	Oura	VE5	Vilarinho das Paranheiras
VB17	Vidago	VE6	Oura
VB18	Anelhe	VE7	Vilas Boas
VB19	Oura	VE8	Vilas Boas
VB20	Oura	VE9	Vilas Boas
VC1	Vilas Boas	VE10	Vilas Boas
VC2	Vidago	VE11	Vilarinho das Paranheiras
VC3	Vidago	AD1	Santa Leocádia

VC4	Vidago	AD2	Dorna
VC5	Oura	AD3	Dorna
VC6	Arcossó	AD4	Adães
VC7	Vila Verde de Oura	AD5	Dorna
VC8	Vidago	AD6	Adães
VC9	Vidago	AD7	Santa Ovalha
VC10	Oura	AD8	Adães
VC11	Vidago	AD9	Dorna
VC12	Arcossó	AD10	Fornelos

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Tabela 8 – Número de alunos por residência/localidade

Residência/Localidade	Nº	%
Adães	3	2,67
Anelhe	8	7,14
Arcossó	6	5,35
Dorna	4	3,57
Fornelos	1	0,89
Loivos	13	11,60
Oura	8	7,14
Pinho	1	0,89
Santa Leocádia	1	0,89
Santa Ovaia	1	0,89
Seixo	1	0,89
Selhariz	4	3,57
Souto Velho	2	1,78
Vidago	39	34,82

Vilarinho das Paranheiras	5	4,46
Vilas Boas	6	5,35
Vila Verde de Oura	9	8,03
Total	112	99,93

Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.2. 2º QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS DE AVALIAÇÃO DO PROJECTO

Após a organização de todos os dados, fez-se uma leitura dos questionários que nos ajudou a tirar conclusões acerca do nosso estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994: 277) “esta forma de investigação é denominada na gíria avaliativa, formativa. Significa que o propósito da avaliação é o de melhorar o desenrolar do programa.” Após a organização das respostas procedeu-se à categorização, seguindo-se a análise dos resultados.

A amostra foi a mesma do questionário inicial, exceptuando os alunos da Escola do 1º Ciclo de Anelhe, dado que o transporte para a escola Sede do Agrupamento, para assistirem às actividades do projecto, não lhes foi facultado. Os questionários foram aplicados após a última actividade do projecto. (Anexo 7)

5.3. QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

A amostra englobou todos os professores titulares do 1º Ciclo do Agrupamento, com idades compreendidas entre os 44 e os 57 anos, 8 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. O preenchimento dos questionários foi feito no próprio momento e distribuídos personalizadasmente. Os questionários foram aplicados após a finalização do projecto. (Anexo 8)

Questão 1. - Idade

Tabela 9 – Distribuição de frequência da variável idade dos professores

Idades	Frequência Absoluta	Frequência Absoluta Acumulada	Frequência Relativa	Frequência Relativa Acumulada
44	1	1	1/10	1/10
47	1	2	1/10	2/10

51	1	3	1/10	3/10
52	1	4	1/10	4/10
53	1	5	1/10	5/10
54	1	6	1/10	6/10
55	3	9	3/10	9/10
57	1	10	1/10	10/10
Total	10	10	10/10	10/10

Fonte : Dados recolhidos por questionário

Medidas de Tendência Central

Moda – 55 anos

Média Aritmética – 52,3 anos

Mediana – 53,5 anos

Medidas de Tendência Central

Desvio Absoluto Médio – 3,04

Variância – 16,01

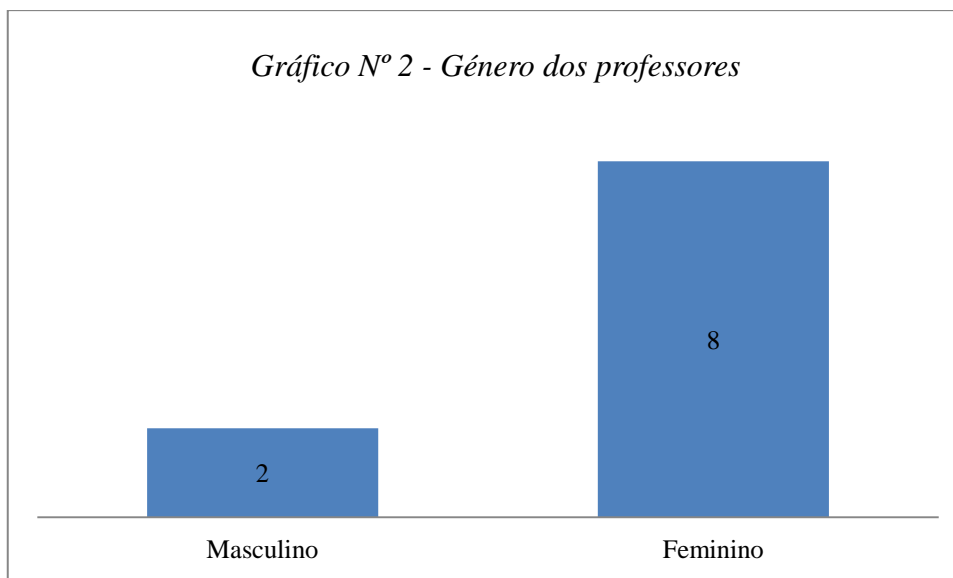
Desvio de Padrão – 4

Questão 2. - Sexo

Tabela 10 - Género dos professores

	Nº	%
Masculino	2	20
Feminino	8	80
TOTAL	10	100

Fonte: Dados recolhidos no questionário



Fonte: Dados recolhidos no questionário

Questão 1.3 - Residência (localidade)

Tabela 11 – Residência/localidade dos professores

Código	Residência/Localidade
P1	Chaves
P2	Não respondeu
P3	Chaves
P4	Vidago
P5	Vidago
P6	Chaves
P7	Chaves
P8	Chaves
P9	Chaves
P10	Chaves

Fonte: Dados recolhidos por questionário

CAPÍTULO VI

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objecto do estudo centra-se no «Contributo da Animação Artística no Desenvolvimento da Literacia e na Promoção da Leitura», sendo os dados apresentados predominantemente em tabelas e gráficos tratados em programa informático. Para explicitar esta problemática, é importante analisar cada uma das categorias em particular, apresentando os resultados a partir da leitura das referidas tabelas e respectivos gráficos, procedendo-se à análise qualitativa e quantitativa de cada uma delas.

Antes de se dar início à apresentação e análise dos resultados, convém referir que se optou por começar na questão 2, uma vez que a questão 1 já foi analisada anteriormente.

A sequência dos dados é idêntica à ordem das questões apresentadas no questionário que deu origem aos dados em análise. Segue-se o enunciado de cada questão, respectivos resultados e uma breve apreciação dos mesmos.

6.1. 1º QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Questão: 2. - Costumas ler?

A esta questão todos os alunos responderam Sim.

Questão: 3. - Que tipo de leitura preferes?

Para esta questão construímos cinco categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. Assim, dos 112 alunos que responderam afirmativamente, construímos 5 categorias, para incluir as justificações dos alunos acerca da opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 12 – Leitura preferida

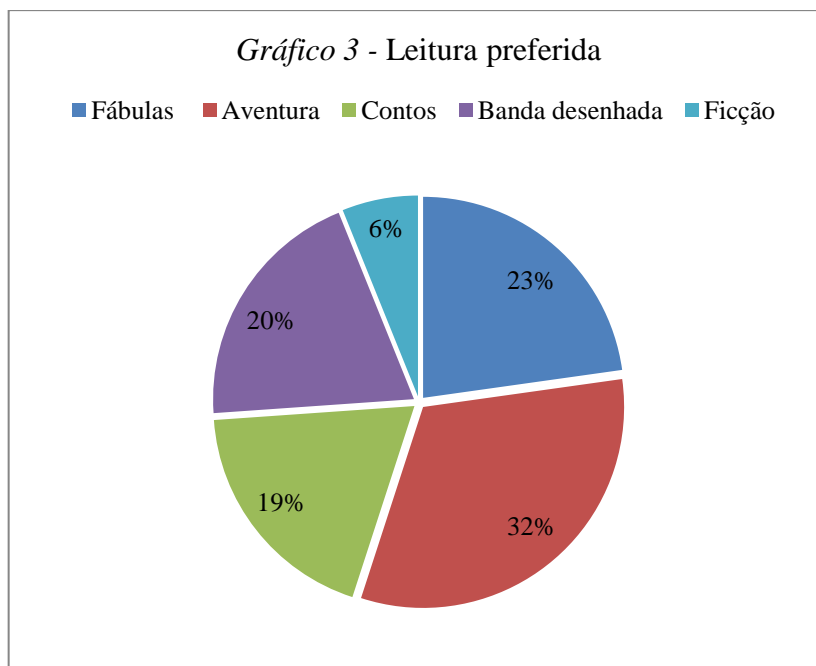
Categorias	Nº	%
Fábulas	41	22,77
Aventura	58	32,22
Contos	34	18,88
Banda desenhada	36	20
Ficção	11	6,11
Total	180	99,98

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos quinze alunos foram obtidas 180 frases (unidades).

O número mínimo de frases foi (11), «Ficção» e o máximo de (58), relativamente a «Aventura».

Em síntese podemos dizer que todos os alunos costumam ler. Apontando como razões o gosto pela leitura de «Aventura» (32,22%), «Fábulas» (22,77%) e «Banda Desenhada» (20%).



Fonte: Dados recolhidos no questionário

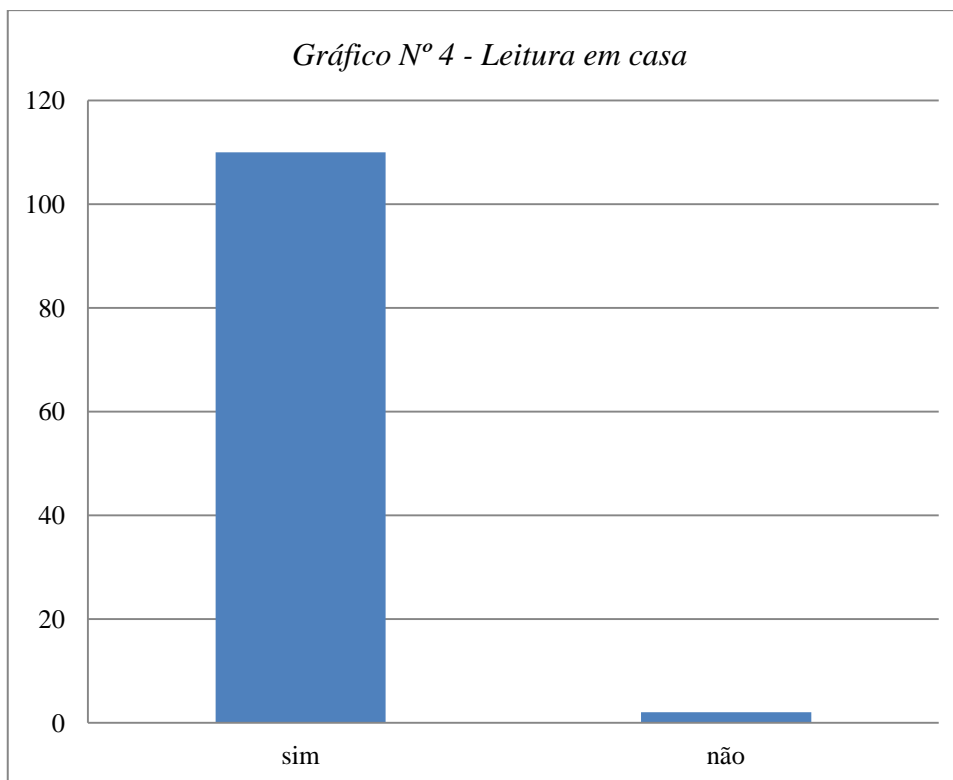
Questão: 4. - Lê habitualmente em casa?

Tabela 13 - Leitura em casa

	Nº	%
Sim	110	98,21
Não	2	1,78
Total	112	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

A esta questão 110 alunos (98,21%) responderam «Sim» e 2 alunos (1,78%) responderam «Não».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 5. - Em que altura do dia costuma ler no tempo de aulas?

Esta questão foi respondida por todos os alunos. Assim, das 112 respostas, construímos 4 categorias, para incluir as justificações dos alunos acerca da opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 14 – Altura do dia em que os alunos costumam ler em tempo de aulas

Categorias	N°	%
À noite ao deitar	46	38,01
Fim-de-semana	67	55,37
Outros	2	1,65
Não responderam	6	4,95
Total	121	99,98

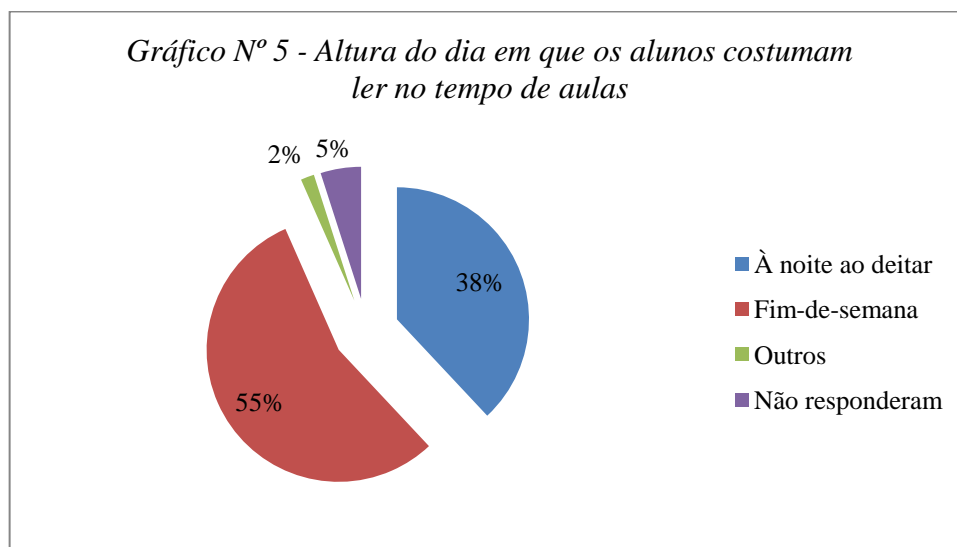
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 121 frases.

O número mínimo de frases são (2) «Outros» e o máximo de (67) «Fim-de-semana».

Quanto à razão mais apontada em que altura no tempo de aulas costumam ler, com (55,37%) é a frase «Fim-de-semana» com 67 respostas, seguida com (38,01%) a frase: «À noite ao deitar» com 46 respostas. A menos mencionada é «Outros» (1,65%) com 2 respostas.

Em síntese podemos dizer que (95,04%) dos alunos costumam ler no tempo de aulas com 115 respostas.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 5. - Em que altura do dia costuma ler nas férias?

Esta questão foi respondida por todos os alunos. Assim, das 112 respostas, construímos 4 categorias, para incluir as justificações dos alunos acerca da opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 15 - Altura do dia que os alunos costumam ler em tempo de férias

Categorias	N°	%
De manhã	21	14
À tarde	49	32,66
À noite ao deitar	44	29,33
Fim-de-semana	36	24
Total	150	99,99

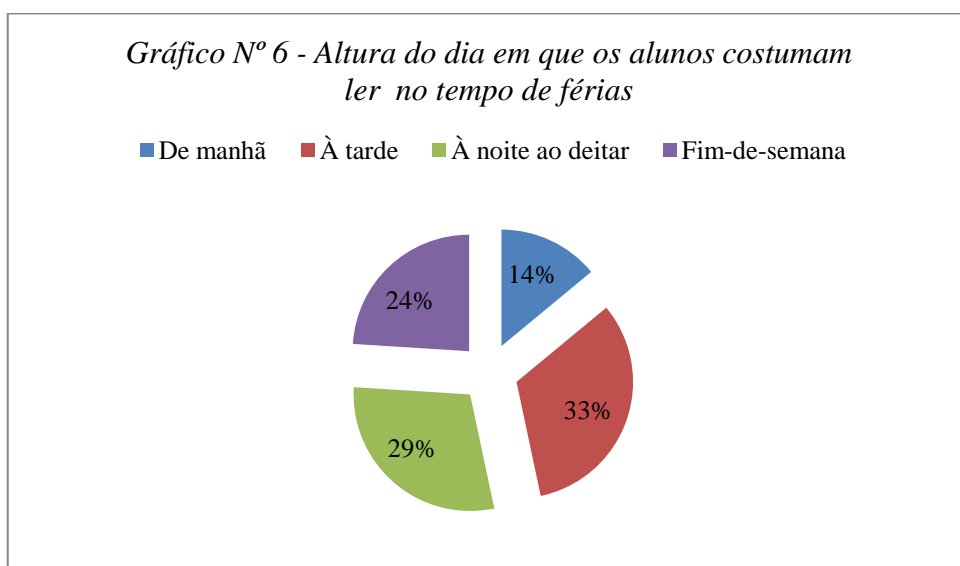
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 150 frases.

O número mínimo de frases são (21) «De manhã» e o máximo (49) «Fim-de-semana».

Quanto à razão mais apontada em que altura do dia em tempo de férias costumam ler, com (32,66%) é a frase «À tarde» com 49 respostas, seguida com (29,33%) a frase: «À noite ao deitar» com 44 respostas. A menos mencionada é «De manhã» (14%) com 21 respostas.

Em síntese podemos dizer que todos os alunos costumam ler no período de férias com 150 respostas.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 6. - Costuma contar histórias a alguém?

Tabela 16 - Contar histórias a alguém

	Nº	%
Sim	80	71,42
Não	32	28,57
Total	112	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

A esta questão 80 alunos (71,42%) responderam «Sim» e 32 alunos (28,57%) responderam «Não».

Podemos dizer que uma grande maioria (71,42%) dos alunos costumam contar histórias.

Questão: 7. - Gosta de ouvir histórias?

A esta questão todos os alunos responderam «Sim».

Questão: 7.1 - De que forma?

Todos os alunos responderam a esta questão. Sendo assim, das respostas dadas pelos alunos construímos 5 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue.

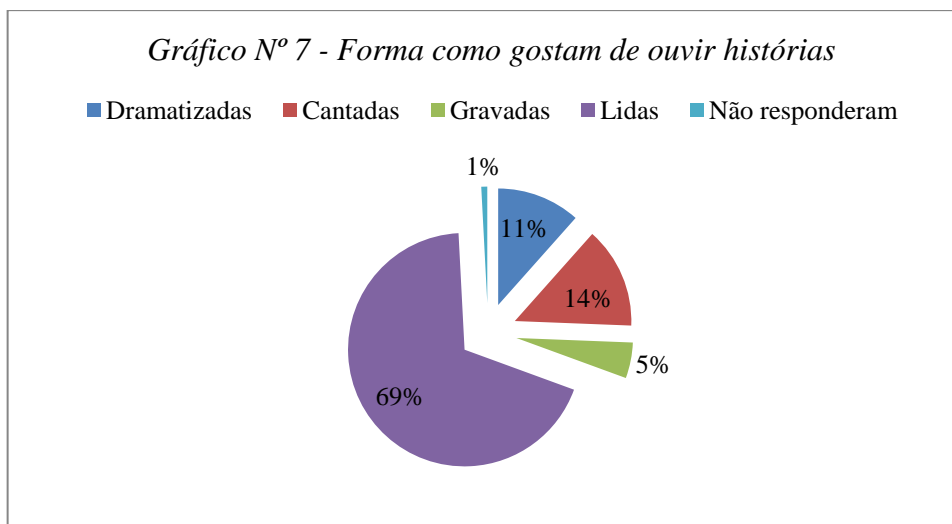
Tabela 17 - De que forma os alunos gostam de ouvir histórias

Categorias	Nº	%
Dramatizadas	14	11,57
Cantadas	17	14,04
Gravadas	6	4,95
Lidas	83	68,59
Não responderam	1	0,82
Total	121	99,97

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos 112 alunos foram obtidas 121 frases. O número mínimo de frases é (1) «Não responderam» com (0,82%).

Quanto à forma mais apontada de como gostam de ouvir histórias, 83 alunos (68,59%) responderam: «Lidas». 17 alunos (14,04%) proferiram: «Cantadas», seguindo-se 14 alunos (11,57%) que indicaram: «Dramatizadas» e por fim 6 alunos (4,95%) apontaram: «Gravadas».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 8. - Costuma utilizar a Biblioteca escolar?

A esta questão 111 alunos (99,10) responderam afirmativamente e 1 aluno (0,89) respondeu negativamente. Assim, construímos 6 categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 18 - Utilização da BE

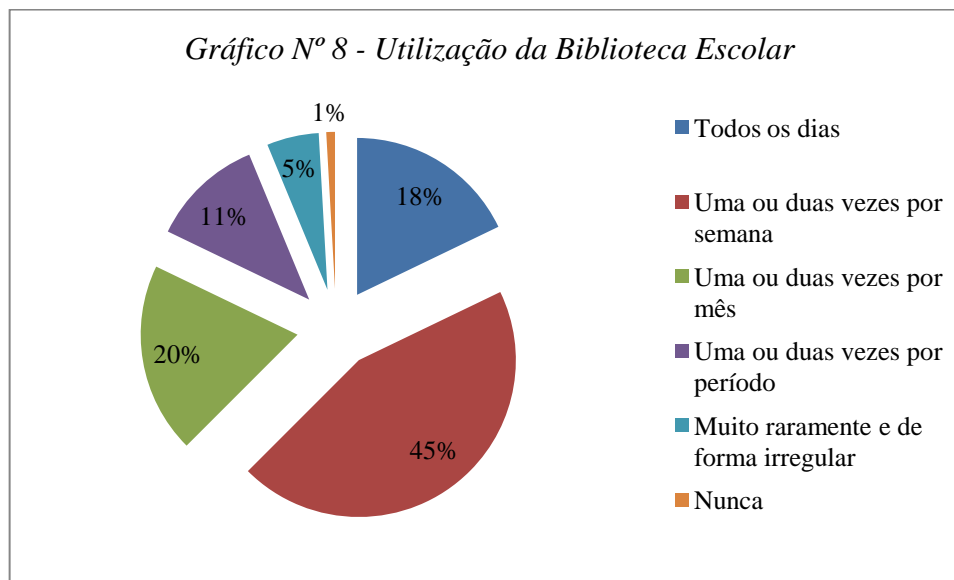
Categorias	N°	%
Todos os dias	20	17,85
Uma ou duas vezes por semana	50	44,64
Uma ou duas vezes por mês	22	19,64
Uma ou duas vezes por período	13	11,60
Muito raramente e de forma irregular	6	5,35
Nunca	1	0,89
Total	112	99,97

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 112 frases.

O número mínimo de frases é (1) «Nunca».

Quanto à razão mais apontada pelos alunos sobre o hábito da utilização BE, 50 alunos (44,64%) responderam: «Uma ou duas vezes por semana», 22 alunos (19,64%) expressaram: «Uma ou duas vezes por mês», 20 alunos (17,85%) alegaram: «Todos os dias», 13 alunos (11,60%) apontaram: «Uma ou duas vezes por mês» e por fim 6 alunos (5,35%) mencionaram: «Muito raramente e de forma irregular».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 9. - Utiliza os recursos da BE nas suas actividades escolares?

A esta questão todos os alunos responderam afirmativamente. Sendo assim, construímos 5 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 19 - Utilização dos recursos da BE das actividades escolares dos alunos

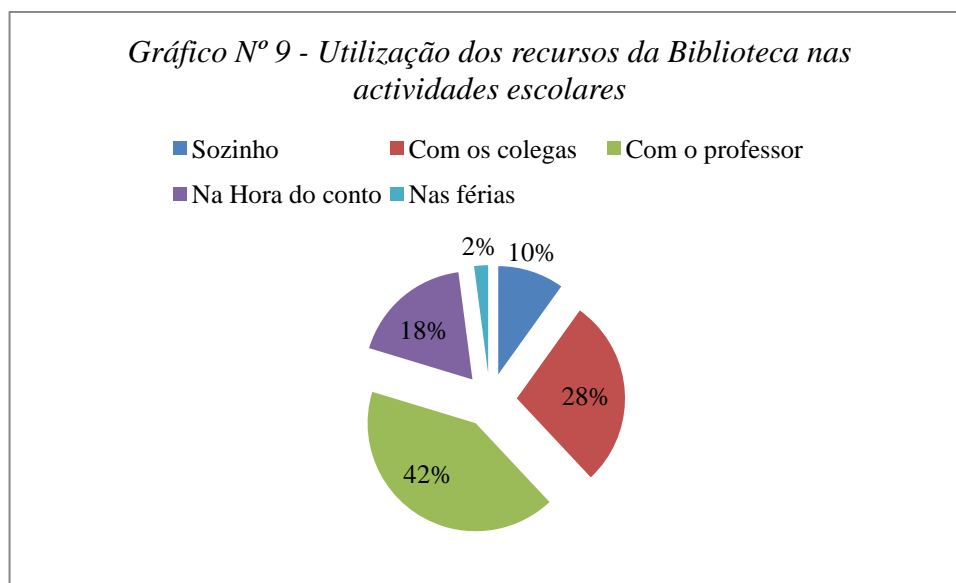
Categorias	N°	%
Sozinho	19	9,89
Com os colegas	54	28,12
Com o professor	80	41,66
Na Hora do conto	35	18,22
Nas férias	4	2,08
Total	192	99,97

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos 112 alunos foram obtidas 192 frases.

O número mínimo de frases são (4) com (2,08%) «Nas férias», (19) frases «Sozinho» com (9,89%), (35) frases «Na Hora do conto» com (18,22%), (54) frases «Com os colegas» com (28,12%) e por fim com o número máximo de frases (80) «Com o professor» com (41,66%).

Em síntese podemos dizer que todos os alunos utilizam os recursos da BE nas suas actividades escolares.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 10. - O que gosta mais de fazer na biblioteca?

Todos os alunos responderam a esta questão. Sendo assim, construímos 3 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 20 - O que mais gostam de fazer na BE

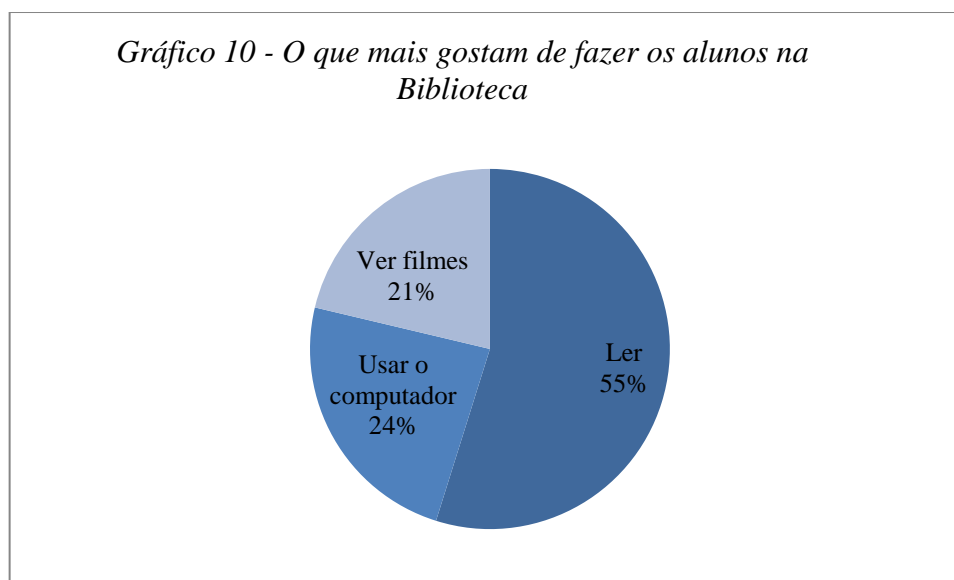
Categorias	N°	%
Ler	85	54,83
Usar o computador	37	23,87
Ver filmes	33	21,29
Total	155	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 155 frases.

O número mínimo de frases são (33) «Ver Filmes» e o máximo de (85) «Ler».

Quanto à razão mais apontada do que os alunos mais gostam de fazer na Biblioteca, com (54,83%) é a frase «Ler», seguida com (23%) a frase «Usar o computador» e por fim com (21,29%) a frase «Ver filmes».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 11. - Requisitas livros para ler?

A esta questão 111 alunos (99,10%) responderam «Sim» e 1 aluno (0,89%) respondeu «Não». Sendo assim, construímos 6 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 21 - Requisição de livros para ler

Categorias	Nº	%
Diariamente	9	8,03
Uma vez por semana	58	51,78
Uma vez por mês	14	12,5

Uma vez por período	20	17,85
Nunca	10	8,92
Não respondeu	1	0,89
Total	112	99,97

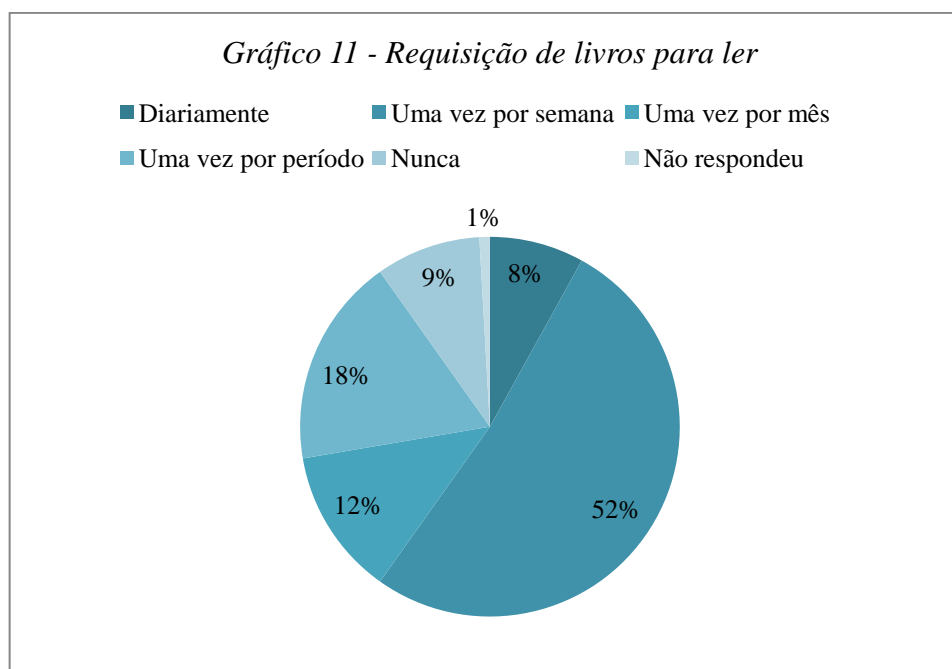
Fonte: dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 112 frases.

O número mínimo de frases é (1) com (0,89%) «Não respondeu» e o máximo (58) com (51,78%) «Uma vez por semana».

10 alunos (8,92%) referiram que nunca requisitam livros para ler. No entanto, 9 alunos (8,03%) requisitam livros «Diariamente», 14 alunos (12,5%) «Uma vez por mês», 20 alunos (17,85%) «Uma vez por período» e por fim 58 alunos (51,78%) referiram que requisitam «Diariamente» livros para ler.

Em síntese podemos dizer que 102 alunos (91,05%) costumam requisitar livros para ler.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 12. - Frequenta as sessões “A hora do conto?”

Dos 112 alunos inquiridos, a esta questão 111 alunos (99,10%) responderam «Sim» e 1 aluno (0,89%) não respondeu. Assim, construímos a tabela que se segue, onde estão justificadas as suas respostas.

Tabela 22 - Frequência de “A hora do conto”

	Nº	%
Sim	111	99,10
Não respondeu	1	0,89
Total	112	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 12.1 - O que mais gosta nestas sessões?

Todos os alunos responderam a esta questão. Sendo assim, construímos 3 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

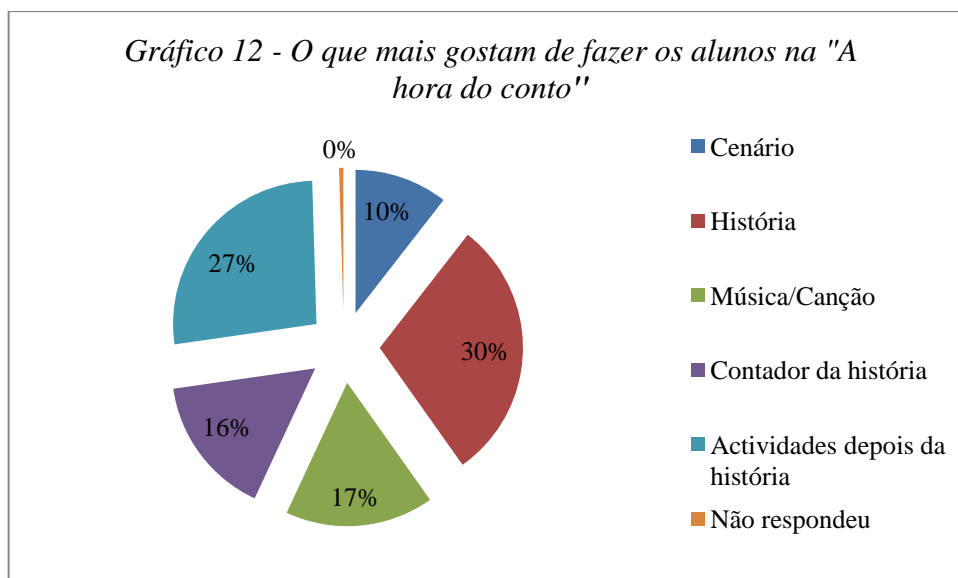
Tabela 23 - O que os alunos mais gostam de fazer nas sessões de “A hora do conto”

Categorias	Nº	%
Cenário	22	10,52
História	62	29,66
Música/Canção	35	16,74
Contador da história	33	15,78
Actividades depois da história	56	26,67
Não respondeu	1	0,47
Total	209	99,84

Fonte: Dados recolhidos por questionário

O número mínimo de frases são (1) com (0,47%) «Não respondeu», seguindo-se (22) frases «Cenário» com (10,52%), (33) frases «Contador da história» com (15,78%), (35) frases «Música Canção» com (16,74%), (56) frases «Actividades depois da história» com (26,67%) e por fim com o número máximo de frases (62) «História» (29,66%).

Em síntese podemos dizer que 111 alunos (99,10%) gostam das sessões de «A hora do conto».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 13. - Gostaria que “A hora do conto” fosse apresentada num local diferente?

A esta questão 93 alunos (83,03%) responderam «Sim» , 18 alunos (16,07%) responderam «Não» e 1 aluno (0,89%) «Não respondeu»

Podemos dizer que uma grande maioria (83,03%) dos alunos gostaria que «A hora do conto» fosse apresentada num local diferente.

Tabela 24 - Preferência da apresentação de "A hora do Conto" em outro local

	Nº	%
Sim	93	83,03
Não	18	16,07
Não Respondeu	1	0,89
Total	112	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 13.1 - Onde?

Dos 112 alunos inqueridos, a esta questão 89 alunos (79,46%) mencionaram outro local e 23 alunos (20,53%) «Não responderam». Sendo assim, construímos 5 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 25 - Local em que os alunos gostariam de ver apresentadas as actividades de «A hora do conto»

Categorias	Nº	%
Auditório	11	9,82
Sala de aula	21	18,75
Casa familiar	13	11,60
Ao ar livre	44	39,28
Não respondeu	23	20,53
Total	112	99,98

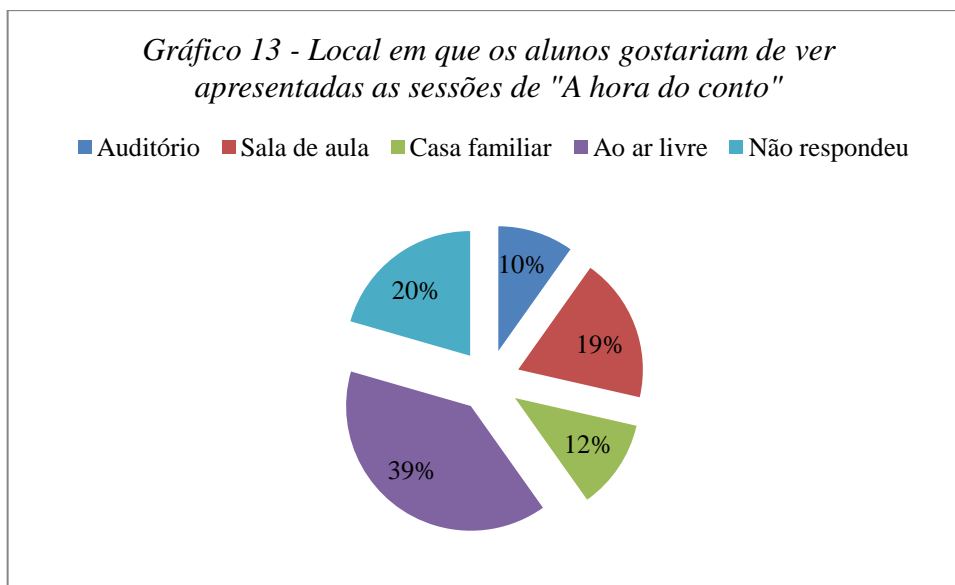
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 112 frases.

O número mínimo de frases é (11) com (9,82%) «Auditório» e o máximo (44) com (39,28%) «Ao ar livre».

13 alunos (11,60%) referiram «Casa familiar», 21 alunos (18,75%) gostariam que fosse na «Sala de aula», por último 23 alunos (20,53%) não responderam.

Em conclusão, podemos dizer que 89 alunos (79,46%) gostariam que as sessões de «A hora do conto» fossem apresentadas num local diferente.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 14. - Que actividades gostaria de ver desenvolvidas na “A hora do conto?”

Para esta questão construímos 8 categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 26 - O que os alunos mais gostam de fazer nas sessões de "A hora do conto"

Categorias	Nº	%
Música	47	21,65
Pintar	34	15,66
Ler	31	14,28
Teatro	72	33,17
Pesquisar no computador	12	5,52
Ver filmes	7	3,22
Brincar	2	0,92
Não respondeu	12	5,52
Total	217	99,94

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de sentido de análise é a frase, na justificação dada pelos 112 alunos foram obtidas 217 frases.

O número mínimo de frases são (2) «Brincar» com (0,92%) e máximo de (72) frases «Teatro» com (33,17%).

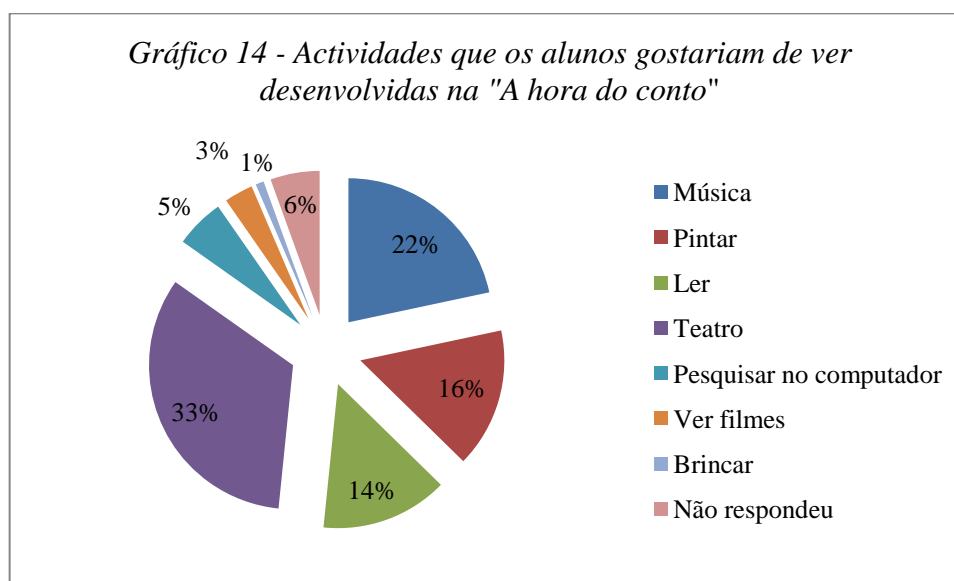
Na categoria «Música» com (21,65%), incluíram-se frases tais como: «Cantar», «Dançar» e «Ouvir música».

Na categoria «Pintar» com (15,66%), incluíram-se frases tais como: «Desenhar» e «Oficinas».

Na categoria «Teatro» com (33,17%), incluíram-se frases tais como: «Fazer uma peça de teatro», «Dramatização da história», «Seremos nós a dramatizar/contar a história».

Na categoria «Pesquisar no computador» com (5,52%), incluíram-se frases tais como: «Fazer a história no computador», «Jogos de leitura no computador».

É de salientar que 12 alunos (5,52%) não responderam a esta questão.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Podemos concluir que as três respostas mais apontadas pelos alunos acerca das actividades que gostariam de ver desenvolvidas nas sessões de «A hora do conto» estão relacionadas com as três artes: Música, Teatro e Artes Plásticas. Artes plásticas com (15,66%) das respostas dadas pelos inquiridos, Música com (21,65%) e finalmente a mais mencionada Teatro com (33,17%).

6.2. 2º QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Questão: 2. - Participou nas actividades de «A hora do conto?»

A esta questão todos os alunos responderam sim.

Questão: 3. - Que actividades lhes despertaram mais atenção?

A esta questão todos os alunos deram uma resposta. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 27 - Actividade que despertou mais atenção aos alunos

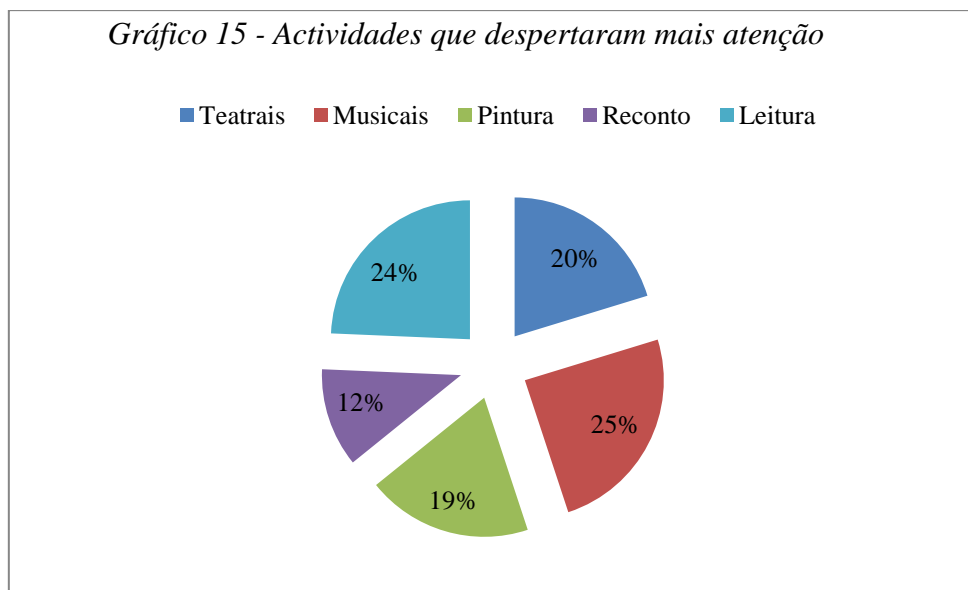
Categorias	Nº	%
Teatrais	60	20,27
Musicais	73	24,66
Pintura	57	19,25
Reconto	34	11,48
Leitura	72	24,32
Total	296	99,98

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos 99 alunos, foram obtidas 296 frases.

O número mínimo de frases com 34 respostas foi «Reconto» com 11,48% e o número máximo de frases com 73 respostas foram as actividades «Musicais» com 24,66%. Seguindo-se actividades de «Leitura» com 72 respostas (24,32%), actividades «Teatrais» com 60 respostas (20,27%) e «Pintura» com 57 respostas (19,25).

Com 190 respostas (64,18%) dadas pelos alunos, podemos dizer que as actividades artísticas lhes despertaram mais atenção.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 4. - Gostaria de descrever alguma em particular?

Dos 99 alunos inqueridos, a esta questão 49 alunos (49,49%) responderam afirmativamente e 50 alunos (50,51) responderam «Não». Sendo assim, construímos 7 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

Tabela 28 - Descrição da actividade pelos alunos

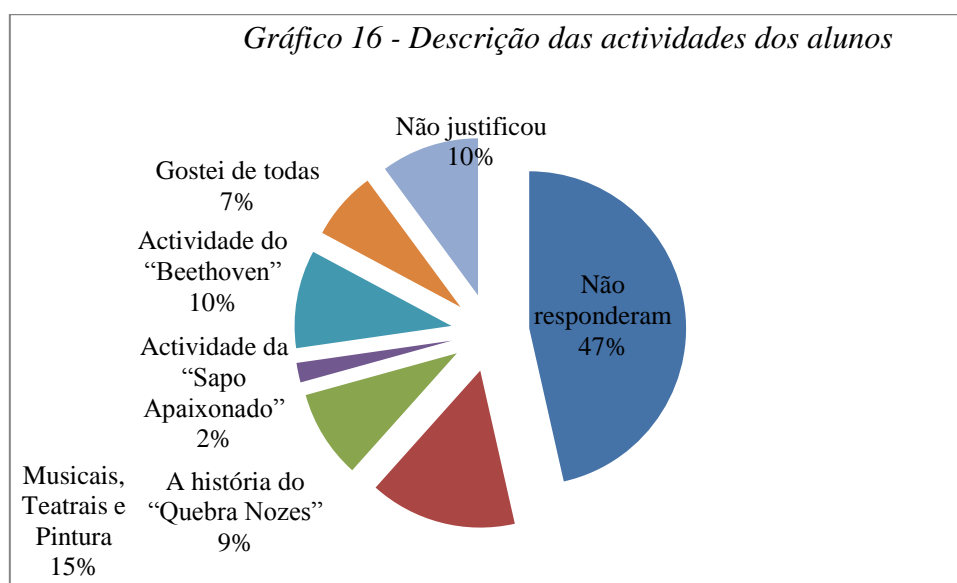
Categorias	Nº	%
Não responderam	46	46,46
Musicais, Teatrais e Pintura	15	15,15
A história do “Quebra Nozes”	9	9,09
Actividade da “Sapo Apaixonado”	2	2,02
Actividade do “Beethoven”	10	10,10
Gostei de todas	7	7,07
Não justificou	10	10,10
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Para esta questão construímos 7 categorias para incluir as justificações dos alunos.

O número mínimo de frases foi de 2 alunos (2,02%) que «Actividade do Sapo Apaixonado» e o máximo foram de 46 alunos (46,46%) que «Não responderam».

Quanto às actividades mais apontadas pelos alunos foram «Musicais, Teatrais e Pintura» com 15 alunos (15,15%), seguindo-se a actividade de «Beethoven» e «Não justificaram» 10 alunos (10,10%) respectivamente, 9 alunos (9,09%) justificaram que «História do Quebra Nozes» e por fim 7 alunos (7,07%) «Gostei de todas».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 5. - Considera que o projecto «A hora do conto» lhe despertou o gosto pela leitura?

Tabela 29 - Opinião dos alunos acerca do projecto "A hora do conto" no despertar do gosto pela leitura

Categorias	Nº	%
Sim	97	97,98
Não	2	2,02
Total	99	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Porquê?

Dos 99 alunos inquiridos, a esta questão 97 alunos (97,97%) responderam «Sim» e 2 alunos (2,02%) não responderam. Sendo assim, das respostas dadas pelos alunos construímos 6 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue.

Tabela 30 - Razões apontadas pelos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no despertar do gosto pela leitura

Categorias	Nº	%
Fiquei mais curioso pela leitura	25	25,25
Passei a ter mais prazer pela leitura	32	32,32
Passei a conhecer mais histórias	13	13,13
Comecei a ler mais	21	21,21
Ler é importante	6	6,06
Não respondeu	2	2,02
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Para esta questão construímos 6 categorias para incluir as justificações dos alunos.

Na categoria «Fiquei mais curioso pela leitura» incluíram-se frases tais como: «Fiquei mais interessado e com mais vontade de ler». Na categoria: «Passei a ter mais prazer pela leitura» incluíram-se as seguintes frases: «Fiquei mais motivado e com mais gosto de ler».

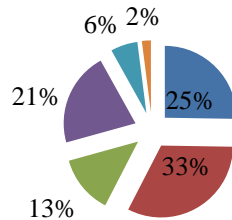
O número mínimo de frases foi de 2 alunos (2,02%) que «Não responderam».

Quanto à razão mais apontada pelos alunos relativamente ao projecto de «A hora do conto» no despertar do gosto pela leitura, 32 alunos (32,32%) justificaram que passaram a ler mais, 25 alunos (25,25%) ficaram mais curiosos pela leitura, 21 alunos (21,21%) começaram a ler mais, 13 alunos (13,13%) passaram a conhecer mais histórias e finalmente 6 alunos (6,06%) justificaram que ler é importante.

Em síntese podemos dizer através das razões mais apontadas, pelos alunos acerca do projecto de «A hora do conto», que este lhes despertou o gosto pela leitura.

Gráfico 17 - Razões apontadas pelos alunos acerca do projecto "A hora do conto no despertar do gosto pela leitura"

■ Fiquei mais curioso pela leitura ■ Passei a ter mais prazer pela leitura
■ Passei a conhecer mais histórias ■ Comecei a ler mais
■ Ler é importante ■ Não respondeu



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 6. - Considera que o projecto «A hora do conto» o ajudou a melhorar a leitura?

Tabela 31 - Opinião dos alunos acerca do projecto "A hora do conto" no melhoramento da leitura

Categorias	Nº	%
Sim	93	93,93
Não	3	3,03
Não Respondeu	3	3,03
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Porquê?

Dos 99 alunos inquiridos, a esta questão 93 alunos (93,93%) responderam «Sim», 3 alunos (3,03%) responderam «Não» e 3 alunos (3,03%) não responderam. Sendo assim, das respostas dadas pelos alunos construímos 7 categorias para incluir as suas justificações sobre a opção tomada.

As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue.

Tabela 32 - Opinião dos alunos acerca do projecto “A hora do conto” no melhoramento da leitura

Categorias	Nº	%
Agora leio melhor	17	17,17
Agora sou mais criativo	25	25,25
Agora leio mais livros	26	26,26
Apliquei-me mais na leitura	11	11,11
Melhorei na atenção e concentração	14	14,14
Não me fez ler melhor	3	3,03
Não respondeu	3	3,03
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

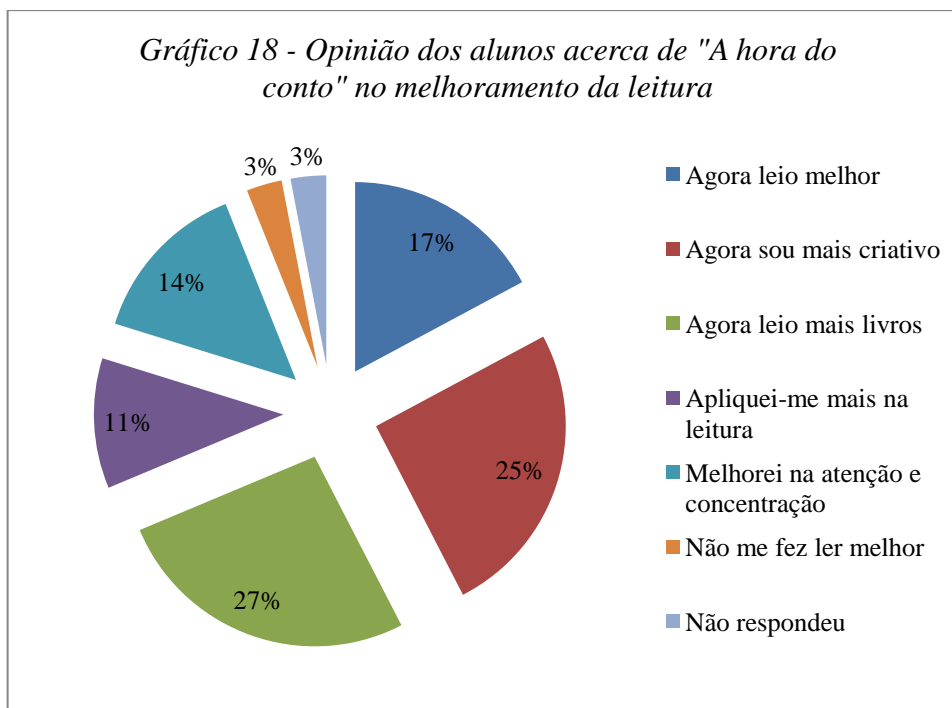
Para esta questão construímos 7 categorias para incluir as justificações dos alunos.

Na categoria «Agora sou mais criativo» incluíram-se frases tais como: «Agora escrevo textos com mais imaginação». Na categoria: «Melhorei a atenção e concentração» incluíram-se as frases: «Agora já não dou tantos erros», «Ajudou-me a compreender as palavras» e «Agora já sei ler bem».

O número mínimo de frases foi de 3 alunos (3,03%) que «Não responderam» e 3 alunos (3,03) que disseram «Não me fez ler melhor».

Quanto à razão mais apontada pelos alunos relativamente ao projecto de «A hora do conto» na ajuda a melhorar a leitura, 26 alunos (26,26%) justificaram que «Agora leio mais livros» 25 alunos (25,25%) «Agora sou mais criativo», 17 alunos (17,17%) «Agora leio melhor» e 14 alunos (14,14%) «Melhorei na atenção e concentração».

Em síntese, segundo os alunos (93,93%) dos alunos consideram o projecto de «A hora do conto», os ajudou a melhorar a leitura.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 7. - Considera que o calendário e a duração das sessões de «A hora do conto» foram os mais adequados?»

A esta questão 58 alunos (58,58%) responderam afirmativamente e 40 alunos (40,40%) responderam negativamente. Assim, construímos 6 categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 33 - Razões apontadas pelos alunos acerca do calendário e duração das sessões de "A hora do conto"

Categorias	Nº	%
Deveria haver mais dias	41	41,41
Porque eram dias em que podia estar presente	30	30,30
Não prejudicaram as actividades lectivas	7	7,07
Ficamos menos tempo na nossa escola	5	5,05
Não justificaram	16	16,16
Total	99	99,99

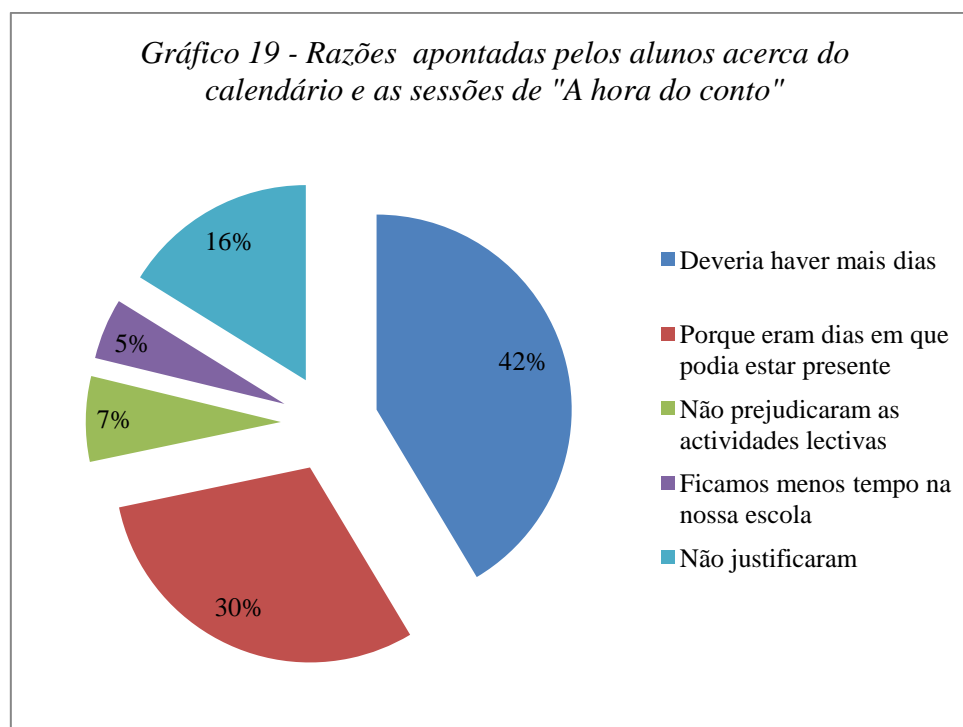
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise de frases é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 99 frases.

O número mínimo de frases são (5) «Ficamos menos tempo na nossa escola» com (5,05%) e o máximo (41) «Deveria haver mais dias» com (41,41%).

Quanto à razão mais apontada acerca do calendário e duração das sessões de «A hora do conto», com (41,41%) é a frase «Deveria haver mais dias» com 41 respostas, com (30,30%) «Porque eram dias em que podia estar presente» com 30 respostas, seguindo-se com 7 respostas (7,07%) a frase «Não prejudicaram as actividades lectivas e por fim com 5 respostas (5,05%) a resposta «Ficamos menos tempo na nossa escola». 16 alunos (16,16%) "Não justificaram" a sua resposta.

Na categoria «Deveria haver mais tempo», incluíram-se frases tais como «Deveria haver mais sessões, mais tempo e mais vezes». Na categoria «Porque eram dias em que podia estar presente» foram incluídas «Permitia que todas as crianças participassem.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 8. - Gostaria que o projecto «A hora do conto continuasse no próximo ano lectivo?

Dos 99 alunos inquiridos, a esta questão 96 alunos (96,96%) responderam “Sim” e 3 alunos (3,03%) responderam “Não. Assim, construímos a tabela que se segue, onde estão justificadas as suas respostas.

Tabela 34 - Opinião dos alunos acerca da continuidade do projecto no próximo ano lectivo

	Nº	%
Sim	96	96,96
Não	3	3,03
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Porquê?

Para esta questão construímos 8 categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 35 - Razões apontadas pelos alunos acerca da continuidade do projecto “A hora do conto” no próximo ano lectivo

Categorias	Nº	%
Divertido	8	7,20
Gostei muito das actividades	50	45,04
Foi importante	26	23,42

Despertou-me a imaginação	5	4,50
Despertou-me para a leitura	9	8,10
Gosto de histórias	4	3,60
Ajuda os que não sabem ler muito bem	6	5,40
Não gosto de ler	3	2,70
Total	111	99,96

Fonte: Dados recolhidos por questionário

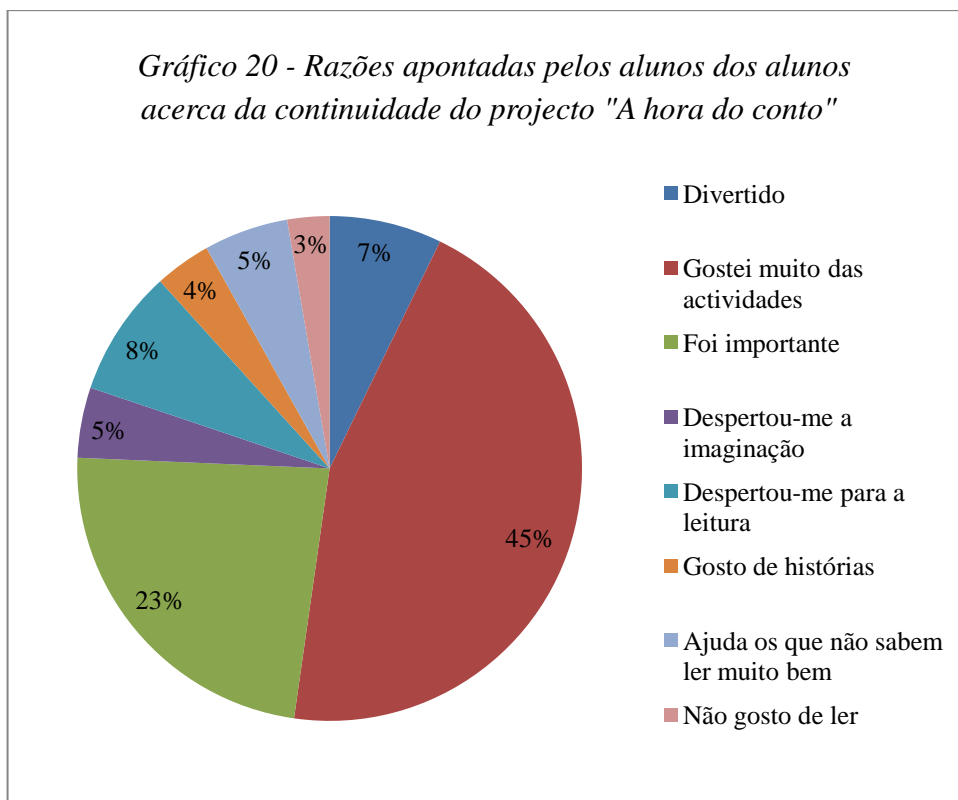
Como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 111 frases.

O número mínimo de frases foram (3) «Não Gosto de ler» e o máximo foram (50) «Gostei muito das actividades».

Quanto à razão mais apontada acerca da continuidade do projecto «A hora do conto» no próximo ano lectivo, com (45,04%) é a frase «Gostei muito das actividades» com 50 respostas. A menos mencionada foi «Não gosto de ler» com (2,70%) com 3 respostas. Seguem-se com 4 respostas (3,60%) a frase «Gosto de histórias», com 5 respostas (4,5%) a frase «Despertou-me a imaginação», com 6 respostas (5,40%) a frase «Ajuda os que não sabem ler muito bem», com 8 respostas (7,20%) a frase «Divertido», com 9 respostas (8,10%) «Despertou-me para a leitura» e por fim com 26 respostas (23,42%) a frase «Foi importante e interessante».

Na categoria «Gostei muito das actividades», incluíram-se frases tais como «Actividades musicais, teatrais, pintura e leitura». Na categoria «Despertou-me a imaginação» foram incluídas «Criatividade e fantasia» e «Permitia que todas as crianças participassem». Na categoria «Despertou-me para a leitura» foram incluídas «Passei a gostar mais de livros e de ler». Na categoria «Foi importante» foram incluídas «Interessante».

Em síntese, podemos dizer que uma substancial maioria dos alunos (96,96%), gostariam que o projecto «A hora do conto» deveria continuar no próximo ano lectivo.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 9. - Se tivesse de sugerir um livro qual seria?

Dos 99 alunos inquiridos, a esta questão 92 alunos (96,96%) responderam à questão sugerindo um livro e 3 alunos (3,03%) não responderam. Assim, construímos a tabela que se segue, onde estão justificadas as suas respostas.

Tabela 36 - Sugestão de um livro

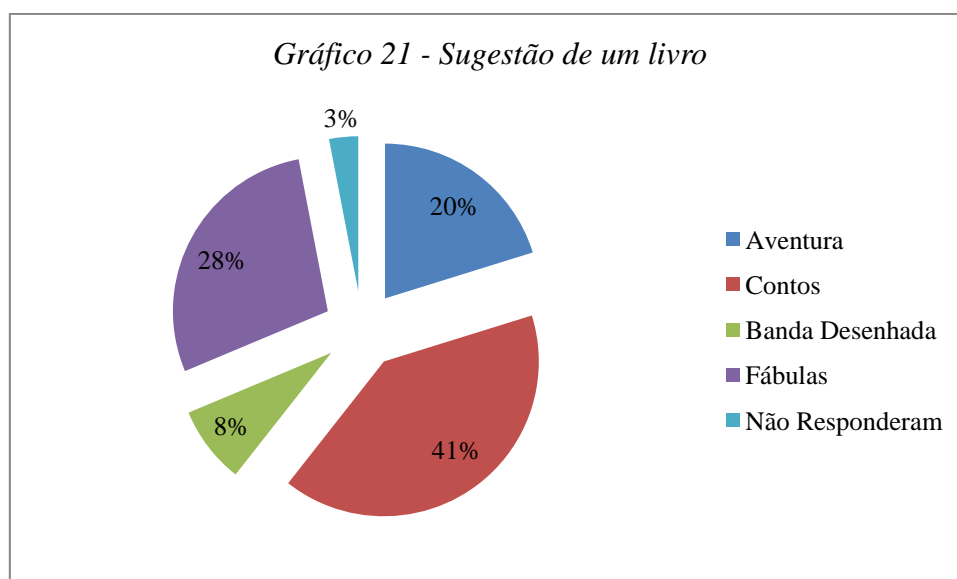
Respostas	Nº	%
Aventura	20	20,20
Contos	40	40,40
Banda Desenhada	8	8,08
Fábulas	28	28,28
Não Responderam	3	3,03
Total	99	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

As respostas dos alunos foram muito variadas, onde 96 (96,96%) dos alunos sugeriram um livro. Optou-se assim agrupar os livros por temas. Assim, como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 99 frases.

O número mínimo de frases foram (3) com (3,03%) «Não Responderam» e o máximo foram (96) com (40) com (40,40%) «Contos». 20 alunos (20,20%), sugeriram um livro na categoria de «Aventura», 8 alunos (8,08%), um livro na categoria de «Banda Desenhada» e 28 alunos com (28,28%) na categoria de «Fábulas».

Pode-se dizer que (96,96%) dos alunos sugeriram um livro.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 10. - Refira dois adjectivos que traduza o seu gosto pela «A hora do conto».

Para esta questão construímos 8 categorias para incluir as justificações dos alunos sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 37 - Adjectivos que traduzem o gosto pela “A hora do conto”

Categorias	Nº	%
Agradável	55	27,77
Bonito	29	14,64

Interessante	50	25,25
Alegre	18	9,09
Entusiasmante	25	12,62
Engraçada	17	8,58
Encantadora	2	1,01
Aborrecido	2	1,01
Total	198	99,97

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de sentido de análise é a frase, na justificação dada pelos alunos foram obtidas 198 frases.

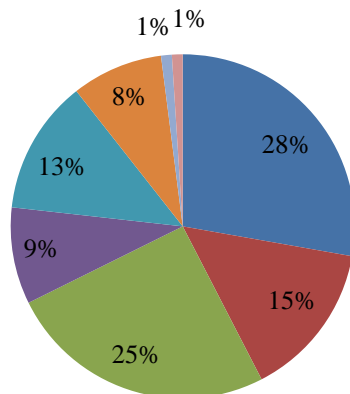
O número mínimo de frases foram 2 «Encantadora» e «Aborrecido» e o máximo de 55 frases «Agradável».

Em síntese podemos dizer que o adjectivo que traduz o gosto pela «A hora do conto» mais mencionado foi «Agradável», referido por 55 alunos (27,77%), seguindo-se «Interessante» com 50 respostas (25,25%), «Bonito» com 29 respostas (14,64%), «Entusiasmante» com 25 respostas (12,62%), «Alegre» com 18 respostas (9,09%), «Engraçado» com 17 respostas (8,58%), e por fim com 2 respostas cada «Encantadora» e «Aborrecido» (1,01%) respectivamente.

De uma maneira geral, avaliando pelas respostas dadas, verificou-se que os alunos atribuíram adjectivos de satisfação relativamente ao projecto «A hora do conto». Apenas 1 aluno (1,01%) classificou “A hora do conto” com o adjectivo de «Aborrecido».

Gráfico 22 - Adjectivo que traduzem o gosto pela "A hora do conto"

■ Agradável ■ Bonito ■ Interessante ■ Alegre
■ Entusiasmante ■ Engraçada ■ Encantadora ■ Aborrecido



Fonte: Dados recolhidos por questionário

6.3 QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Questão: 2. - Costuma integrar as actividades inseridas no projecto “A hora do conto” e os seus recursos nas suas planificações, relacionando-as com o desenvolvimento de competências de leitura?

A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. Para justificarem as suas respostas, teriam que assinalar três situações mais frequentes. As frequências de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 38 - Razões apontadas pelos professores da integração das actividades de “A hora do conto” nas suas planificações para o desenvolvimento de competências de leitura

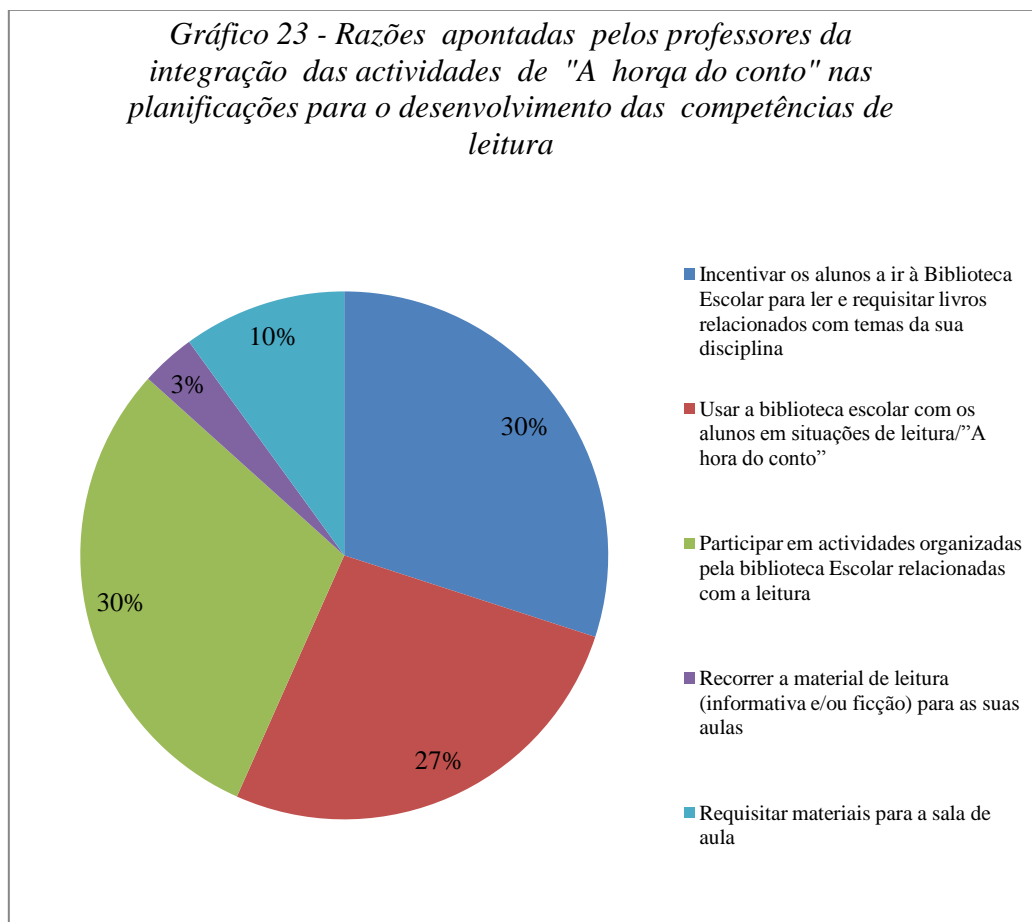
Respostas	Nº	%
Incentivar os alunos a ir à Biblioteca Escolar para ler e requisitar livros relacionados com temas da sua disciplina	9	30
Usar a biblioteca escolar com os alunos em situações de leitura/”A hora do conto”	8	26,66
Participar em actividades organizadas pela biblioteca Escolar relacionadas com a leitura	9	30
Recorrer a material de leitura (informativa e/ou ficção) para as suas aulas	1	3,33
Requisitar materiais para a sala de aula	3	10
Total	30	99,99

Fonte: Dados recolhidos por questionário

As razões mais mencionadas pelos professores da integração das actividades de «A hora do conto» nas suas planificações para o desenvolvimento de competências de leitura, com (9) respostas (30%) «Incentivar os alunos a ir à Biblioteca Escolar para ler e requisitar livros relacionados com temas da sua disciplina». Assim como com o mesmo resultado: «Participar em actividades organizadas pela biblioteca Escolar relacionadas com a leitura». Seguindo-se com (8) respostas (26,66%): «Usar a biblioteca escolar com os alunos em situações de leitura na A hora do conto». Com (3) respostas (10%) sucede-se o motivo: «Requisitar materiais para

a sala de aula» e por fim com (1) resposta (3,33%): «Recorrer a material de leitura (informativa e/ou ficção) para as suas aulas».

Pode-se dizer que todos os professores inserem nas suas planificações as actividades e os recursos desenvolvidos no projecto «A hora do conto» relacionando-as com o desenvolvimento de competências da leitura.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 3. - Com que frequência se envolveu em actividades propostas ou articuladas com «A hora do conto?»

3.1. - Envolvimento na discussão da história ou conto adequando-as às problemáticas referentes aos resultados dos alunos ao nível das competências da leitura e das literacias.

A esta questão todos os professores deram uma resposta. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 39 - Envolvimento dos professores nas histórias ou contos ao nível das competências da leitura e das literacias

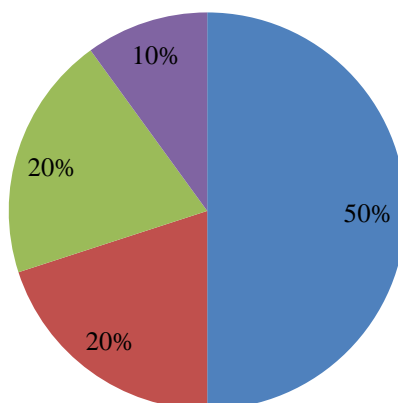
Respostas	Nº	%
Sempre	5	50
Quase Sempre	2	20
Às vezes	2	20
Nunca	1	10
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

É de referir que (90%) dos professores se envolvem na discussão da história ou conto, adequando-a às problemáticas referentes aos resultados dos alunos ao nível das competências da leitura e das literacias. Podemos observar na tabela os seguintes resultados: com (5) respostas, (50%) dos professores responderam «Sempre». Sucedem-se as respostas: «Quase Sempre» e «Às Vezes» num total de (2) com (20%) respectivamente. Por fim, a menos mencionada, obteve-se a resposta: «Nunca» com (1) resposta (10%).

Gráfico 24 - Envolvimento dos professores nas histórias ou contos ao nível das competências da leitura e das literacias

■ Sempre ■ Quase Sempre ■ Às vezes ■ Nunca



Fonte: Dados recolhidos por questionário

3.2. - Colaboração com eventos culturais (encontro com escritores, exposições temáticas, celebração de datas), associando-os ao desenvolvimento de competências ao nível de leituras/literacias.

Em relação a esta questão, todos os professores deram opinião positiva. As respectivas respostas são apresentadas na tabela seguinte:

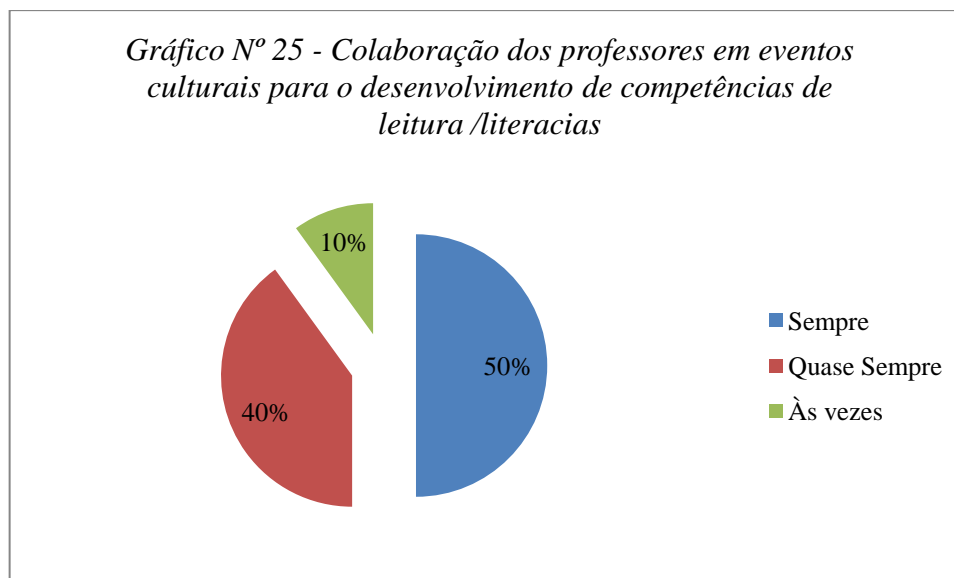
Tabela 40 - Colaboração dos professores em eventos culturais para o desenvolvimento de competências de leitura/literacias

Respostas	Nº	%
Sempre	5	50
Quase Sempre	4	40
Às vezes	1	10
Nunca	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

5 professores (50%), colaboram «Sempre». 4 professores (40%) colaboram «Quase Sempre». Finalmente 1 professor (10%) colabora «Às Vezes».

Todos os professores colaboram em eventos culturais para o desenvolvimento de competências de leitura/literacias. Podendo-se concluir que a sua colaboração é bastante positiva.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

3.3. - Colaboração no âmbito de actividades relacionadas com o Plano Nacional da Leitura.

Em relação a esta questão, todos os professores deram opinião positiva. As respectivas respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 41 - Colaboração dos professores em actividades relacionadas com o PNL

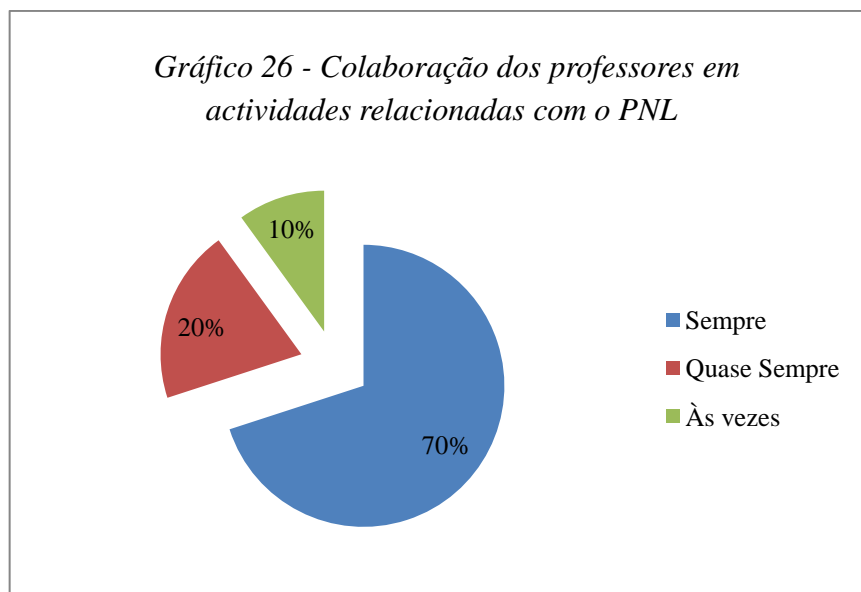
Respostas	N°	%
Sempre	7	70
Quase Sempre	2	20
Às vezes	1	10
Nunca	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Analisando os resultados da tabela, podemos dizer que todos os professores colaboram em eventos culturais para o desenvolvimento de competências de leitura/literacias:

7 professores (70%), colaboram «Sempre», 2 professores (20%) colaboram «Quase Sempre» e finalmente 1 professor (10%) colabora «Às vezes».

Em conclusão, verifica-se que a colaboração dos professores em actividades relacionadas com o PNL é bastante positiva.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

3.4. - Colaboração no sentido do envolvimento das famílias em actividades relacionadas com a melhoria das competências da leitura.

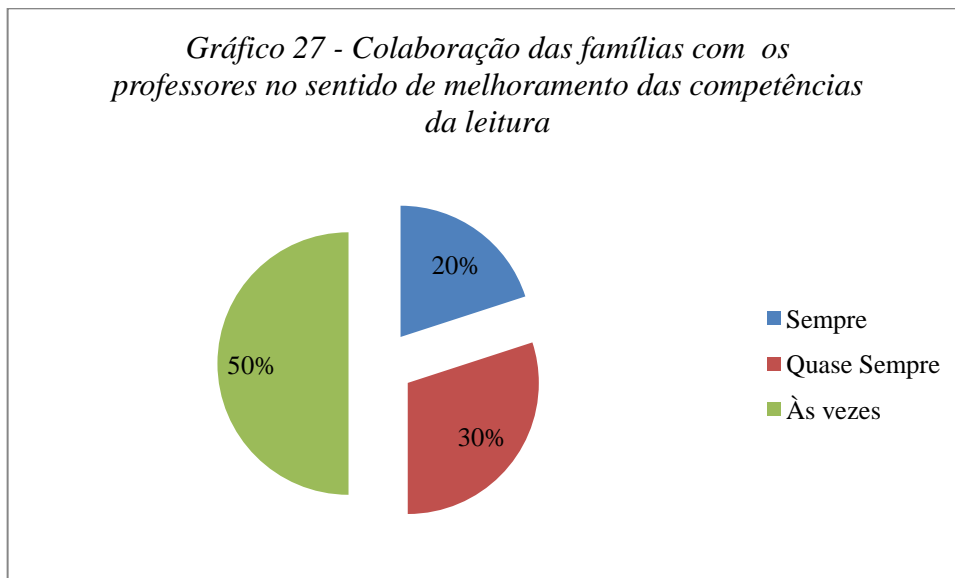
A esta questão responderam todos os professores. As frequências de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 42 - Colaboração dos professores com as famílias no melhoramento das competências da leitura

Respostas	Nº	%
Sempre	2	20
Quase Sempre	3	30
Às vezes	5	50
Nunca	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

De acordo com os resultados da tabela, em relação à colaboração no sentido do envolvimento das famílias em actividades relacionadas com a melhoria das competências da leitura verifica-se que: (20%) envolveram-se «Às Vezes»; (30%) «Quase Sempre» e (50%) «Às Vezes».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 4. - Classifique o nível do trabalho realizado na «A hora do conto» no âmbito da leitura e literacia?

A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. As frequências de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

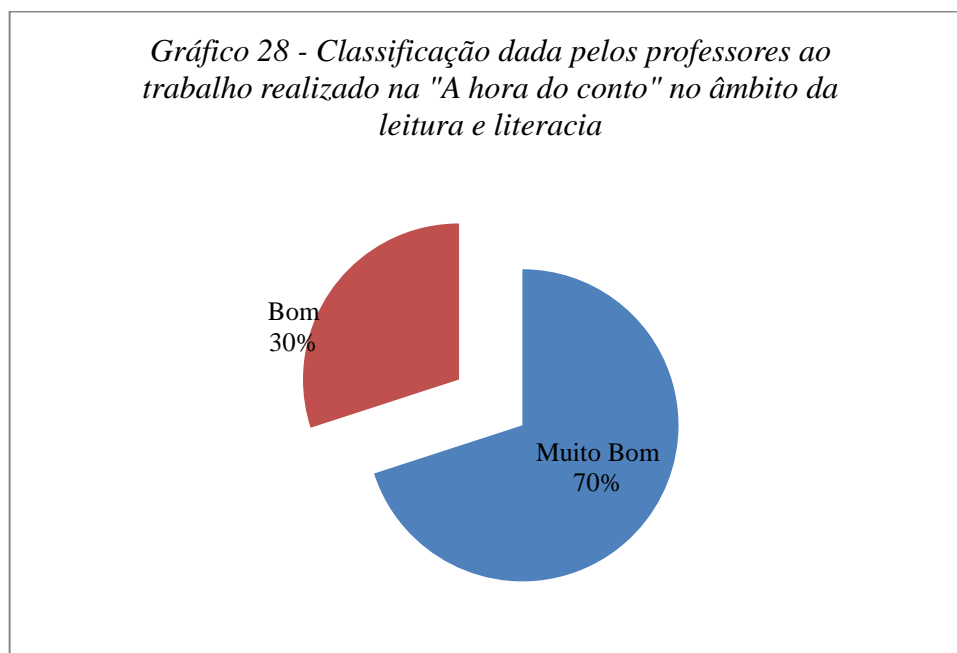
Tabela 43 - Classificação dada pelos professores ao trabalho realizado na “A hora do conto” no âmbito da leitura e literacia

Respostas	Nº	%
Muito Bom	7	70
Bom	3	30
Suficiente	0	0
Insuficiente	0	0
Total	10	100

Fonte – Dados recolhidos por questionário

De acordo com a questão da tabela, é de salientar que 7 professores (70%) classificaram o nível de trabalho realizado pela «A hora do conto» no âmbito da leitura e literacia com «Muito Bom» e 3 professores (30%) com «Bom».

Podemos destacar que todos os professores atribuíram uma Boa classificação ao trabalho desenvolvido de «A hora do Conto» no âmbito da leitura e literacia.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 5. - Expresse a concordância ou discordância relativamente às afirmações que constam da tabela abaixo, no que se refere à “A hora do conto” no âmbito da leitura.

5.1. - Desenvolve um trabalho sistemático e continuado no âmbito da promoção da leitura?

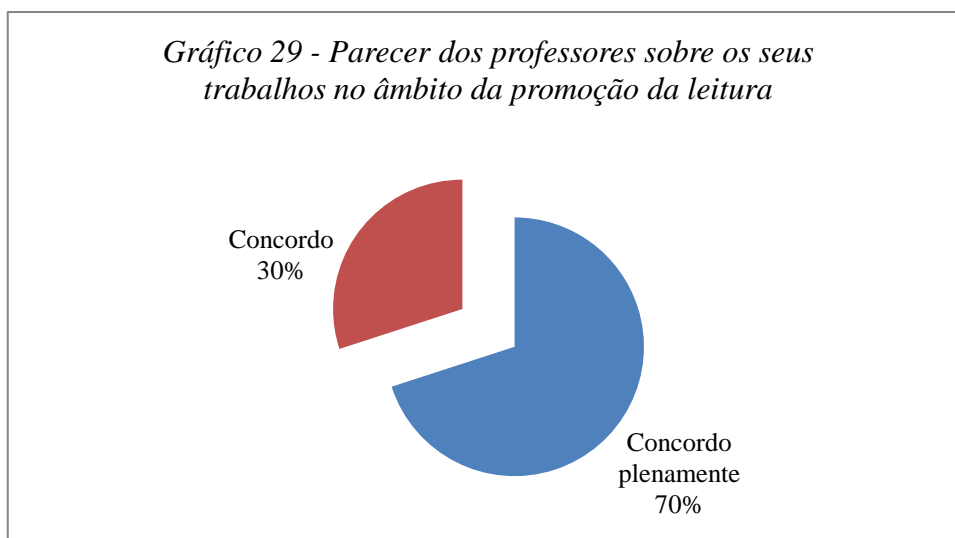
A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. As frequências de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 44 - Parecer dos professores sobre os seus trabalhos no âmbito da promoção da leitura

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	7	70
Concordo	3	30
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Analisando os resultados da tabela, a resposta mais assinalada, pelos professores, acerca da concordância relativa ao trabalho desenvolvido no âmbito da promoção da leitura, foi: «Concordo Plenamente» com (70%), seguindo-se a resposta: «Concordo» com (30%).



Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.2. - Promove a leitura literária e a discussão sobre temas, autores e livros?

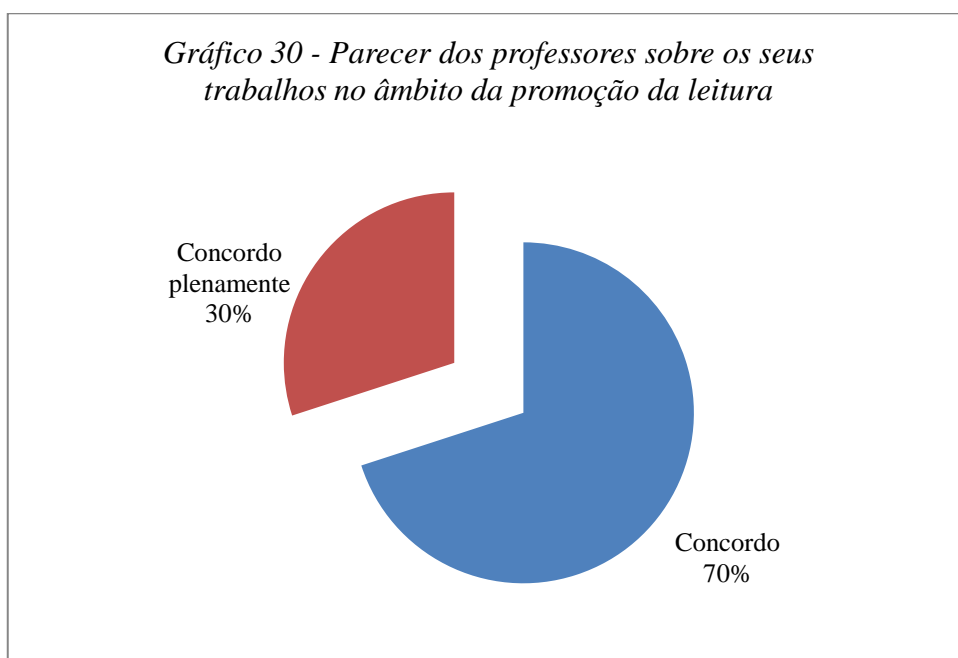
A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. As frequências de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 45 - Parecer dos professores na promoção da leitura literária e discussão sobre temas, autores e livros

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	3	30
Concordo	7	70
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

De acordo com os resultados da tabela, acerca da promoção da leitura literária e discussão sobre temas, autores e livros, a resposta mais assinalada dos inqueridos foi: «Concordo» com (70%) e «Concordo Plenamente» com (30%).



Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.3. - Promove actividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão?

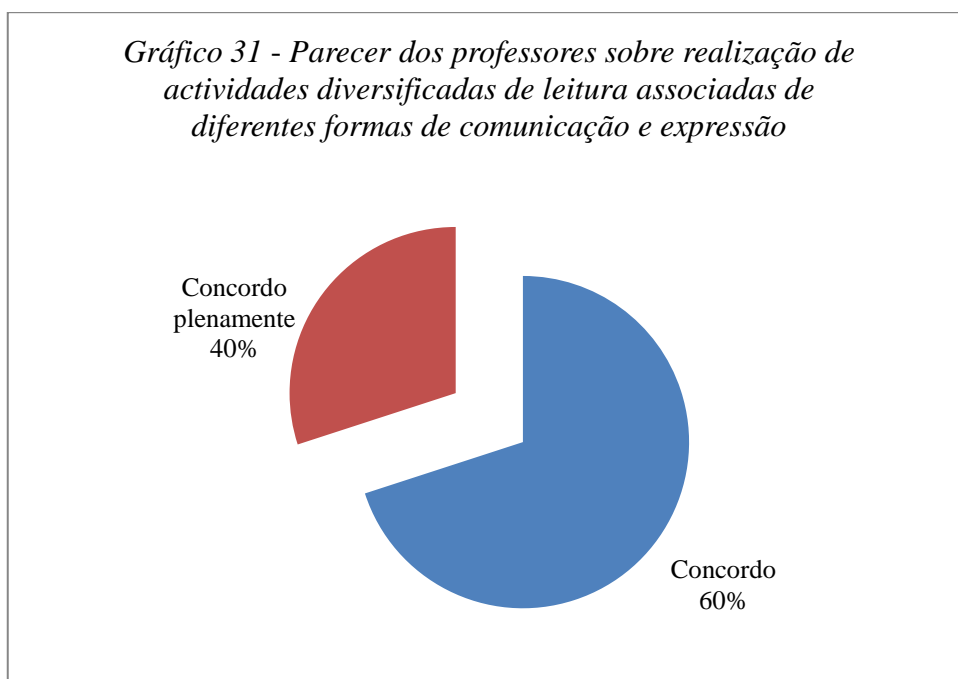
Em relação a esta questão, todos os professores manifestaram opinião positiva. As respectivas respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 46 - Parecer dos professores sobre realização de actividades diversificadas de leitura associadas a diferentes formas de comunicação e expressão

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	4	40
Concordo	6	60
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Os resultados apresentados na tabela referentes à promoção de actividades diversificadas de leitura associadas a diferentes formas de comunicação de expressão, indicam que (60%) dos professores «Concordam» e (40%) «Concordam Plenamente».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.4. - Desenvolve actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura?

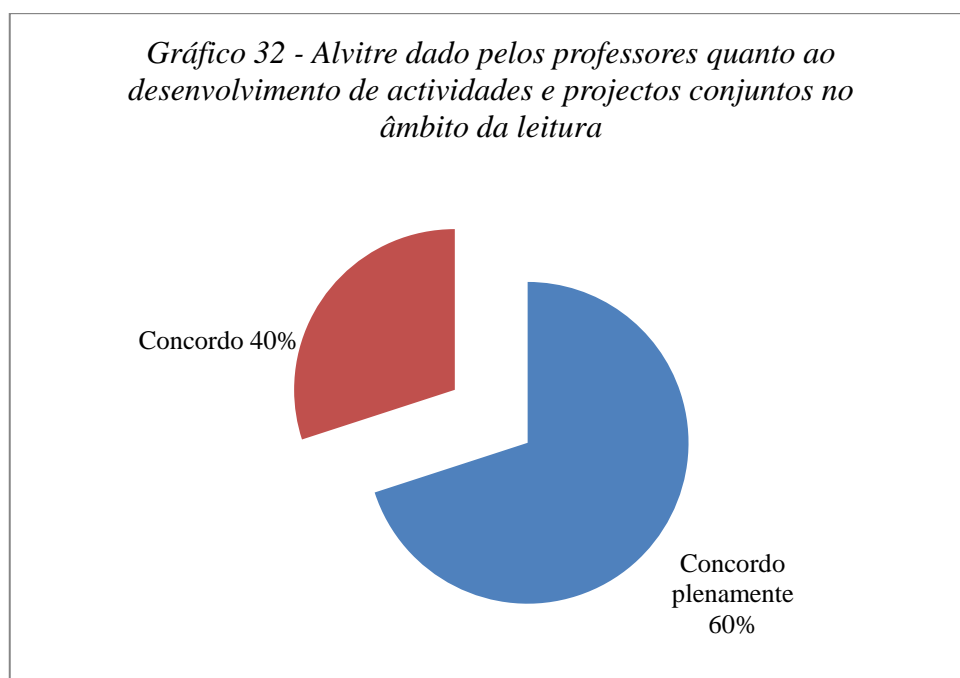
Em relação a esta questão, todos os professores deram opinião positiva. As respectivas respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 47 - Alvitre dado pelos professores quanto ao desenvolvimento de actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	6	60
Concordo	4	40
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Analisando os resultados da tabela relativos à concordância dos professores em relação ao desenvolvimento de actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura, pode-se aferir que (60%) dos professores «Concordam Plenamente» e os outros (40%) «Concordam».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.5. - Mobiliza para o desenvolvimento do Plano nacional da Leitura (PNL)?

Em relação a esta questão, todos os professores manifestaram opinião positiva. As respectivas respostas são apresentadas na tabela seguinte:

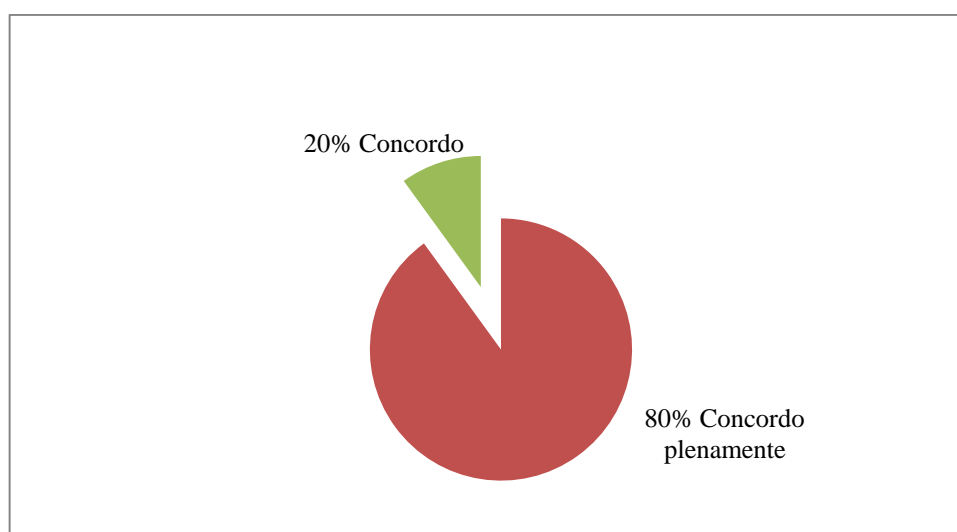
Tabela 48 - Parecer dos professores sobre a sua mobilização para o desenvolvimento do PNL

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	8	80
Concordo	2	20
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Com base nos resultados da tabela, pode-se constatar que (80%) dos professores «Concordam Plenamente» com a questão apresentada e (20%) «Concordam».

Gráfico 33 - Parecer dos professores sobre a sua mobilização para o desenvolvimento do PNL



Fonte: Dados recolhidos por questionário

5.6. - Trabalha com recursos e ambientes digitais que permitem a discussão de temas, a produção de conteúdos e o trabalho colaborativo?

A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. As frequências de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

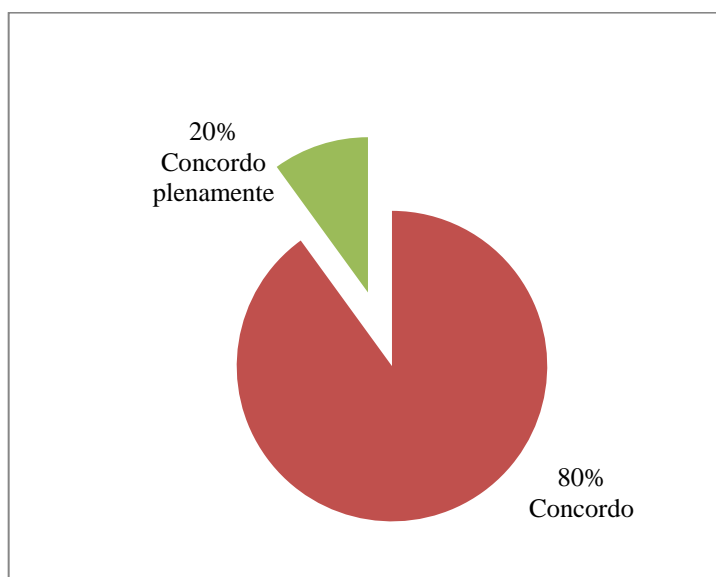
Tabela 49 - Parecer dos professores sobre o seu trabalho com recursos digitais

Respostas	Nº	%
Concordo Plenamente	2	20
Concordo	8	80
Discordo	0	0
Discordo Plenamente	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Analisando os resultados apresentados na tabela, pode-se concluir que (80%) dos professores «Concordam» e (20%) «Concordam Plenamente», em relação ao trabalho com recursos e ambientes digitais que permitem a discussão de temas, a produção de conteúdos e trabalho colaborativo.

Gráfico 34 - Parecer dos professores sobre o seu trabalho com recursos digitais



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 6. - Em que medida considera que «A hora do conto» contribuí para o desenvolvimento das competências de leitura e para os resultados escolares dos seus alunos?

A esta questão todos os professores responderam afirmativamente. As frequências de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 50 - Apreciação dos professores relativamente ao contributo de “A hora do conto” no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares dos alunos

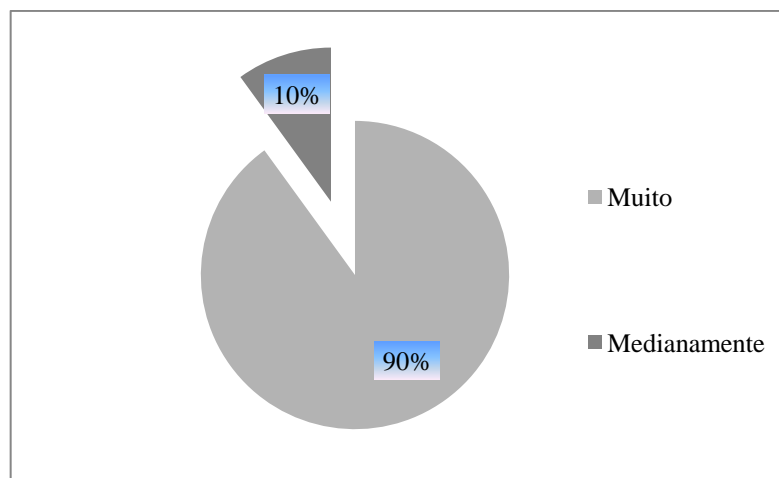
Respostas	Nº	%
Muito	9	90
Medianamente	1	1
Pouco	0	0
Nada	0	0
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

De acordo com a questão da tabela, é de salientar que 9 professores (90%) consideraram que o trabalho realizado pela «A hora do conto» contribuiu «Muito» e apenas 1 professor considerou que este contributo foi «Medianamente» no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares dos seus alunos.

Podemos referir que a apreciação dos professores em relação «A hora do conto», foi bastante positiva no que concerne à sua acção.

Gráfico 35 - *Apreciação do professores relativamente ao contributo da “A hora do conto” no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares dos alunos*



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 7. - Que impacto considera que «A hora do conto» tem nas competências de leitura dos seus alunos?

Todos os professores responderam a esta questão. Assim, foram citadas (4) respostas para justificarem as suas opções. As frequências de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 51 - *Opinião dos professores relativa ao impacto de “A hora do conto” nas competências dos alunos*

Respostas	Nº	%
Melhoria nas competências de compreensão	7	29,16
Aumento do gosto pela leitura	8	33,33
Melhoria ao nível da oralidade e da escrita	8	33,33
Melhoria no uso de ambientes digitais de leitura e das literacias digitais e de informação	1	4,16
Total	24	99,88

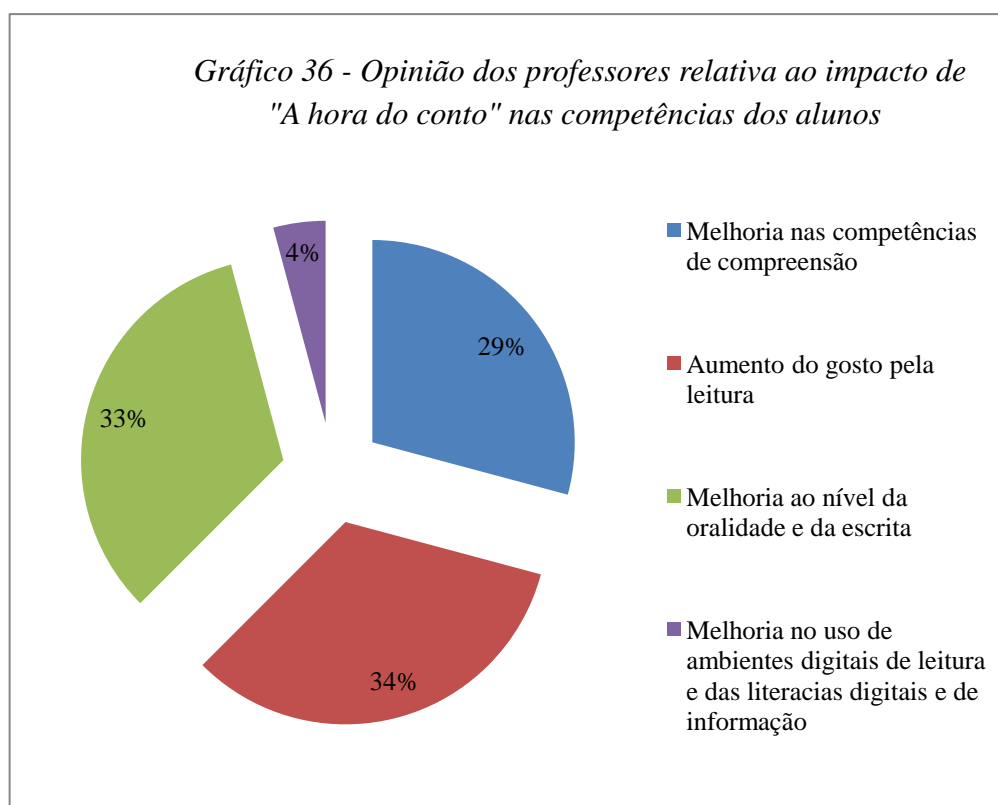
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade da análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos professores foram obtidas 4 frases.

O número mínimo de frases é (1) com (4,16%), sendo esta: «Melhoria no uso de ambientes digitais de leitura e das literacias digitais e de informação».

Quanto à razão mais apontada pelos professores relativamente ao impacto que «A hora do conto» tem nas competências de leitura nos seus alunos, 8 professores com (33,33%) indicaram duas respostas sendo estas: «Aumento do gosto pela leitura» e «Melhoria ao nível da oralidade e da escrita». A resposta que se seguiu foi: «Melhoria nas competências de compreensão» com (7) respostas (29,16%). Somente 1 professor com (4,16%), referiu que «Melhoria no uso de ambientes digitais de leitura e das literacias digitais e de informação».

Pode-se concluir que todos os professores consideraram que “A hora do conto” teve um impacto bastante positivo no desenvolvimento das competências de leitura dos seus alunos.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 8. “Das actividades que presenciou qual aquela que gostaria de destacar em particular?”

A esta questão 8 professores (80%) deram uma resposta e 2 professores (20%) não responderam. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela que se segue:

Tabela 52 - Actividades desenvolvidas na “A hora do conto” destacadas pelos professores

Respostas	Nº	%
Todas	5	50
A vida e Obra de Beethoven	2	20
Concerto da orquestra do Norte “Quebra Nozes”	2	20
Não respondeu	1	10
Total	10	100

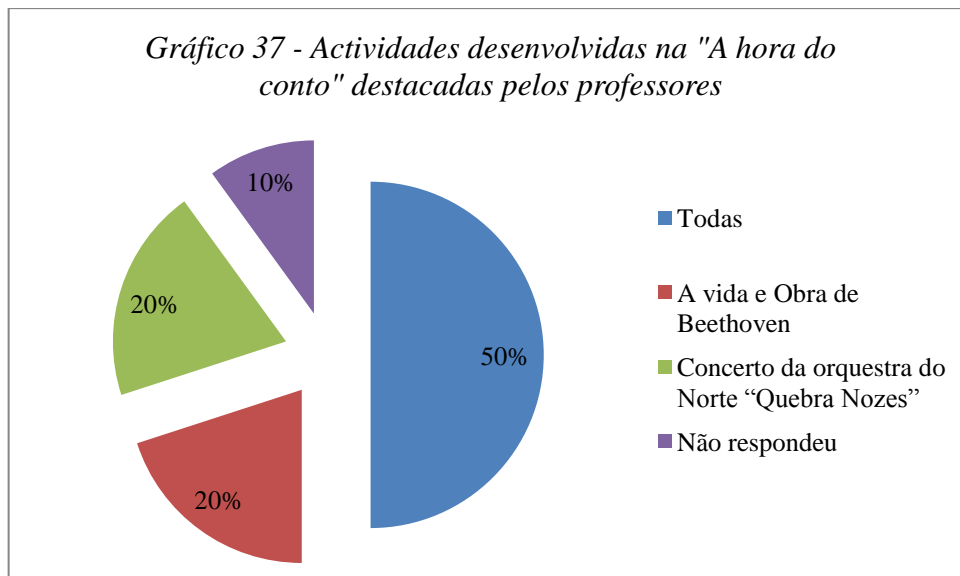
Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de análise é a afirmação com sentido, na justificação dada pelos professores foram obtidas 10 frases.

O número mínimo de frases são (1) «Não respondeu» e o máximo (5) «Todas».

2 professores (20%) elegeram a actividade «A Vida e Obra de Beethoven», assim como a deslocação a Chaves onde os alunos assistiram ao concerto da Orquestra do Norte e foram apresentados com a história do “Quebra Nozes” do compositor Tchaikovsky.

Os professores acharam que as actividades desenvolvidas foram muito interessantes e estavam muito bem preparadas e que a interacção dos animadores com os alunos foi extremamente positiva. Justificaram ainda as suas respostas relativamente ao encontro com a actividade do “Quebra Nozes” foi preciosa, uma vez que, despertou a atenção das crianças para a música, visualização dos instrumentos e do contador de histórias.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 9. - Considera que este projecto deve ter continuação?

A esta questão todos os professores responderam «Sim».

Questão: 9.1. - Que sugestões gostaria de fazer nesse sentido?

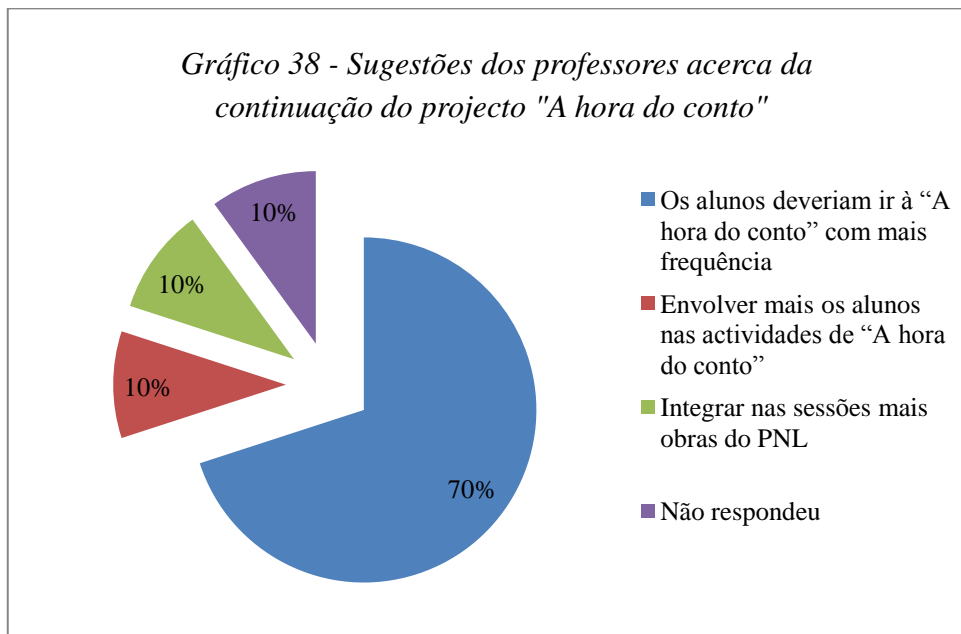
Dos 10 professores inquiridos, a esta questão 9 professores (90%) responderam e 1 professor (10%) não respondeu. Assim, construímos a tabela que se segue, onde estão justificadas as suas respostas.

Tabela 53 - Sugestões dos professores acerca da continuação do projecto "A hora do conto"

Categorias	Nº	%
Os alunos deveriam ir à "A hora do conto" com mais frequência	7	70
Envolver mais os alunos nas actividades de "A hora do conto"	1	10
Integrar nas sessões mais obras do PNL	1	10
Não respondeu	1	1
Total	10	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Com (4) frases (40%) temos a categoria: «Os alunos deveriam ir à “A hora do conto” com mais frequência» referida pelos professores. Em igual percentagem com (10%) apresentam-se as categorias: «Envolver mais os alunos nas actividades de “A hora do conto”» e «Integrar nas sessões mais obras do PNL».



Fonte: Dados recolhidos por questionário

Questão: 10. - Refira dois adjectivos que qualifiquem «A hora do conto».

Para esta questão construímos 4 categorias para incluir as justificações dos professores sobre a opção tomada. As categorias e respectiva frequência de respostas são apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 54 - Adjectivos atribuídos pelos professores à “A hora do conto”

Categorias	Nº	%
Interessante	3	15
Agradável	8	40
Dinâmica	2	10
Criativa	7	35
Total	20	100

Fonte: Dados recolhidos por questionário

Como a unidade de sentido de análise é a frase, na justificação dada pelos 10 professores, foram obtidas 20 frases.

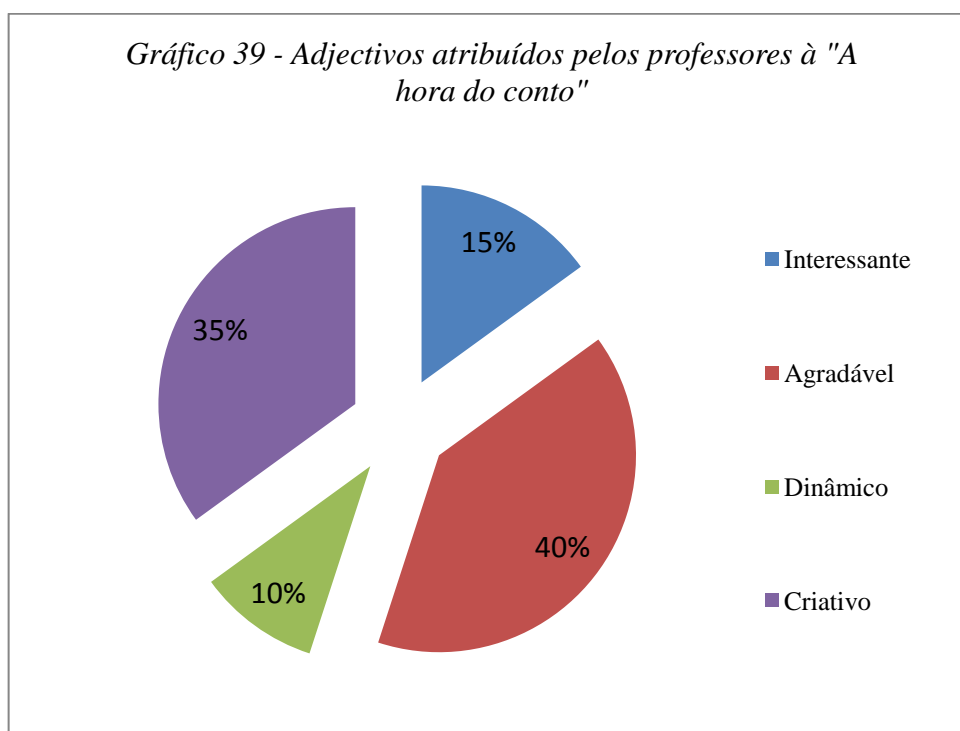
O número mínimo de frases são (2) «Dinâmica» e o máximo de (8) «Agradável».

Na categoria «Agradável», incluíram-se frases tais como: «Brilhante», «Maravilhosa» e «Bom».

Na categoria «Criativa», incluíram-se as frases: «Estimulante», «Frutífera», «Imaginativa» e «Cativante».

Pelos resultados dos dados apresentados, podemos dizer que os adjectivos mais mencionados pelos professores para qualificarem «A hora do conto» foram: «Agradável» referido por 8 com (40%), «Criativa» por 7 com (35%), «Interessante» por 3 com (15%) e por fim «Dinâmica» por 2 com (10%).

Em conclusão e de acordo com os resultados apresentados nas tabelas e gráficos, verificou-se que a opinião de todos os professores em relação às actividades desenvolvidas na «A hora do Conto», foi bastante positiva e encorajadora.



Fonte: Dados recolhidos por questionário

CONCLUSÃO E LINHAS DE ACTUAÇÃO

Se, por um lado, a Educação não pode prescindir nem da Escola, nem do professor, por outro, esta deverá constituir-se como um lugar privilegiado de encontro, de diálogo e de partilha, de crescimento e de convivência, onde todos e cada um, se possam sentir como em casa embora, como refere Vieira (1999: 67), “na prática, a escola vive uma tensão entre a uniformização e a diversificação, entre a tradição da cultura legítima do Estado e a modernidade da educação e pedagogias interculturais”.

Neste contexto, mediante a participação e a intervenção em actividades educativas, as diferenças de raça, de sexo, de cor, de cultura ou de religião deixariam de constituir obstáculos à convivência pacífica. Numa palavra, a Escola deverá constituir-se como um espaço intercultural, passando-se da retórica discursiva à prática.

Os contactos que tivemos oportunidade de estabelecer com vários intervenientes no processo educativo (não só o escolar), desde discentes a docentes, inseridos em vários contextos, permitiram-nos tomar consciência de que, apesar dos vários discursos existentes sobre a escola e o professor, continua a persistir uma visão etnocêntrica quando duas ou mais culturas se relacionam.

Concomitantemente, apercebemo-nos que é difícil trocar ideias e reflectir sobre rotinas e experiências do nosso trabalho, isto é, sempre que pretendíamos penetrar no espaço representativo do outro, a complexidade aumentava.

Embora reconhecendo que não conseguimos avançar tanto quanto era desejável (por razões alheias à nossa vontade), uma certeza nos alenta: as nossas inquietações são partilhadas. Estamos convictos de que só pela reflexão na e para a acção é possível desocultar-se o âmago das pessoas e das coisas. É um desafio que obriga a uma profunda articulação entre o pensar e o agir, pois o pensamento justo é inseparável da acção.

O investimento nas pessoas permite construir uma genuína cultura educativa, democrática e substantiva, ainda que a diversidade, a unidade e as contradições façam parte integrante do nosso quotidiano. Investindo nas pessoas, é possível que os seus contributos pessoais e institucionais funcionem como um inestimável contributo para o requestionamento da cultura humanista da liberdade, da fraternidade e da igualdade – não esquecendo valores como a justiça social, a solidariedade e a tolerância.

Há que aceitar os novos e constantes desafios que se colocam nos dias de hoje. Não podemos fugir à realidade que nos cerca. Pelo contrário, teremos que aprender a viver e a conviver com as nossas diferenças, respeitando e valorizando os outros, procurando fundamentar o que nos une e não o que nos separa.

Teremos que crescer no respeito que, em nosso entender, deverá enraizar-se na não aceitação da hegemonia do modelo cultural exclusivamente europeu. Nesta postura, terá de existir uma participação no diálogo de culturas sem a adopção de estilos homogeneizadores de formas de vida.

É necessário abrir caminhos a novas reflexões e práticas que contribuam para as transformações da sociedade.

Defendemos a existência de professores verdadeiramente humanos e humanizadores, apostados em trazer à prática uma carga crítico-reflexiva, dentro do respeito pela ética universal. É claro que os professores robotizados não sentirão essa tarefa como sua, o que define a nobre missão de educar.

Os diálogos que mantivemos com os vários intervenientes no nosso estudo, se outros méritos não tiveram, pelo menos serviram de tentativa para vencer resistências e dificuldades de diversa ordem, abrindo caminho em termos de futuro.

A diversidade das fontes, aliada à pluralidade metodológica na recolha de dados, indispensáveis à confirmação ou infirmação das questões levantadas, permitiu-nos retirar as seguintes conclusões:

- as actividades que mais despertaram a atenção dos alunos foram as musicais e de leitura, com 24.66% e 24.32%, respectivamente;

- dos inquiridos, 98% responde que o projecto da “Hora do conto” despertou o gosto pela leitura, passando a ter mais prazer pela leitura (32.32%);

- 93.93% afirmou que o projecto “Hora do conto” ajudou a melhorar a leitura, lendo mais livros por parte de 26%, sendo mais criativos para 25%, tornando-se melhores leitores (17%);

- 70% dos docentes inquiridos afirma que desenvolve trabalhos na promoção da leitura, associando actividades diversificadas de leitura (60%);

- 90% dos docentes inquiridos afirma que o projecto “Hora do conto” contribuiu significativamente no desenvolvimento das competências de leitura e dos resultados escolares

dos alunos, aumentando-se, também, o gosto pela leitura (33%), registando-se uma melhoria ao nível da oralidade e da escrita (33%) e ao nível das competências de compreensão (29%). A totalidade dos docentes inquiridos respondeu, por unanimidade, sobre a continuidade do projecto em questão.

Deste modo, reduzindo este trabalho à sua exacta dimensão e alcance, ousamos pensar que, apesar de modesto, poderá ser tomado como um momento de um percurso mais geral de investigação de problemas relativos à Educação nas suas múltiplas dimensões e contextos.

Em última análise, diremos que consideramos que a não contemplação da Animação Artística no desenvolvimento da Literacia e na promoção da leitura conduz, inexoravelmente, a uma desorientação, a uma perda de sentido, pois estamos convencidos que a perda de relevância das questões relativas a este âmbito acarreta consequências para a Educação, pois ela mesma, supondo orientação, projecção e direcção de sentido, se sente perdida (Fleck e Prats, 2001).

Se concebemos a Escola como o principal instrumento de construção de uma sociedade, dado que nela se concentra o que consideramos fulcral e que queremos passar às gerações vindouras, é, então, o local singular para que se possa fomentar uma cultura de conhecimento e de capacidade crítica sobre os aspectos mais marcantes da nossa cultura.

Apesar de se afirmar que a “hora mais escura é a que vem antes do Sol nascer” (cf. Vieira, 2004:53), pensamos que poderemos acordar um pouco antes e contemplar, serenamente, a aurora de um novo dia.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Paulo (Coord.) (2008): *Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Azevedo, Fernando e Sardinha Maria da Graça (2009): *Modelos e Práticas em Literacia*. Lisboa: Lidel
- Benavente, Ana (1996): *A Literacia em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Beja, Francisco, Topa, José e Madureira, Cristina (1999): *Jogos e Projectos de Expressão Dramática*. Porto: Porto Editora.
- Bell, Judith (1997): *Como Realizar Um Projecto de Investigação Um Guia Para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bloom, Harold (2000): *Como Ler e Porquê*. Lisboa: Caminho.
- Bogdan, Robert e Biklen Sari ((1994): *Investigação Qualitativa em Educação Uma Introdução s Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brown, S e McIntyre, D. (1981): *Na Action-Research approach to Innovation in Centralized Educational Systems*. European Journal of Science Education 3.
- Cadório, Leonor (2001): *O Gosto pela Leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cardoso, Maria de Fátima, Silva, Marta Ferreira e Bastos, Pedro André (2002): *Educação Pela Arte*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Carmo, Ferreira e Malheiro, Manuela (2007): *Metodologia da Investigação. Guia para a Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, São Luís e Sucena, Ana (2008): *Aprender a Ler e Avaliar a Leitura O Til: Teste de Idade de Leitura*. Coimbra: Almedina.
- Conde, Elsa (coord.) (2010): *Modelo de Avaliação da Biblioteca escolar*, Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares – Ministério da Educação.
- Coutinho, C. (2005): *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal – Uma Abordagem Temática e Metodológica a Publicações Científicas (1985-2000)*. Braga: I.E.P. : Universidade do Minho.
- Costa, Almeida e Melo Sampaio (1995). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Curto, Diogo Ramada (2004): *Leitores de Bibliotecas Públicas*. Lisboa: Colibri.
- Eco, Umberto (2009): *Como Se Faz Uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

- Ferraz, Maria Heloísa C. de T. e Fusari, Maria F. de Rezende (1999): *Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo: Cortez Editora.
- Fleck, Montserrat e Prats, Enric. (2001): *Un Lugar Llamado Escuela. En la Sociedad de la Información y de la Diversidad*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Flusser, Vilém (1998): *Ensaio Sobre a Fotografia*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Freixo, Manuel (2010): *Metodologia Científica Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Gainza, Hemsy (1988): *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Editora Summus.
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1992): *O Inquérito. Teoria e Prática: Celta Editora*.
- Giasson, Jocelyne (1993): *A Compreensão na Leitura*. Porto: Edições Asa.
- Gombrich, Ernest (2007): *Arte e Ilusão*. São Paulo: Martins Fontes.
- Houaiss, António e Villar, Salles, Mauro (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- Jean, Georges, (1999): *A Leitura em Voz Alta*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Jean, Raymond (1992): *A Leitora*. Lisboa: Teorema.
- Jolibert, Josette (1994): *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kemmis, S. e McTaggart, R. (1996): *The Action Research Reader*. Deakin University: Victoria.
- Kleiman, Angela (1996): *Oficina de Leitura*. São Paulo Editora da Unicamp.
- Landier, Jean-Claude e Barret Gisèle (1994): *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Edições Asa.
- Langford, Michael (2002): *Fotografia Básica*. Lisboa: Dinalivro.
- Latorre, A. Rincón, D e Arnal, J. (1996): *Bases Metodológicas de la Investigación Educativa*. Barcelona: Hurtado Ediciones.
- Lima, José e Brum, Alexandre (2009): *A Dimensão Económica da Literacia em Portugal: Uma Análise*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Lobato, Monteiro (1964): *América*. São Paulo: Brasiliense.
- Mata, Lourdes (2006): *Literacia Familiar: Ambiente Familiar e Descoberta da Linguagem Escrita*. Porto: Porto Editora
- Niza, Sérgio, (coord.) ((1998): *Criar o Gosto pela Escrita Formação de Professores*. Mem Martins: Ministério da Educação.
- Nogueira, A. I. C. et al. (1990): *Formação Contínua de Professores: Um estudo. Um Roteiro*. Coimbra: Almedina.

- Oliveira, Teresa (2007): *Teses e Dissertações Recomendações Para a Elaboração e Estruturação de Trabalhos Científicos*. Lisboa: Editora RH
- Peixoto, Fernando (2006): *História do Teatro Europeu*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Poslaniec, Christian (2005): *Incentivar o Prazer de Ler Actividades de Leitura Para Jovens*. Porto: Edições Asa.
- Rebelo, José Augusto da Silva (1993): *Dificuldades da Leitura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico*. Porto: Edições Asa.
- Pahlen, Kurt (1990): *Nova História Universal da Música I, II, III*. São Paulo: Melhoramentos.
- Poslaniec, Christian ((2006): *Incentivar o prazer de ler*.
- Reis, Carlos (coord.) (2008): *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação
- Reis, Luciano (2005): *Os Grandes Dramaturgos Portugueses*. Lisboa: Setecaminhos.
- ____ (2005): *Os Grandes Actores Portugueses*. Lisboa: Setecaminhos.
- ____ (2005): *O Teatro, do Conceito à Montagem*. Lisboa: Setecaminhos.
- Sandroni, Laura e Machado, Raul (199): *A Criança e o Livro: Guia Prático de Estimulo à Leitura*. São Paulo: Ática
- Santos, José, Lobo, Fernando e Pité, Jorge (2005): *Dramaturgia*. Lisboa: Setecaminhos.
- Sim-Sim, Inês (2006): *Ler e Ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.
- ____ (2007): *Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ____ (2007): *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ____ (2007): *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ____ (2008): *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ____ (2009): *O Ensino da Leitura: Avaliação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ____ (2009): *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Simão, A. M. V. (2002): *Aprendizagem Estratégica: Uma Aposta na Auto-regulação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sobrino, Javier García (oorg) (2000): *A Criança e o Livro a Aventura de Ler*. Porto: Porto Editora.

- Sousa, Alberto B. (2003): *Educação Pela Arte e Artes na Educação, 1º Volume, Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- ____ (2003): *Educação Pela Arte e Artes na Educação, 2º Volume, Drama e Dança*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- ____ (2003): *Educação Pela Arte e Artes na Educação, 3º Volume, Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, Gonçalo (2005): *Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Vieira, Alice (1998): *Introdução à Obra de Alice Vieira*. Lisboa: Caminho.
- Vieira, Ricardo (Org.) (2004). *E agora professor. A transformação na voz dos professores*. Porto: Profedições.
- Vieira, R. (1999). *Histórias de vida e Identidades: Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento
- Vieira, Sonia (2008): *Como Escrever Uma Tese*. São Paulo: Editora Atlas.
- Willems, Edgar (1970): *As Bases psicológicas da Educação Musical*. Bienne: Edições Pro-Música.
- Perrenoud, Philippe (2000): *10 Novas competências para ensinar*. Porto Alegre. Artmed

Internet

- Coutinho, Clara (2008): “Investigação Acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm (Consultado em 2 de Julho de 2011).
- Lemos, Arminda (2009): “Dia Internacional da Literacia”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://bibliotecadegas.blogspot.com> (Consultado em 18 de Setembro de 2011).
- Lemos, Arminda (2011): “As Melhores Mensagens Sobre a BE”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://bibliotecadegas.blogspot.com> (Consultado em 3 de Novembro de 2011).
- Ongaro, Carina, Silva, Cristiane e Ricci, Sandra (s.d): “A Importância da Música na Aprendizagem”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf> (Consultado em 10 de Novembro de 2010).

- Oliveira, Cristiane, (2005): “A Importância do Maravilhosa na Literatura Infantil”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm> (Consultado em 2 de Setembro de 2010).
- Pinto, Candida e Richter, Marcos (s.d): “Teoria da Atividade e Modelos de Leitura em Livros Didáticos de Português - L2”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/L&C_2S_06/Marcos_Candida.pdf (Consultado em 4 de Junho de 2011).
- Ministério da Educação (): “Plano Nacional da Leitura”. *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php> (Consultado em 8 de Dezembro de 2010).
- Rossi, R. (2007): Direitos da Criança: Convenção dos Direitos da Criança.” *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org> (consultado em 5 de Outubro de 2010)
- Conferência Nacional de Educação Artística (2007) *Surfaces* 1.11. Internet. Disponível em <http://www.educacao-artistica.gov.pt> (consultado em 9 de Setembro de 2010)

Outros Documentos

Decreto-Lei nº 344/90 de 2 de Novembro

Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro

Decreto-Lei nº 74/2004 de 26 de Março

Despacho 12591/2006 de 16 de Junho

Lei nº 46/86 de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo

ANEXOS

ANEXO 1

Autorização

Eu, David Manuel Duro Afonso, professor do Quadro de Nomeação Definitiva, do 250 – Educação Musical, Venho por este meio, pedir autorização para a recolha de fotos e vídeos das actividades desenvolvidas na Biblioteca Escolar do Agrupamento de Vidago relativo ao Projecto “A hora do conto”, no decorrer do Ano Lectivo 2009/2020, no âmbito do Mestrado de Animação Artística.

Desde já, agradeço a colaboração.

Autorizo

Não Autorizo

Encarregado(a) de Educação do(a) aluno(a) _____

Assinatura

ANEXO 2



Hora do Conto

2009/2010

Dia/Mês	Escola/Jardim de Infância	Conto
07/10	EB1 Vidago – 4º ano	Pedrito Coelho + Os Dois Coelhos (Fábula)
14/10	JI Vidago	Pedrito Coelho
21/10	EB1 Vidago – 3º ano	Pedrito Coelho+ Os Dois Coelhos (Fábula)
28/10	São Simão	
04/11	EB1 Vidago – 1º ano	Pedrito Coelho
11/11	São Martinho	
18/11	Loivos	Pedrito Coelho+ Os Dois Coelhos (Fábula)
25/11	Pré - sala 2	Pedrito Coelho
09/12	Pré-escolar sala 1 e Arcossó	Dia das línguas
16 / 12		Neve - Não houve Sessão
6/1	Pré - sala 1 / 2 - 2º Vidago / 4º EB 2,3	Não Acredito no Pai Natal (Sombras)
13/01	1º / 3º 4º (Vidago) - Loivos	Ninguém dá Prendas ao Pai Natal (Sombras)
20/01	EB1 de Vila Verde+ Adães +Pré - sala 2 - Pré - sala 1+4º EB 2,3+2º Vidago	Ninguém dá Prendas ao Pai Natal (Sombras)
27/01	EB1 Vidago – 1º ano	Aventuras do Lápis Branco - O que é um amigo?
03/02	Pré - sala 2	Aventuras do Lápis Branco - O que é um amigo?
10/02	3º Ano Vidago	O sapo Apaixonado
24/02		-----
03/03	4º Ano Vidago	Lareira D. Lucinda

10/03	2º Vidago/ 4º ano EB	O sapo apaixonado
17/03	Loivos	O sapo apaixonado
24/03	Escolas de Vidago	Escritora Ana Macedo
14/04		Inspecção (Não houve sessão)
21/04	Loivos	Vida e Obra de Beethoven
28/04	3º Ano Vidago	Vida e Obra de Beethoven
05/05	Vila Verde e Adães /4ºAno Vidago	Vida e obra de Beethoven
12/05	2º Ano EB Vidago	Vida e Obra de Beethoven
19/05	1º Ano Vidago	Vida e Obra de Beethoven
26/05	Pré - sala 1 /Pré - sala 2 Arcossó	Vida e Obra de Beethoven
02/06	4º Ano Vidago	Vida e Obra de Beethoven
09/06	Todos os alunos 1º Cclo	“Quebra Nozes” Tchaikovsky

ANEXO 3

Pedrito Coelho

Autor :
Desconhecio



Vou contar a história do coelhinho engraçado
Que vivia no bosque e tinha muitos amigos
Flopsy e Mopsy, que nomes tão catitas
Rabinho de Algodão e o Pedrito

ANEXO 4

Música: Jorge Constante Pereira
Letra: Sérgio Godinho

“Os Abraços”

♩ = 60

São dois bra-ços, são dois bra-ços a-ssim co - mo qua-tro bra-ços
ser-vem pra dar um a - bra-ço

ser-vem pra dar dois a - bra-ços E assim por aí fo - ra
té que quan-do for a ho - ra

vão ser tan - tos os a - bra-ços que não vão che - gar os bra-ços

vão ser tan - tos os a - bra-ços prós a - bra - ços
que não vão che - gar os bra-ços

ANEXO 5

Música: Beethoven

Hino da Alegria



Escuta irmão esta canção de alegria,
O canto alegre de que espera um novo dia.

Vem, canta, vive cantando,
Vive sonhando um novo Sol.

Vem e os homens,
Voltarão a ser irmãos.

ANEXO 6

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

QUESTIONÁRIO: Contributo da Animação Artística no Desenvolvimento da Literacia e na Promoção da Leitura

Data: ____/____/____

- Este questionário destina-se a obter informações quanto à percepção dos alunos relativamente à actividade “A hora do conto” que se realiza regularmente na Biblioteca da escola durante este ano lectivo.
- Enquadra-se no âmbito do Mestrado em Animação Artística da Escola Superior de Educação de Bragança.
- O anonimato e a confidencialidade das respostas são integralmente garantidos.
- Não há respostas correctas nem incorrectas, a sua opinião é sempre válida.
- *Agradecemos desde já a sua colaboração.*

Responda, por favor, a todas as questões

1.1 Idade _____

1.2 Sexo: Masculino

Feminino

1.3 Residência (localidade):

1.4. Qual o ano de escolaridade que frequenta:

1° 2° 3° 4°

2. Costuma ler?

Sim

Não

3. Que tipo de leitura prefere?

Fábulas Aventura Contos Banda Desenhada Ficção
Outros _____

4. Lê habitualmente em casa?

Sim Não

5. Em que altura do dia costuma ler?

Nas Férias	Tempo de aulas:
De manhã <input type="radio"/>	À Noite/deitar <input type="radio"/>
À tarde <input type="radio"/>	Fim de semana <input type="radio"/>
À Noite/deitar <input type="radio"/>	Outros <input type="radio"/>
Fim de semana <input type="radio"/>	Qual? _____ --

6. Costuma contar histórias a alguém?

Sim

Não

7. Gosta de ouvir histórias?

Sim

Não

7.1. De que forma?

Dramatizadas Cantadas Gravadas Lidas

Outras _____

8. Costuma utilizar a biblioteca escolar (BE)?

Todos os dias

Uma ou duas vezes por semana

Uma ou duas vezes por mês

Uma ou duas vezes por período

Muito raramente e de forma irregular

Nunca, porquê _____

9. Utiliza os recursos da BE nas suas actividades escolares?

Sozinho

Com os colegas

Com o professor

Na hora do conto

Nas férias.

Noutra situação. Qual?

10. Costuma fazê-lo sozinho ou acompanhado?

11. Requisita livros para ler?

- Diariamente
- Uma vez por semana
- Uma vez por
Uma vez por período
- Nunca
- Outros

12. O que gosta mais de fazer na biblioteca?

- Ler
- Usar o computador
- Ver filmes
- Outros
- Quais? _____

13. Frequenta as sessões “A hora do conto” na biblioteca?

Sim

Não

13.1. O que mais gosta nestas sessões?

- Cenário História Música/canção Contador da história Actividades depois da história
- Outros _____

14. Gostaria que “A hora do conto” fosse apresentada num local diferente?

Sim

Não

14.1. Onde?

- Auditório Sala de aula Casa de familiar Ao ar livre
- Outros _____

15. Que actividades gostaria de ver desenvolvidas na “A hora do conto”?

Obrigado

ANEXO 7

QUESTIONÁRIO

Contributo da Animação Artística no Desenvolvimento da Literacia e na Promoção da Leitura

Data: ____/____/____

- Este questionário destina-se a obter informações quanto à percepção dos alunos relativamente à actividade “A hora do conto” que se realizou regularmente na Biblioteca da escola durante este ano lectivo.
- Enquadra-se no âmbito do Mestrado em Animação Artística da Escola Superior de Educação de Bragança.
- O anonimato e a confidencialidade das respostas são integralmente garantidos.
- Não há respostas correctas nem incorrectas, a sua opinião é sempre válida.
- *Agradecemos desde já a sua colaboração.*

Responda, por favor, a todas as questões

1.1 Idade _____

1.2 Sexo: Masculino

Feminino

1.3 Residência (localidade):

2. Participou nas actividades de “A hora do conto?” _____

3. De que actividades lhe despertaram mais atenção?

Teatrais _____

Musicais _____

Pintura _____

Reconto _____

Leitura _____

4. Gostaria de descrever alguma em particular?

5. Considera que o projecto “A hora do conto” lhe despertou o gosto pela leitura?

Porquê? _____

6. Considera que “A hora do conto” o ajudou a melhorar a leitura? _____

Porquê? _____

7. Considera que o calendário das sessões da “A hora do conto” foi adequado? _____

Porquê? _____

8. Gostaria que o projecto “A hora do conto” continuasse no próximo ano lectivo? _____

Porquê? _____

9. Se tivesse de sugerir a leitura de um livro qual seria?

Porquê? _____

10. Refira dois adjectivos que traduza o seu gosto pela “A hora do conto”.

Assinale com um (X) a sua resposta.

Agradável _____

Bonito _____

Aborrecido _____

Interessante _____

Alegre _____

Engraçado _____

“Seca” _____

Entusiasmante _____

Outra _____ ; _____

Obrigado

ANEXO 8

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

QUESTIONÁRIO: Contributo da Animação artística no Desenvolvimento da Literacia e na Promoção d Leitura

Data: ____/____/____

- Este questionário destina-se a obter informações quanto à percepção dos professores relativamente à actividade de animação “A hora do conto” que se realizou regularmente na Biblioteca Escolar durante este ano lectivo.
- Enquadra-se no âmbito do Mestrado em Animação Artística da Escola Superior de Educação de Bragança.
- O anonimato e a confidencialidade das respostas são integralmente garantidos.
- Não há respostas correctas nem incorrectas, a sua opinião é sempre válida.
- *Agradecemos desde já a sua colaboração.*

Responda, por favor, a todas as questões

1.1 Idade _____

1.2 Sexo: Masculino

Feminino

1.3. Profissão _____

1.4. Residência (localidade):

2. Costuma integrar as actividades inseridas no projecto “A hora do conto” e os seus recursos nas suas planificações, relacionando-as com o desenvolvimento de competências da leitura?

SIM

NÃO

2.1 Se respondeu **SIM**, assinale com um (X) as **três situações** mais frequentes:

2.2 Incentivar os alunos a ir à Biblioteca Escolar para ler e requisitar livros relacionados com temas da sua disciplina. ____

2.3 Usar a Biblioteca Escolar com os alunos em situações de leitura/ “A hora do conto”. ____

2.4 Fazer empréstimo domiciliário com a turma. ____

2.5 Participar em actividades organizadas pela Biblioteca Escolar relacionadas com a leitura. ____

2.6 Recorrer a material de leitura (informativa e/ou ficção) para as suas aulas. ____

2.7 Requisitar materiais para a sala de aula. ____

2.8 Aceder aos computadores para realizar trabalhos . ____

3. Com que frequência se envolveu em actividades propostas ou articuladas com

“A hora do conto”? Assinale com um (X) a sua resposta.

3.1 Envolvimento na discussão da história ou conto adequando-as às problemáticas referentes aos resultados dos alunos ao nível das competências da leitura e das literacias.

Sempre	<input type="checkbox"/>	Quase Sempre	<input type="checkbox"/>	Às Vezes	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	---------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	--------------	--------------------------

3.2 Colaboração com eventos culturais (encontro com escritores, exposições temáticas, celebração de datas), associando-os ao desenvolvimento de competências ao nível da leitura/literacias.

Sempre	<input type="checkbox"/>	Quase Sempre	<input type="checkbox"/>	Às Vezes	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	---------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	--------------	--------------------------

3.3 Colaboração no âmbito de actividades relacionadas com o Plano Nacional da Leitura.

Sempre	<input type="checkbox"/>	Quase Sempre	<input type="checkbox"/>	Às Vezes	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	---------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	--------------	--------------------------

3.4 Colaboração no sentido do envolvimento das famílias em actividades relacionadas com a melhoria das competências da leitura.

Sempre	<input type="checkbox"/>	Quase Sempre	<input type="checkbox"/>	Às Vezes	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
---------------	--------------------------	---------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	--------------	--------------------------

4. Classifique o nível do trabalho realizado pela “A hora do conto” no âmbito da leitura e literacia. Assinale com um (X) a sua resposta.

Muito Bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/>	Insuficiente	<input type="checkbox"/>
------------------	--------------------------	------------	--------------------------	-------------------	--------------------------	---------------------	--------------------------

5. Expresse a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações que constam da tabela abaixo, no que se refere à “A hora do conto” no âmbito da leitura. Assinale com um (X) a sua resposta.

5.1 Desenvolve um trabalho sistemático e continuado no âmbito da promoção da leitura.

Concordo Plenamente	<input type="checkbox"/>	Concordo	<input type="checkbox"/>	Discordo	<input type="checkbox"/>	Discordo Plenamente	<input type="checkbox"/>
----------------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	----------------------------	--------------------------

5.2 Promove a leitura literária e a discussão sobre temas, autores e livros.

Concordo Plenamente	<input type="checkbox"/>	Concordo	<input type="checkbox"/>	Discordo	<input type="checkbox"/>	Discordo Plenamente	<input type="checkbox"/>
----------------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	----------------------------	--------------------------

5.3 Promove actividades diversificadas de leitura, associando diferentes formas de comunicação e de expressão.

Concordo Plenamente	<input type="checkbox"/>	Concordo	<input type="checkbox"/>	Discordo	<input type="checkbox"/>	Discordo Plenamente	<input type="checkbox"/>
----------------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	-----------------	--------------------------	----------------------------	--------------------------

5.4 Desenvolve actividades e projectos conjuntos no âmbito da leitura.

Concordo Plenamente		Concordo		Discordo		Discordo Plenamente	
--------------------------------	--	-----------------	--	-----------------	--	--------------------------------	--

5.5 Mobiliza para o desenvolvimento do Plano Nacional da leitura (PNL).

Concordo Plenamente		Concordo		Discordo		Discordo Plenamente	
--------------------------------	--	-----------------	--	-----------------	--	--------------------------------	--

5.6 Trabalha com recursos e ambientes digitais que permitem a discussão de temas, a produção de conteúdos e o trabalho colaborativo.

Concordo Plenamente		Concordo		Discordo		Discordo Plenamente	
--------------------------------	--	-----------------	--	-----------------	--	--------------------------------	--

6. Em que medida considera que “A hora do conto” contribuí para o desenvolvimento das competências de leitura e para os resultados escolares dos seus alunos? Assinale com um (X) a sua resposta.

Muito		Medianamente		Pouco		Nada	
--------------	--	---------------------	--	--------------	--	-------------	--

7. Que impacto considera que “A hora do conto” tem nas competências de leitura dos seus alunos? Assinale com um (X) a sua resposta.

7.1 Melhoria nas competências de compreensão. ____

7.2 Aumento do gosto pela leitura. ____

7.3 Melhoria ao nível da oralidade e da escrita. ____

7.4 Melhoria no uso de ambientes digitais de leitura e das literacias digitais e de informação. ____

7.5 Outro. Qual? _____

8. Das actividades que presenciou qual a aquela que gostaria de destacar em particular e porquê?

Porquê? _____

9. Considera que este projecto deve ter continuação? ____

9.1 Que sugestões gostaria de fazer nesse sentido?

10. Refira dois adjectivos que qualifiquem “A hora do conto”.

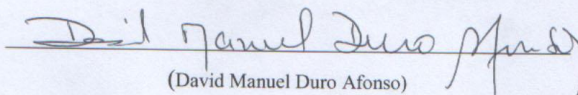
Anexo 9

Exmo Sr. Director Executivo
Agrupamento Vertical de Escolas de Vidago

Eu, David Manuel Duro Afonso, Professor do Quadro de Nomeação Definitiva desta escola, grupo 250, solicito a V. Exª autorização para aplicação de questionários a alunos e professores do 1º Ciclo, no âmbito do projecto de dissertação em Animação Artística, que estou a concretizar nesta escola sobre o tema “Contributo da Animação Artística na Literacia”.

Vidago, 14 Dezembro de 2009

O Professor


(David Manuel Duro Afonso)

